MOTIM LITERARIO

EM

FÓRMA DE SOLILOQUIOS

POR

José Agostinho de Macedo.

3.ª EDIÇÃO EMENDADA, E ACCRESCENTADA COM A BIOGRAPHIA DO AUTHOR, HUM CATALOGO DAS SUAS OBRAS, E O JUIZO CRITICO D'ELLAS,

POR

Antonio Maria do Couto,

PROFESSOR DE GREGO, &C.

TOMO III.

LISBOA,

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA ROCHA, AOS MARTYRES, N.º 13.

1841.

Vende-se em casa de Borel, Borel, & C.ª aos Martyres n.º 14.

MOTIM LITERARIO

EM

FORMA DE SOLILOQUIOS.

SOLILOQUIO XXXIX.

Os elogios de Thomás fizerão ha annos grande bulha, e labyrintho em Portugal; e ainda hoje andão pelas mãos dos eruditos, e dos que se dão aos estudos oratorios. Grandes altercações, e disputas se tem levantado sempre sobre o merecimento deste homem célebre. Tudo no mundo são bandos, partidos, opiniões; o pró, e o contra dividem entre si os homens. Huns dizem, que Thomás foi hum dos principaes corruptores da eloquencia, e do verdadeiro, e apurado gosto; outros gritão, que elle levára a palma a quantos oradores tem até agu-

ra existido, antigos, e modernos Os controversistas da primeira classe, tem feito todos os esforços possiveis para desacreditar o pobre Thomás, tem procurado banir, ao menos escurecer as suas obras, achão-lhe defeitos, e baldões, que o degradão para a infima relé dos declamadores: os da segunda armada, obstinando-se a ler, e a meditar Thomás, e até a roubar Thomás, lhe conservão o crédito em pé, e o reproduzem em continuas traducções; em Italiano tenho eu visto humas poucas só do discurso, ou do elogio de Marco Aurelio. Se isto não prova, que Thomás não tenha defeitos, prova ao menos, que Thomás tem grandes bellezas. As traducções no meio de huma nação tão douta, tão original como a Italiana, e as traducções tão multiplicadas, provão que o original tenha alguma cousa realmente bella em todas as linguas. Ora eu quero figurar de árbitro entre os dois partidos sem ser chamado por nenhum delles, eu não offenderei nem hum, nem outro. O negocio tem sido levado ao excesso de huma, e outra

parte. Os inimigos de Thomás deixárão-se arrastrar do espirito de prevenção, e o partido opposto tambem se tem deixado cegar pelo fanatismo. Estou desde já persuadido, e o digo a quem o quizer ouvir, que Thomás não he hum escritor para rapazes, e para oradores principiantes, e tão noviços que começão a engatinhar. E depois disto, Thomás em muitos lugares he pouco natural, e seu estilo muitas vezes empollado cança, e estafa a gente com huma monotonia fatigadora, e mais que tudo com a teima de tirar as metaforas das artes, e das sciencias, que não estão ao alcance de todos os leitores: he demasiadamente sacudido, vibrado, e enfatico. Mas apesar deste gigantesco, com que deslustra algumas vezes os seus escritos, tem huma rica abundancia de idéas fortes, e capazes de impôr, huma aluvião de pensamentos rápidos, e nobres, hum fundo immenso, e inexaurivel de diversos, e ricos conhecimentos. Thomás tem alma, e tem fogo, e tem quadros tão vivos, que prendem, ou pinhorão a

attenção do leitor mais distraido. A rapidez de seus pensamentos, e de seus pinceis nos transporta ao campo da batalha, ao meio dos mares, e nos obriga a tomar partido por cousas, que só existem na imaginação. O quadro da morte do Delfim, que morrêo na sua cama; o elogio de Marco Aurelio, ainda que em genero diverso, são pedaços mestres de hum genio sublime. A tirada, ou apostrofe, que o filosofo Apollonio dirige ao herdeiro de Marco Aurelio, arranca as lagrimas do verdadeiro sentimento. A imagem dos dois soldados que afião as espadas no marmore que fechava as cinzas de Mauricio de Saxonia, he huma idéa tão nova, sublime, e ao mesmo tempo tão natural, que me obriga a considerar Thomás naquelle passo superior a si mesmo. Tem defeitos assim he, e qual he o descendente de Adão que os não tenha? Mas he hum homem cheio, nelle não se encontra alguns daquelles vazios falladores, que he preciso aturar-lhe hum milhão de palavras, para lhe pescar huma idéa. He hum nautico,

he hum guerreiro, he hum filosofo, he hum politico.

Entre estas vantagens a imitação de Thomás he perigosa para aquelles que intentão bater a estrada que elle trilhou; eu tenho visto em Portugal Thomistas imitadores tão desgraçados, que lhe não adoptão se não os defeitos. A razão deste estranho fenomeno, he evidente; onde Thomás he bello, he bello originalmente; quando pinta, o faz com tanta verdade, que parece, que as cousas, que elle diz, se não possão dizer diversamente, ou por outra maneira, e persuade-se essa vil caterva dos imitadores, que ella póde com muita facilidade dizer outro tanto. Desta arte ignorando, que o explicar-se daquella sorte he proprio só dos genios sublimes, e não medindo as suas forças imagina, que o póde igualar, e imitar felizmente, e como lhe faltão as forças, para se levantar tanto quanto elle se levanta, cahem de pernas ao ár, quando vão apenas na metade da revoada, ou do vôo. Eu darei hum conselho de amigo aos oradores prin-

cipiantes, que quando se dão á leitura de Thomás, se sirvão delle não para imitação, mas como de huma especie de cordial que os anime, ou de licôr espirituoso que os inflamme. E com effeito, se qualquer genio dado á leitura daquelles ultimos apuros da eloquencia humana, se não sentir excitado, movido, e inflammado, então cuide em buscar pão por outro caminho, porque talentos oratorios, que se não despertão áquella vóz por mais lethargicos, e adormecidos que estejão, não são talentos; e quem permanecer gelado á vista, ou na presença daquelle fogo, busque outro officio.

SOLILOQUIO XL.

Grande estampido fez no mundo das letras, tal qual elle he, a grande questão do merecimento dos antigos comparados com os modernos. No tempo em que em França havia estas agradaveis justas, e torneios literarios, apparecêrão em campo fechado, e aberto, campiões de barbas até a cintura, hum dos generaes era não menos que Boileau; este tinha na sua divisão campiões de alto bordo; do lado opposto estava Perrault, o erudito, sincero Perrault, homem de muito saber, doutrina, e gosto, e até sinceridade; muitos do seu bando não podião gostar das odes de Pindaro, nem das secaturas, e baixezas da Illiada, nem achavão nella o valor que lhe dá o respeito cégo, e surdo da antiguidade em attenção aos mil annos de que falla Juvenal. *Atque uni cedit Homero propter mille annos*; de parte a parte sahirão papeis de

importancia, até á publicação dos maravilhosos parallelos de Perrault, digão o que disserem as chufas de Boileau. Ora metter esta questão outra vez a caminho he huma imprudencia. Com tudo não ha muitos annos, que hum abbade Italiano de mão cheia tratou esta materia divinamente em huma dissertação historico-crítica, que elle pêz á frente da sua nova edição da Illiada. Eu tenho todo o respeito aos padre conscritos, escritores da antiguidade. Creio que não ha entre os vermes literarios hum, que admire mais na ordém oratoria o Demosthenes, e Marco Tullio do que eu; na repartição do Hippocrene, poucos terão estudado mais, conhecido, analysado, e devorado com mais avidade Virgilio, Ovidio, Horacio, e Sillio Italico, que entra na assembléa dos notaveis, (não fallo em Stacio, que este amigo faz jogo a parte, elle não he antigo, nem moderno, he unico, e venhão para cá os críticos tomar-me satisfações.) Mas quando oiço dizer, que depois destes colossos, não he preciso nem reeber a

outros, nem admirar outros que viessem depois delles, ardo, e desespero. Depois de Cicero, Virgilio, e Horacio, as almas pequenas, e idolatras da antiguidade, não estimão mais ninguem; mas elles os não estimarião, se estes mesmos grandes genios tivessem a desgraça de nascer, e apparecer em nossos dias, porque em fim, com huma indomavel mania tem resolvido oppôr-se ao gosto dos modernos. Similhante sentimento só póde nascer em huma alma pequena a quem a natureza negou a mais leve dóse de bom siso, e a quem a filosofia não ensinou a combinar as idéas para ver as cousas em grande. Quem deo a estes anões a liberdade de nos prescrever huma orbita tão curta, e tão apoquentada porque devamos correr? Pequena na verdade, se se compara com a que corrêrão todas as nações, que depois de Athenas, e Roma, cultivárão as letras. Por toda a parte ha coisas bellas, boas, e grandes, nem Demosthenes, nem Cicero forão homens de outra massa differente daquella de que nós somos

formados. Por ventura não devemos fazer justiça ao bom, e sublime onde quer que elle se encontre? Os primeiros genios da antiguidade, que tambem souberão imitar, e seguir a natureza nas obras que nos deixárão, nem a abraçárão, nem a exaurírão toda. Forão os primeiros, que nos encaminhárão pela estrada Coimbrãa direita, e boa; eis-aqui hum motivo pelo qual elles merecem nossa estima, e respeito; mas depois delles vierão novos talentos, que ensinando-nos tambem a imitar a natureza, se tornárão por isso mesmo originaes. Seguírão estes as veredas dos primeiros, colhendo de caminho aquellas flores, que os antigos não tinhão achado, e observado.

He huma manifesta sandice, ou hum destampado fanatismo crer, ou imaginar, que depois de hum genio grande não possa surgir outro, que o iguale, ou que o exceda, ainda quando o imite, e até mesmo quando o roube, como muitos dos modernos tem feito sem escrupulo, e sem consciencia. O ladrão mestre póde ac-

crescentar alguma coisa de novo a fatiota que rouba. Para suppôr que se não podem igualar, nem vencer os antigos, he preciso ter huma idéa muito baixa do ente mais nobre, e mais elevado que ha depois do infinito. He verdade que o entendimento humano tem seus confins, e suas barreiras; mas quando se trata de sciencias, artes, e descobertas puramente humanas, não sabemos ainda até que ponto elle póde estender seus conhecimentos. Se estes demonios, chamados Francezes, me deixarem vivo, e se Portugal tornar a solidar-se nas bases do antigo socego, e independencia, eu tenho resolvido levar ao fim, e á extrema analyse a força da razão humana no conhecimento de tres importantissimas questões, que ha annos fazem continua bulha dentro em minha alma, e que nellas se excitárão com humas profundas palavras, que vem na estampa do frontespicio das obras de Pope em Francez, e que são do theor, e fórma seguinte « Quem sou eu? Onde estou eu? E donde vim eu? » Chegar ao desenvolvimento des-

tas questões, he estender a esfera do infinito possivel da razão humana, e o farei sem o soccorro dos livros, valendo-me unicamente do natural raciocinio.

Certos grammaticões, e rhetoricões, chamados almas pequenas, manietadores do espirito humano poderião imaginar, que Athenas podesse ser vencida nas letras? e com effeito Roma disputou a palma á sua rival, e se não 'lha arrancou das mãos, ao menos a dividio com ella. Ainda que a orgulhosa, e vencedora Roma, não tenha participado da coroa concedida por Melpoméne a Aeschylo, a Sophocles, e a Euripides; Cicero, Plauto, Terencio, Virgilio, Horacio alcançárão os mesmos louros, que tanto destinguírão Demosthenes, Aristophanes, Menandro, Homero, e Pindaro. Eu na verdade não entendo Grego, nem se me dá disso, mas se o original das tragedias Gregas he como a traducção, que de huma tragedia nos deo hum padre muito sábio que ahi ha da familia dos Neres, então são as taes tragedias huma pouca

vergonha. A scena Franceza do tempo em que havia Francezes, pois não sei porque arte, se transformárão em Scytas, e Hunos alcançou aquella honra a que Roma aspirou inutilmente no seu mais ditoso seculo, que he o de Augusto, tão brilhante por suas luzes, gosto, e vasta erudição, e literatura; ainda que existisse a Medea de Ovidio, e a Agave de Stacio, vendidas pelas mãos da fome ao infame pantomimo Paris, não poderião hombrear com os prodigios dramaticos da França honrada. Corneille, Racine, Crebillon, Voltaire são mestres, que mettem n'hum chinelo o cothurno Grego, e Romano. Por mais superficial, que seja o parálello que se faça do theatro Grego, e Francez, se conhecerá, que coisa tão absurda seja o pensar, que huma nação por muito que se distingua em letras, não possa ser excedida com feliz exito por outra. He preciso advertir, que todos os escritores famosos pintárão a natureza, e não se póde julgar de suas obras senão pela relação que ellas tenhão com a natu-

reza, se as dos modernos se chegão mais a esta, e se a pintão, e imitão melhor, excedem sem dúvida os antigos. Nas obras que não são de puro engenho, nas sciencias naturaes, e exactas, na historia natural, na fysica, na astronomia, as obras modernas tem, sem contradioção, mais perfeição os modernos, que os antigos, a belleza destas obras depende do tempo; quem mais vier atráz não fechará, mas abrirá mais a porta.

SOLILOQUIO XLI.

De dia para dia me vou persuadindo mais da pequenhez, e da miseria do homem. He o animal mais contradictorio, e inconsequente, que se tem visto em cima da terra de que elle com tanta soberba como ignorancia se chama soberano. Quasi todos os resultados de seus discursos, raciocinios, e projectos são enganos, e depois de se haver fatigado, e suado muito em estabelecer grandes princi-

pios, de que deduz grandes consequencias, fica com hum famoso palmo de bocca aberta, quando vê que estas consequencias, longe de sahirem á medida do seu desejo, sahem o contrario, e o avesso de tudo aquillo que elle esperava. Quasi nas vesperas de me deixar de leituras, e de me confinar neste escondrijo, a ver se me escapo, ou se esqueço aos Francezes, me cahio nas mãos hum livrinho de hum grande doutor de Milão, e grande architecto da República Cisalpina, que Deos perdoe, no qual vi, e decorei estas memoraveis palavras, fallando da revolução Franceza:

« Se os rasgos da minha penna tivessem o poder, que os Romanos attribuião aos raios de Jove, e ás aguas do Lethes, eu faria uso delles para destruir o infame *Dumouriez* para que os homens presentes, e futuros se esquecessem, que existira hum monstro em fórma de homem chamado Dumouriez, mais impio, e malvado que todos os reis, isto ainda he pouco, mais abominavel, e scele-

rado que o mesmo Pitt. Dumouriez teu nome passará á posteridade, mas o genero humano se lembrará de ti, para te abominar, e detestar, como os homens christãos se horrorizão com o nome de Judas Iscariotes. Judas trahio hum só homem justo, tu traiste a humanidade. Por amor de ti, e do que tu escreveste os reis conjurados, fizerão guerra aos soldados da República, aos soldados do genero humano. Infame Dumouriez, as mãis da mais remota posteridade se horrorizarão só com a lembrança de que poderão parir hum filho, que se pareça comtigo em a mais minima parte. Oh! inimigo dos homens, olha para Buonaparte, que une em si só os talentos, e o heroismo de todos os heroes da antiguidade. Elle he o homem que ha de fazer a admiração dos póvos, que estão por vir: por meio de Buonaparte se consolidará para sempre a República. Os doutos, e grandes politicos meditando sobre as Repúblicas Grega, e Romana, imaginão descobrir nellas o infallivel destino da República Franceza, solida

da, e defendida por Buonaparte. Depois que estes presumpsosos profetas pronosticárão, que era impossivel conservar-se a República em França, defendida por Buonaparte, envergonhados de se enganar, dizião que esta nova República se viria a desvanecer como as da Grecia, e Roma. Malignamente obstinados não reflectião, que as antigas Repúblicas não tinhão constituições fixas, e que a constituição da República Romana, era tão inferior á constituição da República Franceza, quanto D. Quixote he inferior a Buonaparte. Para abater Grecia, e Roma, bastava abater alguns centenares de homens; para aterrar a República Franceza, he preciso abater milhões; entre estes milhões de homens da República Franceza, haverá muito poucos, que não sejão virtuosos: os profundos politicos crêm, que a perda da República Franceza seria a sua grande extensão, e eu descubro a sua eternidade na sua prodigiosa extensão. O homem Buonaparte estudará, e defenderá a indivisibilidade da República contra quem

tentar destruilla, morte seja dada á quem tal propozer. » Eis-aqui a arenga do doutor Milanez, eis-aqui a República eterna, e eis-aqui o justo, e virtuoso Buonaparte! O que são os discursos, e os projectos dos homens! Levou o diabo a República, ou para melhor dizer nunca existio similhante fantasma, o seu governo sempre se compôz de tigres, até que hum tigre mais sanguinario, e mais sagaz lhe arrancou das garras o poder, para o exercitar elle só com mais tyrannía, insolencia, e crueldade, que quantos despotas juntos teve Roma depois da extinção da República, cuja duração se estendeo por seculos. O virtuoso Buonaparte esmaga a cervíz dos escravos Francezes, chusma vil, e nascida para a escravidão. Tal he o resultado das suas tão preconizadas luzes! Como estavão ufanos com os escritos de Montesquieu, de Mably, de Rousseau! Tudo erão direitos do homem, direitos do cidadão, igualdade moral, liberdade natural, governo popular, proscrições de nobreza, consolação, e paz da

humanidade! Nunca se fallou tanto de moral, de virtudes! Nunca se adorárão tanto as idéas do cinico Jaques; ahi tem agora em que parárão tantas prégações, tantas theorias de moral, de legislação, de educação, tantos planos de governo civil, tanto melhoramento da raça humana, tanta felicidade social. Tudo isto veio a parir huma companhia de ladrões, levando á frente o maior, o mais temerario, e insolente de todos os salteadores. Luiz XVI he substituido por hum Corso aventureiro, chamado Buonaparte, e Maria Antonietta por huma Josefina, vinda de huma Ilha da America para se ajuntar, a hum Ilheo do Mediterraneo, depois de passar por differentes mãos. E que havemos de ajuizar de tudo isto? Que a corrupção dos homens em França nasceo das suas illuminações theoricas. Onde não ha costumes de nada servem as letras, e as sciencias. Comparem-se os Francezes com os seus livros, ver-se-ha a mais monstruosa de todas as contradicções do globo terrestre. Os livros de huma parte, e os Francezes da

outra fórmão huma antithese extraordinaria, que fará sempre o objecto do profundo desprezo dos homens assisados. Mais cultura de espirito, mais corrupção de coração, isto he huma proposição tão demonstrada por si mesma, como a igualdade dos tres angulos de hum triangulo a dois rectos. Não se perdeo nos homens o valor; o desejo de imitar os Francezes, ou a similhança de sentimentos, os faz ceder aos Francezes para universalisar o grande principio da rapina, a que os homens corruptos aspirão; cedem aos Francezes, para que roubando estes, possão elles tambem algum dia roubar.

E não suspirarei eu por aquelles ditosos seculos, em que os homens antepunhão a honra ás sciencias! O illuminismo Francez era ignorado em Portugal, e então representava a nação a mais brilhante figura entre todos os póvos da terra.

SOLILOQUIO XLII.

Creio, que em cima do theatro literario ainda não appareceo hum homem que désse de si mesmo maior espectaculo, que o decantado Voltaire. A platéa humana como todas as platéas dos theatros, humas vezes o levantou aos astros com palmadas, outras vezes o metteo no inferno com assobios. He muito difficultoso conhecer Voltaire, e pintar este homem, cujo caracter foi sem dúvida extraordinario. Negar-lhe merecimento, he negar a luz ao sol no pino do meio dia. Pelo vasto imperio das sciencias, e artes, não houve provincia por onde elle não passeasse, e que muito individualmente não conhecesse. Seu espirito foi encyclopedico, ou abrangeo, ou quiz abranger tudo, deo a sua pennada, até por aquellas sciencias, que parecem mais alheias de hum homem do mundo. Parece incompativel com a distracção que nasce

do continuo reboliço da corte, conservar tão seguro, e equilibrado o espirito, que este se possa entregar ás mais profundas especulações methafysicas, que pedem o silencio, de hum cartucho, e o socego de quem não tem que cuidar em munições de bocca; com tudo Voltaire tratou as mais intrincadas questões ontologicas, e psycologicas, e com a mesma facilidade com que compunha huma novella; a geometria, que por mais que preguem será sempre hum verdadeiro quebra cabeça, foi para elle hum estudo facil, e entrou como quem entra por sua casa pelos profundos labyrinthos de Newton, expondo o systema complicadissimo de filosofia deste grande homem de hum modo tão facil, que parece huma cartilha para os rapazes, ainda que não falta quem diga, que o que se tira da tal explicação he conhecer-se, que o desembrulhador Francez não pescára nada do tenebroso Inglez; que para quem não está iniciado nos mysterios da alta geometria, he mais escuro que Persio para seus abelhudos commen-

tadores. Correo o mesmo Voltaire pela charneca immensa da historia, e quiz ser hum redactor universal, cincou infinitamente, porque hum engenho inquito como o de Voltaire não era para verificar com paciencia de chronicão, e annalista, datas, e factos que se não podem ajustar, e verificar por quem escreve de memoria (como eu creio escrevia Voltaire, ou como eu tambem escrevo, existindo em perpetua antipathia com os livros, que me tem dado cabo dos dias da vida.) Em fim para encher 99 volumes da nova edição de Genebra como elle encheo, ajustando-lhe o cento seu camarada Condorcet, com mais hum volumesinho da sua vida, e milagres, era preciso estar muito cheio de especies em todos os ramos de literatura, que ás vezes são peiores, que ramos de estupor. Era preciso ter hum talento universal, huma atrazada leitura immensa, huma memoria prodigiosa, huma paciencia maior que a que os Portuguezes tem tido ha oito mezes em soffrer dentro em casa huma matilha de salteadores. Ainda quando

o tal Voltaire não tivesse na longa idade de 84 annos composto mais do que as admiraveis tragedias, que são indisputavelmente boas, elle teria adquirido hum nome eterno, e seria perenne a sua memoria na Republicasinha das letras; mas elle caminhou á immortalidade por mais de huma vereda, e não tem porta o templo da fama por onde elle não entrasse, dando por páos, e por pedras, levantando testemunhos, e mettendo tudo a ridiculo, com tamanha fortuna pela magia de hum estilo, que encanta, que a pesar dos erros, que a cada passo se lhe descobrem, e que formigão em quasi todas as paginas, he applaudido, he lido, e relido; e as suas theorias dos futuros brilhantes, que são o Messias, que os Francezes esperão, e que a todos promettem sem que se lhes pessa, forão humas trombetas, que tocárão em França á revolução. Não ha qualidade alguma de gloria literaria, que este homem extraordinario não conseguisse: deo aos Francezes hum poema epico, não obstante a póda que lhe fizerão Fre-

ron, e Beaumelle, ainda se conserva com estima, e applauso entre aquelles Francezes para quem foi feito. O homem Voltaire não tinha mais que desejar para ser tido por hum literato da primeira ordem, e para ser respeitado, ouvido, e consultado como o supremo augur das musas, como baixamente adulador lhe chamou hum Italiano, dedicando-lhe as obras de Metastasio em huma pomposa edição.

Porém eu noto huma coisa na carreira literaria deste homem célebre, que para muitos será hum problema irresolvivel, e sobre o qual eu meditei bastante até atinar com a sahida. O mister de editor, e commentador ainda me parece mais servil, e apoquentado, que o de traductor, e só mostra a ancia que muitos tem de parecerem authores, já que a natureza lhes negou a faculdade de serem originaes. Valtaire não necessitava de entrar nesta classe, pois era homem tão facil em compôr, e em servir-se da prata de casa, que segundo nos conta o seu historiador Con-

dorcet, para dar as amendoas, ou pão por Deos, ou a consoada ao seu cabelleireiro, pegava huma manhã na penna, compunha hum conto, huma novella, entregava-a ao mestre que a imprimisse com o seu nome, e poupava assim seis ou sete francos, e enchia de dinheiro o enfarinhado penteador da sua grande cabelleira. Com toda esta original facilidade, eu vejo a Voltaire feito editor, e commentádor de obras alheias. Que este seja o mister de hum pesado, e roliço hollandez não me admiro, pois parece nascêrão para commentar, e imprimir. Qualquer opusculo, *cum notis variorum*, offerece o rol dos eternos commentadores Hollandezes; os Francezes da classe ou relè ultima tambem são commentadores, não só dos modernos, agora porém dos antigos mais graudos como Turnebo, Lambino, Moreto, etc. Com tudo Voltaire metteo-se a editor, e commentador de dois homens escritores da sua nação, o primeiro he Corneille, o segundo he Pascal. Pois Voltaire não he hum poeta tragico, não he hum

filosofo profundo, não se podia fazer huma ampla collecção dos seus profundos pensamentos? He preciso que haja huma razão sufficiente que determine Voltaire a lançar mão deste acanhado mister. He certo, que Newton, o grande Newton commentou a geografia de Varenius; Clarke o primeiro discipulo de Newton, commentou a fysica de Rohault; mas Voltaire suppunha-se alguma coisa mais que estes dois homenszarrões Inglezes. Onde está pois o motivo determinante?

Duas coisas faltavão a Voltaire (a pesar dos gritos que agora vou fazer dar aos seus adoradores) sublimidade magestosa, e sólida profundidade. O genio de Voltaire, não era para remontadissimos vôos, nem era para meditações profundas, aturadas; isto conhecião os mesmos Francezes. O genio de Voltaire demasiadamente espraido, nem podia voar muito, nem fixar-se por muito tempo na profunda contemplação de materias abstractas. O mundo conhecia em Corneille huma sublimidade original, e inimita-

vel, quando elle sóbe, ninguem lhe chega; e em Pascal o espirito mais penetrante que tem apparecido no mundo, não só nas sciencias exactas, que tanto lhe devem, pois foi hum seu novo creador, mas nas methafysicas, e moraes. Esta fama, esta convincção intima em que a França permanecia, a respeito destes dois genios unicos, mortificava a vaidade infinita de Voltaire. Os nomes dos dois, erão proferidos com tamanho enfasi, e admiração, que as sobrancelhas, de se arquearem, chegavão á raiz do cabello: isto erão facadas para Voltaire, e de que maneira procurará este doende literario eclypsar a gloria daquelles dois campiões, que o levavão debaixo? Escrever immediatate contra elles era indispôr toda a familia das letras. Ora pois, o estratagema he Francez, e he fino. Desce Voltaire do solio de Sultão das letras, e confunde-se em a pionagem commentadora: tinha Corneille deixado huma sobrinha pobre (e qual he o filho, ou sobrinho que os poetas deixárão rico até agora?,) e a titulo de

beneficio para a sobrinha faz o mesmissimo Voltaire huma nova edição do theatro de Corneille, mas nesta nova edição lhe intromette elle taes notas, taes reparos, taes chicanas grammaticaes, tantos escrupulos, tantas advertencias, que põe o pobre Corneille a pão de padeira, e malha nelle, como quem malha em centeio verde, de maneira, que tendo o Cid resistido á censura do corpo academico das quarenta cabeças, levantado em tribunal pelo maligno, e invejoso Richelieu, não se teve á censura de Voltaire; e assim as outras producções, são victimas mais miseraveis da invejosa causticidade de Voltaire: quem ler os commentarios muda de conceito sobre tão famoso escritor. Eis-aqui quem lhe pôz a penna na mão para commentar os pensamentos de Pascal, que levavão todos os suffragios daquella então erudita, e illuminada nação: a julgarmos pelas notas de Voltaire, Pascal era hum inepto, hum visionario, hum imbecil; e os pensamentos são sonhos de hum febricitante. Que tal he o

mancebo Voltaire? Metter-se a commentador o que era pai de 99 volumes originaes! Isto levava agua no bico. Hum menino deste calibre não commentava para louvar.

SOLILOQUIO XLIII.

Ha materias literarias na classe daquellas que se chamão crítico-filologicas, tão melindrosas, e delicadas, que até devem assustar hum homem, que as queira tratar comsigo mesmo, porque tem incutido tal respeito, que querer descobrir-lhe alguns podres, e mazellas he indispôr o genero humano em peso contra quem o fizer. Em se fallando em Homero, todos ficão como o senado conservador, e corpo legislativo em se fallando em Buonaparte, com huma bocca de trez palmos de abertura de admiração. Quem se atreverá a ir ao fato ao pai Homero, considerando-o sem o acatamento de commentador, depois de existirem tantos testemunhos das uni-

versaes adorações, e da sempiterna idolatria de todos os homens, e de todos os seculos? O grande filosofo, e curo Inglez Samuel Clarke, entre as fadigas literarias, e meio do fervor, ou calor das disputas methafysicas, e mathematicas com o alentado atleta Alemão Leibnitz, traduzio Homero, e o estampou tão soberbamente, que póde hombrear com a pomposa, e luxuriante edição dos commentarios de Cesar. Quem se atreverá a dizer huma palavra menos respeitosa contra o cantor de Troia abrazada, depois das observações secantissimas de Madama Dacier, que levantou o tal pobre cégo, até aos cornos da lua, depois da prefacção poetica, historica, critica, encomiastica, que Pope metteo á frente da sua lucrativa, e decantada traducção? Depois das reflexões de LaMothe na Illiada encolhida com que regalou o publico tão util, e tão buscada pela virtude narcotica, ou soporifica que lhe impingio! Depois das dissertações academico-escolasticas sobre o patriarca dos vates, ou orates que compôz o abbade

Terrason? Depois dos prologomenos, e apparatos com que Antão Maria Salvini tornou a sua traducção de Homero insuportavel aos olhos, insuportavel aos braços, insuportavel á paciencia; aos olhos porque he letra miuda; aos braços, porque não ha quem levante os volumões, á paciencia, porque nunca acaba! Depois finalmente do discurso historico-critico mais comprido do que parece huma noite ao amante, a quem mentio a amada, e que affixou na cabeceira da sua segunda traducção, o reverendo abbade Cesaroti? Estes gravissimos, ou pezadissimos escritores, produzirão tudo quanto se podia imaginar sobre este vasto assumpto do merecimento incontestavel do pai Homero, defendido até por Boileau nos seus discursos, e reflexões sobre Longino. Louvar Homero depois destes corifeos, seria huma repetição; atacar Homero depois destes incensadores, seria hum sacrilegio. Que me importa a mim a authoridade dos homens em literatura profana? Tambem eu sou homem, tambem governo em minha casa em

quanto os Francezes não mandarem o contrario. Sem diser alguma coisa em contrario passarei por hum homem de gosto corrompido, innovador herege de poezía; digão o que quizerem de mim, quando eu vou atrás da razão, e da filosofia, ladrem os críticos quanto quizerem.

A proposição de Homero na Illiada he a seguinte letra, por letra, trasladada com mais escrupulo, que o de hum tabellião do original Grego em nossa muito nobre, e sempre leal linguagem Portugueza. « Canta Deosa a ira perniciosa de Achilles Pelida, que causou seiscentas dôres aos Achivos, que mandou prematuramente para o inferno Orco muitas almas fortes de heroes, deixando-os a elles preza para ser despedaçada pelos cães, e por todas as aves, cumprindo-se o conselho de Jove, desde o primeiro instante em que Atrides, rei dos homens, e o nobre Achilles com huma grande altercação se separárão hum do outro » E não se continha mais nos autos da proposição a que me reporto, trasladada bem e fielmente. Em primeiro

lugar, eu não gosto disto, não está mais na minha mão. Sou similhante áquella mulher de hum desembargador Francez, de quem se diz em huma nota das obras de Boileau da edição de S. Marc, que traduzindo-se-lhe literalmente o principio de huma ode de Pindaro, que começa « O ouro he o que reluz mais entre os metaes, e a agua he hum bom elemento, logo os jogos olimpicos são os melhóres » por mais que ateimavão os críticos, que era o pensamento mais levantado que havia, ella teimava, que não prestava para nada, sem a poderem tirar disto: em segundo lugar, a ira de Achilles he o grande assumpto da Illiada, e a ira de hum homem poderá ser jámais hum plausivel argumento para hum poema heroico? A acção do poema epico, deve ser como ensinão todos os mestrassos louvavel, grande, sublime, virtuosa, e huma paixão como he a ira não póde ser materia da Epopea. E tal he a escolha que fez a trombeta de Homero! A ira he huma paixão louca, e detestavel. Hora-

cio lhe chama furor breve. Cicero chama sem ceremonia a hum homem irado hum mentecapto, e o mesmissimo Aristoteles tão fanatico por Homero, pinta esta paixão como hum affecto irracionavel, e canino. E huma acção, que toda ella se escarrancha, e se estriba sobre os effeitos desta paixão, poderá ser digna da magestade da Epopéa, e a zanga do Sr. Achilles deverá merecer os encomios, que huma successiva preoccupação tem sacrificado ao pai Homero, e que nós sempre escravos de authoridade alheia, ainda continuamos a imbutir-lhe, não se cançando os homens, nem de o louvar, nem de o traduzir?

O consul verbosissimo, na quarta questão Tusculana reconhece, como verdadeiro filosofo, a acção da Illiada como hum dos mais solemnes, e nojentos destemperos: *Quid Achille Homerico fœdius?* E Torcato Tasso, tão bom conhecedor como official perfeitissimo do mesmo officio de poeta, decedio em huma das suas respostas ás impertinentes censuras da

Crusca, que o heroe de Homero não he qual devia ser virtuoso, e egregio, porém hum modélo de ira bestial. Porém assim como eu não respeito o peso da authoridade, que louva Homero, tambem não devo respeitar a authoridade dos que o deprimem ainda que sejão dois homens tão machuchos, e grandes como Cicero, e Tasso; e devo governar-me nestas materias tão prodigiosamente frívolas só pelo meu bestunto com tanto que possa dar razão do meu dito. Eu observo que o assumpto que Homero propõe na Illiada he a sanha, e a raiva de Achilles considerada particularmente, e pelo lado, que diz respeito ao prejuizo dos Gregos a quem foi tão funesta, que os deitou aos cães, como diz o mesmo Homero, e mostra que Achilles era afeiçoado aos cães, pois quando houve a grande descompostura elle chama a Agamemnão focinho de cão. Qual he pois a historia poetica da Illiada? Ei-la aqui escrita, e escarrada. A discordia, ou sarrabulho, que houve entre Achilles, e Agamemnão, as victorias que os Troianos

alcanção dos Gregos; o recado que Agamemnão manda a Achilles em o qual lhe pede, que se ponha bem com elle; a teima, obstinação, ou birra de Achilles; a morte de Patroclo; a reconciliação entre os dois amoados; as valentias de Achilles, entre as quaes se conta a morte de Heotor, cujos funeraes rematão o poema. A ira de Achilles he funesta aos Gregos até ao instante da sua reconciliação com Agamemnão rei dos homens. Daqui por diante a sorte se declara pelos Gregos, que começão a sacudir os Troianos, e lhe matão o heróe principal, logo a proposição Homerica não abraça mais que a primeira parte do poema, cujo assento he pequeno, e pouco interessante. A outra parte do poema começa na morte do amigo, e camarada de Achilles, que era o Sr. Patroclo; o resto do poema, não he huma parte integrante, he hum appendix que se lhe ajuntou. Se o objecto, ou assumpto do poema he a vingança de Achilles da injuria que lhe fez Agamemnão, esta vingança deve cessar desde o instan-

te, em que Agamemnão se poz ás boas com elle; mas não he assim, e Achilles merece que Jove o fustigue bem porque elle não se accommoda, nem vendo cumprida a promessa, que o mesmo Jove tinha feito á mãi, que chorava como huma criança; á pouca vergonha de Agamemnão injuriando seu filho, depois de Ulysses o ter levado enganado para o sitio de Troia fazendo-lhe despir a saia, e roupinhas com que se agazalhava na Ilha de Scio esta promessa era sobre a satisfação, que lhe devia dar Agamemnão: com effeito Jove estimulou-se bastantemente, porque o heroe da Illiada morre ás mãos de Páris, que o pilhou de joelhos em hum tal templo, e colheo por hum calcanhar, que tinha ficado de fóra das ondas estigias, quando a mãi lhe deo hum margulho.

Talvez que bem poucos homens tenhão lido a Illiada com mais attenção do que eu a tenho lido, e meditado com todos os seus escoliastas, commentadores, traductores, e louvadores. Cá para mim toda a Illiada he huma infernal salgalhada, huma bara-

funda confusissima, huma mixordia intoleravel. O primeiro traductor francez he Sorel, este homem he ingenho, que não póde passar adiante do duodecimo livro, e diz na prefação que ficára tão cansado, que antes se deixaria degolar, que passar adiante; e hum modernissimo traductor francez, chamado Beaumarchais, omittio todo o livro IV.º, porque diz elle, que paciencia ha no mundo, que ature em verso hum inteiro livro, que não he mais do que huma carta de nomes dos navios, em que os Gregos vierão para Troia, mais comprida que o almanak do Almirantado de Inglaterra? O medico Frances Cabaniz, que fez bons versos Francezes, (se estes podem ser bons) não passou do segundo livro, engasgou-se, ou enjoou-se. He certo que ha em todas as linguas traducções completas; até em Castelhano ha huma dedicada a Filippe II.º O Francez Rochefort a levou ao fim, Bitaubé fez o mesmo, e Madama Dacier outro tanto. Em Inglez ha tres traducções conhecidas, a de Pope escurece a do mesmo Addisson, ainda

que este a não publicou em seu nome. Em Latim são innumeraveis, eu desejava vêr huma attribuida a Angello Policiano ; entre as obras deste insigne filologo, e poeta não vem, apenas se acha hum poemeto, intitulado Ambra, que trata dos louvores de Homero. Em Italiano ha huma de Salvini, outra modernissima de Cesaroti, homem pacientissimo, que até traduzio as poezias de Ossian, filho de Fingal, coisa na verdade adormecedora. Em Portuguez não ha ainda traducção alguma, dizem-me, que hum homem que fez o Telemaco em versos, tomára isso a sua conta, talvez seja o seu purgatorio, ou penitencia que lhe impozessem. Mas que prova tudo isto? Que tirada a céga, teimosa, e servil adoração do antigo Homero, he hum quebra cabeças. Os commentadores dizem, que não só he o pai dos vates, o exemplar perfeito dos poemas, mas que he o inventor de todas as sciencias, e artes, que he o maior de todos os filosofos, sem haver parte alguma da filosofia, que alli não

se ache tratada, que he hum legislador sublime, hum moralista, hum politico da primeira sorte, hum grammatico, e hum rhetorico, que emprestou luzes a Aristoteles para compôr tudo quanto escreveo sobre a arte de persuadir.

Seja Homero o que fôr, para mim he huma intoleravel secatura, eu não posso aturar mesas de pé de gallo, que andão pelo seu pé sem ninguem lhes mecher; cavallos, que fallão, e chorão, pelas barbas abaixo como humas crianças acabadas de açoitar; heroes, e principes a assar carne, e a virar espetos, sem hum bixo de cozinha que lhe tire o trabalho; descomposturas atrozes antes que venhão ás mãos; Venus mettida em brigas, e arruidos, e sahindo dalli com duas cutilladas, que lhe pespegou na cara o desalmado Diomedes; e Marte escalavrado de huma pedrada com que Ajax o crismou na cabeça; eu não posso aturar os mensageiros que vão repetir os recados que lhe dão com as mesmissimas palavras com que lhos dérão; eu não posso gostar das alcu-

nhas obrigadas com que o poeta designa todos os seus heroes, e Numes, como v. g. Achilles, o pés leve; Juno, a olho de boi. Houve já quem duvidasse da existencia de Homero; houve quem dissesse, que era homem de capa em colo sem eira, nem beira, nem domicilio certo, não se sabendo jámais de que terra era natural; que morrêra por não poder explicar o ignima proposto pelos pescadores. Ha quem diga, que como cégo andava cantando pelas portas aquellas rapsodias, que erão de diversos, como se vê pela diversidade dos dialectos, que se descobrem na Illiada, e que Pisistrato juntára todas aquellas lengas, que o cégo cantava destacadas, e que as ajuntárão em hum corpo, polindo-as, ordenando-as, e dispondo-as do modo em que agora as vemos; e que fóra esta collecção de Pisistrato, a que Alexandre trazia comsigo, e que metteo na boceta, apanhada entre os despojos de Dario, e que por isto (diz Pope) se ficou chamando a edição da boceta. A pesar desta emenda, e desta ordem o poema tem

baixezas, repetições, e rusticidades fastidiosas; alguns traductores lhe comem, e Madama Dacier o disculpa, dizendo que erão costumes, e maneiras dos tempos heroicos, e que lhe acha muita similhança com os heroes hebreos; isto he mentira solemne, que nunca apparece capitão, ou monarca do povo de Israel a assar carne depois que os Israelitas se formárão em corpo de nação, e que posto, antes de se conhecer povo, se diga que Jacob tinha hum prato de lentilhas, cujo cheiro consolava os narizes de Esau, não se diz que as temperasse elle. Quando se diz a Madama Dacier, que he huma coisa ridicula que a princeza Nausicae, filha delrei Alcinous vá lavar roupa ao rio, responde, que tambem a filha de Faraó andava passeando pelas ribeiras do Nillo. Pope vem com a grande quartada de que para nos não escandalizarmos daquellas baixezas nos devemos transportar com a imaginação para a simplicidade dos tempos heroicos. Mas se Homero escreveo para os Gregos do seu tempo já tão

cultos, e tão polidos, devia pintar seus heroes tambem polidos, ou menos rusticos, isto fez Virgilio, ainda que o seu piedoso Eneas fosse da mesma data; e muito melhor Stacio, pois sendo o assumpto do seu poema muito anterior ao da guerra de Troia, porque o brutal Diomede era filho, ou neto de Tydeo, que foi em cima de Thebes, pinta estes homens ainda mais antigos de hum modo que não escandaliza, porque ainda que faça Isifile ama seca de Arhemoro, Isifile ainda que princeza na Ilha de Lemnos passava incognita, e andava escondida das malditas mulheres de Lemnos, que matando os maridos, e tudo o que era folgo vivo de homem, Isifile perdoou a seu pai, e o deixou fugir. Ora goste quem quizer de Homero, eu não me posso obrigar com a authoridade dos outros a lhe queimar o meu incenso.

SOLILOQUIO XLIV.

Mil vezes me tenho perguntado a mim mesmo, que coisa seja aquelle saber, com o qual o homem se incha tanto, e tanto se empanturra, que lhe parece, que com muita razão deve andar de colo levantado entre os outros homens, julgando-se muito superior aos outros seres da sua especie! Parece-me que o saber por maior que seja, não he mais que huma série de idéas percebidas com ordem mediante hum certo methodo a que eu chamo estudo: estas idéas se derivão da observação dos outros homens, e das minhas próprias observações. Mas a quem porei eu esta alcunha de sábio? Por ventura ao fysico indagador da natureza, amigo do vinho, das riquezas, invejoso, etc. Ao medico, ainda que saiba por épocas todos os systemas inventados pelos seus predecessores, a maior parte assassinos de Hippocrates até Darwin, sem que nenhum

de tantos, nem o mesmo Boerhaave, o maior de todos, e seu discipulo, e commentador Haller atinasse ainda com a verdadeira causa de hum defluxo? Será por ventura o sábio hum homem calculador, e geometra chamado Newton ávido de riquezas, servo daquella educação, que recebeo menino, que em quanto se quer mostrar o mais profundo indagador dos segredos, e leis da natureza, e seu fiel interprete, era tão ignorante de seu proprio ser, que commentou, não como expositor, mas como visionario o livro do Apocalypse? Será elle o sábio, porque imaginou sujeitar ao calculo a volta dos cometas, que apparecem quando lhe dá na cabeça, rindo-se dos pronosticos, e dos catarros, que apanhão ao relento da noite, os que de hum olho aberto, e outro fechado lhe assestão thelescopios de cincoenta pés de comprimento, como o que Derham foi encarapitar no mais alto telhado do observatorio de Londres, e o mais taludo ainda que La Place cavalgou no de Paris? Para que, ou de que me serviria a mim o conhecimento da natu-

reza, se eu me ignorasse a mim mesmo a ponto de me imaginar alguma cousa grande entre os seres! Eu não me persuadirei jámais que possa ter talentos sufficientes para chegar além dos outros homens interpretando a natureza, quem não foi capaz de conhecer, que os homens erão pequenos, e máos, e suas opiniões em materia de sciencias, zelo. Direi que he verdadeiro sábio aquelle, que meditando, chega a conhecer profundamente o homem, de cujo conhecimento se deriva na ordem filosofica, ou na esfera da natureza, aquella moral austéra, e aquella virtude social, que tornárão entre os homens, adoraveis a Zeno, Cleantes, Stilpon, Democrito, Seneca, Epitéto, e Marco Aurelio. Eu encontro a moral de Seneca, de Socrates, e de Zeno, não em os grandes geometras, fysicos, ou poetas; mas sómente naquelles homens, que ás sciencias geometricas, fysicas, e literarias ajuntavão, e união hum profundo conhecimento do coração humano. Só a estes homens eu chamarei filosofos. Que im-

porta aos homens que hajão Newtons abstractos, e visionarios, incapazes de se interessarem por outra coisa, que não seja elles mesmos? que necessidade tem a raça humana de Voltaire, de Montesquieu, de Mably, e dessa tropa de excogitadores de systemas politicos, e sociaes, que tudo confundem, e que são similhantes áquelles agromaniacos, que se persuadem que fertilizão os campos, e que dão mais fartas colheitas com a sua filosofia, e grãos fermentados com salitre, e que por fim vem a produzir fome, e a inutilizar trabalho, porque pertendendo melhorar os homens, abater os tyrannos, e tornar mais feliz a sorte dos mortaes, produzem hum cáos, ou fazem rebentar com medonha explozão huma coisa, que se chama a revolução Franceza? Newton, Bernoulli, Cassini, Halley, Kleper, e noutra ordem Reynald, Montesquieu, não conhecêrão mais o homem do que o conhecêrão Rafael de Urbino, Corregio, ou Rambrand, que os pintárão bem, e ficárão na superfice. Newton occupou-se;

e consumio-se muitos annos, e achou hum modo de calcular, chamado differencial, portentosamente inutil, descoberto contemporaneamente por outro homem, chamado Leibnitz, e readvinhado em Lausana por outro homem, chamado Bernoulli. O verdadeiro sabio he o homem moral. Eu não pertendo tirar os homens das suas teimas, cada hum he levado ou conduzido da sua vontade, mas como o meu designio, ou em mais Portuguez, o meu intento he pintar-me a mim mesmo nestes Soliloquios, eu digo que havendo consumido a melhor parte da minha vida na leitura, e meditação dos escritos mais graúdos dos sábios, que se chamão os filosofos, os dois livros do clérigo Charron, o primeiro das tres verdades, e o segundo da sabedoria, me enchêrão mais o olho, que quantos publicistas, geometras, e astronomos tem aturdido este em que vamos, e o passado seculo, com suas producções. De que me serve conhecer tudo, se eu me ignoro a mim mesmo? Por meio das virtudes moraes, eu soube distin-

guir o sabio original, do sábio copia, ou daquelle, que não sabe outra coisa mais, que o que tem lido. No sábio original, descobri a virtude de Socrates, isto he, o homem sem opinião. No sábio copia, a corrupção, e as preoccupações. O sábio original, ensinou a si mesmo a maior parte do seu saber. O sábio copia, sabe apenas huma parte daquillo que os outros escrevêrão.

Já disse que quasi toda a minha vida se tem consumido em ler, e meditar os escritos dos outros homens. Os que me educárão nas letras erão huns soberbos ignorantes, levárão-me pelo paiz da filosofia por huns compendios em que apenas vi que estavão quatro definições superficiaes, que me deixavão em jejum, e a estas definições chamavão elles sciencias filosoficas: na casa em que me educárão, existia huma bibliotheca de mais de vinte mil volumes, mas era hum crime entrar nesta bibliotheca em quanto se estudava a chamada por elles filosofia, eu a furto me introdugia nesta casa, a furto li, e deverei os

escritos methafysicos de Descartes, que me embebedárão delle, e por elle dei hum grande grito, quando topei com o principio de duvidar para saber, ou da necessidade de destruir todos os principios, e conhecimentos adquiridos para edificar por mim mesmo, porque vinha a ser a mesma lembrança, que eu tinha tido da necessidade de hum novo modo de filosofar; este devia começar do conhecimento da minha existencia, e da faculdade de pensar. Descartes dizia, eu cogito, logo, existo; eu dizia comigo ás avessas, eu existo, eu conheço que sou, logo este conhecimento da existencia, esta idéa de reflexão sobre o meu ser, he o meu primeiro pensamento. Desde este instante esqueci os compendios, e comecei a dizer comigo mesmo. Eu penso! E que coisa quero eu dizer, quando profiro a palavra penso? Nada mais quero dizer, se não que vivo, e que sou sensivel. Nada mais quero dizer, se não que me lembro das sensações que sobre mim fazem os objectos, que me cercão, e que me lembro das

sensações, que sobre mim fizerão os differentes objectos de que me vi cercado nas diversas situações da minha, sobremaneira apoquentada, e tormentosa vida. Quando confronto o que vi succeder com o que actualmente acontece, e me imagino, ou represento a mim mesmo o que poderá acontecer, eu digo, que me occupo do futuro, daqui nascem em mim os movimentos, ou determinações a que chamo espontaneas; desta nasce a idéa da minha liberdade, desta idéa nasce o conhecimento de que existo em relação com os outros seres meus similhantes, deste conhecimento se deriva a primeira obrigação, ou o primeiro dever moral, e da existencia deste dever a obrigação de me estudar como homem. Este estudo pois he o mais digno do homem, não porque o disse Pope, mas porque de si mesmo se está inculcando, e fazendo estimar, e attender. São pois inuteis todas as sciencias, quando não tem este resultado. Só quem me ensina a conhecer a mim mesmo he o verdadeiro sábio. Oh que talentos ex-

istem perdidos, que applicados a esta sciencia serião mais dignos de templos, e estatuas, que o padre Homero. Se José Cesar Scaligero, se Pedro Ramus, se Erasmo, se Marsilio Ficino, se Petavio, se Sirmondo, se Causabone, se o immortal Justo Lipsio, se tiverão dado a este estudo só, que sólidos thesouros possuirião os mortaes! grammaticas, cronologias, disputas frivolo-filologicas occupárão estes talentos da primeira magnitude.

SOLILOQUIO XLV.

Nunca me persuadi, que hum homem chegasse a sonhar estando perfeitamente acordado, só a minha propria experiencia me póde persuadir da realidade desta em apparencia manifesta contradicção. O homem solitario, e costumado a profundas meditações sobre objectos abstractos, com os sentidos bem despertos sente correr a imaginação pelo paiz das quiméras até ao ponto da advertencia; então se

lhe dissipa o rapto, ou o extasi, e torna outra vez ao uso, ou exercicio da triste razão: tal me succedeo a mim no presente Soliloquio abstracto, que eu não quiz deixar perder como outros muitos, que escritos serverião de alguma coisa aos homens meus similhantes. Eis-aqui o que eu disse comigo em hum sonho acordado.

Se eu soubera, que coisa he esta terra, e que coisa são os outros innumeraveis corpos celestes, que apenas chega a noite se descobrem, e qual fosse sua verdadeira formação, e origem, com este perfeito conhecimento seria eu acaso mais alguma coisa do que sou? Seria acaso com toda esta sabença mais util aos meus similhantes? Nem huma coisa, nem outra alcançaria; ainda que com effeito eu descesse agora dos astros, acabando de dar hum passeio, ou huma volta pelo espaço, e contasse tudo aos meus similhantes como testemunha de vista, nem eu me engrandeceria mais, nem os tornaria melhores, nem faria á minha patria o grande serviço de alimpar de Fran-

cezes, e dos seus sequazes, animalejos muito mais daninhos, barbaros, e ignorantes, que os mesmos Francezes. Com tudo eu creio que não existe hum homem, que não goste de ouvir novidades certas lá de cima, he bairro aquelle, que desafia a curiosidade de quem tem os olhos abertos. Eu tambem o quereria, e para satisfazer meus desejos lerei acaso os sonhos do homem Buffon; ou quanto escreveo aquella porção de terra modificada em homem, e com espirito de homem, que se chamou Plinio? Nem hum, nem outro eu consultarei. Em me cheirando a ler o que os homens escreverão, volto a cara como se faz, quando se topa com hum objecto desagradavel. As esquinas de Lisboa ha quasi nove mezes a esta parte me indispozerão contra a letra redonda, nunca o chumbo modellado em caracteres typograficos foi mais profanado.

Quando observo os astronomos armados de longos telescopios desde Galileo, até La Place, medindo os corpos celestes, e suas distancias, calculando suas reciprocas relações, seus

movimentos com os magicos termos de razões inversas dos quadrados das distancias, quando oiço a lei de Kleper, seguida como o decálogo pelos seus confrades, quando vejo hum fysico-mathematico descrevendo a figura da terra sentado em huma cadeira ao canto da sua casa; parece-me que vejo hum insecto que se não póde distinguir senão com o soccorro de hum excellente microscopio em cima do lombo de hum elefante, no meio de hum vasto deserto do imperio do Monomotapá, por onde girão outros elefantes, e outros animaes; parece-me, digo, que vejo este insecto repimpado sobre a ponta de hum cabello, ou pello do elefante, explicando aos outros bichinhos seus similhantes, que coisa seja aquelle corpo para elles mais que immenso, sobre o qual elles se achão, e que relações tenha com os outros que vêem mover-se em distancias tambem immensas para elles. Eu sou hum insecto chamado homem, e sempre me lembrarei com prazer daquelle apologo das duas pulgas em cima do espinhaço de hum cão. *Ron-*

mica, et musca contendebant acriter; assim as duas pulgas disputavão sobre a figura daquelle vastissimo corpo, em que existião, e depois que pela contrariedade das opiniões se escaldarão algum tanto, e vierão a dente, barafustando forte, sentindo-se o cão alguma coisa incommodado com seus movimentos, acudio com a parte de trás, cossou-se, esmigalhou as pulgas, e acabou-se a questão. Oh homens, filhos da terra! Sois muito pequenos! Eu não tenho visto mais, que o desenvolvimento de vermes, e de insectos; não vi mais do que brotarem do chão hervas, e plantas; e nascerem animaes depois do ajuntamento de hum macho, e de huma femea. Eis-aqui os estreitos limites da minha imaginação, e das minhas idéas. Tudo o que avanças daqui por diante não póde ser mais do que idéas modeladas sobre estas precepções. Os homens não pensão sobre o que ignorão senão pela dialetica da analogia daquillo que conhecem. Hum homem he mais pequeno em comparação da terra que huma pulga, relativament

te à hum elefante. Ora eis-aqui hum perfeito delirio, em que eu me acho algumas vezes. A negra analogia me escandece de tal maneira, que chego a imaginar, que a terra, e os immensos corpos celestes que a cercão (mentira como esta, nem os Francezes nos tem pregado) são seres viventes, e semoventes de especies entre si differentissimas. Que vidas serão as suas! Que fórmas os devem differençar huns dos outros! Os homens, ainda que seja o mesmo Buffon, o mesmo Daubenton, o mesmissimo Spallanzani, e o proprio Galvani, são tão pouco aptos para indagar estas coisas, como seria hum mosquito trombeteiro, passeando sobre o dorso de huma grande balléa de Spitzberg, que pela analogia de sua propria vida, ferrão endiabrado, e azas amotinadoras, quizesse ajuizar do estado, e deduzir a vida, os movimentos, e toda a economia animal, dos grandes leviatans, ou dragões do mar. Se olho para o meu corpo, eu o vejo coberto em parte de cabellos, e de pelles, se o considéro com hum bom

microscopio, o observo cheio de huma subtilissima pennugem, e de hum cardume prodigioso de pequeninos viventes, que pela sua pequenhez extrema, deixão indicifravel sua diversa especie, que vivem, e respirão na minha insensivel transpiração. Vejo algumas partes rugosas, que me offerecem a imagem de hum numero prodigioso de cordilheiras de montanhas, e valles, que taes devem ser para os infinitamente pequenos insectos, que existem em mim; vejo outras partes lisas á similhança de vastas campinas, e que taes devem parecer, e são para os animaculos microscopios. Até no meu mesmo sangue nadão, e se mergulhão viventes de varia fórma, todo eu sou huma interminavel bixaria. Se olho para a terra, a vejo em parte coberta de huma prodigiosa quantidade de arvores, e plantas, todas várias, e todas admiraveis, e em parte povoada de huma turba prodigiosa de viventes, que vivem, e respirão a transpiração da terra, a que os homens, que se apregoão por fysicos, chamão ár; descubro, huma grande

multidão de montanhas, e de valles, e as aguas estão cheias de hum cardume immenso de seres nadadores. Eu vivo da terra, e sobre a terra; a terra he hum mundo para mim; eu sou hum mundo para os infinitamente pequenos seres, que me povoão a pelle, a carne, e até o sangue. A cada instante he vária a carreira da minha vida, vário he tambem o curso da vida da terra. Entre as sêcas, e as excessivas chuvas, entre os estios por extremo quentes, e os invernos excessivamente frios, ha gradações, que não seguem sempre o mesmo trem. Observo em mim certas funções animaes periodicas, quarto de hora mais, quarto de hora menos, como observo periodicos na terra, alguns ventos, chuvas, estações, dias mais, ou dias menos. Sou sujeito a doenças (ainda mal) a sêca, a chuva extrema parecem as doenças da terra, ou os precursores dos terremotos; assim meu corpo está fóra do equilibrio, se suo com excesso, ou se huma ardente sede me atormenta. Sobre o meu corpo apparecem, cer-

tas alturas, a quem os mestres enterradores, filhos de Epidauro chamão protuberancias, que ou ficão, ou se desvanecem; surgem dos abismos do mar montanhas, que, ou desapparecem, ou ficão. Se eu tenho ossos, a terra tem em seu seio andaimes de durissimas rochas. Meu sangue se move, formando a sistole, e a diastole; as aguas se movem, e de tal movimento procede o fluxo, e o refluxo. Será esta a sistole, e a diastole da terra, ou o movimento, ou passeio constante do tropico do Cancer ao de Capricornio, e deste para aquelle, será relativamente a terra, o que he a sistole, e a diastole, relativamente ao meu corpo? Eu ignorante imaginava que a terra era hum montão enorme de materia, tão inerte, e immovel como hum calháo; assim tambem cada hum dos infinitamente pequenos insectos, que nascem, vivem, e morrem sobre o meu corpo, se tivessem entendimento poderião pensar, que eu era huma pedra.

De que especie pois de corpos celestes será esta a que eu chamo ter-

ra sem saber porque? Quem sabe se será a terra em comparação das outras immensas especies, o que he hum insecto em comparação de hum homem, ou de hum elefante? Que condição he a minha! Eu sou parte da terra, e não a conheço, e nada sei da mesma terra, por mais que me entregue na meditação dos escritos de quantos cosmologistas tem apparecido desde Wiston até La Meterie, porém tambem os insectos que vivem no meu corpo, nem me conhecem, nem elles mesmos sabem de que freguezia são. Que direi a mim mesmo da coquillagem, que os homens achão em cima das mais altas montanhas, ou nas profundas excavações que elles fazem? Parece-me, que taes accidentes na superficie da terra acontecem daquelle mesmo feitio, que succedem pequenas mudanças na pelle do meu corpo, e dos outros animaes, mediando alguma pequena alteração na máquina. Que me direi destas que me parecem enormissimas cadeias de montanhas, pasmo dos homens pequenos como eu sou? Se estas mon-

tanhas, que se levantão até ás nuvens, relativamente a toda a maça terrestre não são de maior consideração, que as rugas do focinho de hum velho; nada haverá mais facil de comprehender com Buffon, que as ondas impetuosas do mar, tenhão no decurso dos seculos, accumulado diversas materias humas sobre as outras, donde provenhão aquellas enormes maças, e montões de terra, pedras, e mais salgalhada de que se compõe os montes, a quem os homensinhos como eu, e outros emlambuçados em sciencias naturaes dão o nome, de espantosas cadeias de Alpes, Pyrineos, Caucasos, Chimboraço, etc. Assim os ventos formão montes de arêas no deserto sublunoso, que separa a Palestina do Egypto; ora n'hum lugar, ora n'outro, e nenhum enterrou a Buonaparte, quando fugia de Smith! A pequenhez dos homens, tem feito escrever a muitos homens bem grossos livros sobre taes fenomenos, e bem comprido sonho, ou delirio tenho eu passado com todo este futilissimo apparato de analogia, estrada batida

pelos pequenos, que cuidão que todo o mato he orégãos, e andão ás cégas, taçteando, o que o Omnipotente não julgou conveniente, que nós soubessemos, quiz que o homem fosse antes bom, que sábio, e deixando o mundo ás nossas infantís disputas, deixa-nos ás escuras no conhecimento interior das suas incomprehensiveis obras: quando eu sahi deste meu delirio da comparação do corpo com a terra, lembrou-me a ingenua confissão do pastor de Virgilio tambem analogísta: *Urbem quam dicunt Romam Malibea putavi*, stultus *ego*, *huic nostræ similem*.

SOLILOQUIO XLVI.

Li, quando lia, dois livros com excessivo prazer, porque me fazião meditar muito, e profundamente, genero de prazer, que eu antepouho a todos quantos até agora se tem descuberto, ou excogitado; em apanhando livro, que me obrigasse a medita-

ções; até me esquecia do ordinario sustento, contrahindo o habito de meditar até a ponto de não sentir o rebolïço das ruas de Lisboa, quando por ellas passeava: estes dois livros são, 1.° a descripção do Cabo da Boa Esperança por André Kolby, 2.° a 3.ª viagem do capitão Cook. No primeiro vi a relação de hum mancebo Hottentote, tirado das agrestes brenhas, bem civilizado, bem tratado, que improvisamente abandonou o estado civil; e foi viver como hum salvagem entre os seus: eis-aqui o facto, agora eis-aqui a meditação. ¿ Venhão cá martellar-me aos ouvidos que as sociedades cultas, Lisboa, e os botequins do Rocio, cortiços de ociosos falladores, tem huma infinita vantagem sobre os póvos salvagens. O Hottentote vivia naquelle lugar, que os Portuguezes, corredores de Séca, e Méca, chamárão o Cabo de Boa Esperança, em huma cidade; em que agora, se estão rindo os Inglezes, chamada Tabelbay, tinha aprendido a escrever, e era capaz de ser pelas miudas contas que já fazia, negociante Hollandez,

Andava bem vestido, comido, e bebido, e posto que os Hollandezes não sejão muito liberaes do vinho de Constança, nem por isso o Hottentote deixava de andar muitas vezes alegre, mas deixa tudo para tornar a cobrir-se de huma fedorenta pélle de carneiro, vagando por entre fragas, e dormindo em huma como sepultura de barro, que chamão huta, onde a escritura, a arithmetica, e outros conhecimentos que havia adquirido erão nullos. Acaba, ó homem, de ser orgulhoso, porque escreves, e calculas. A educação, e o uso te fazem parecer coisa sobre-humana a escritura, e o cálculo. Se tu escreves, a aranha faz a sua têa, parece o geometra da natureza. Que objecto de profunda meditação seria para Democrito, e para Seneca este Hottentote! Elle brada de continuo oa meu coração, e me diz que a grande sociedade não faz o homem mais ditoso; e como póde ser ditoso, se elle encontra verdadeiras prizões? Por ventura he ditoso o homem que não he livre? Tudo o que parece vantagem

nas grandes sociedades não he mais que huma especie de cantilena adormecedora com que os homens assinte se procurão fazer esquecer dos males reaes que sentem, e a que estão duramente sugeitos. Quem estuda o homem fóra do mesmo homem vai enganado. A grande questão da sociedade feliz no meio das grandes povoações está bem resolvida com a determinação do Hottentote; e outras coisas mais leio eu em Kolby, que me instruem, e alumião mais que as grandes tiradas do homem ofista de Genebra, e do homem analizador do espirito, ou intenção das leis. E será verdade, dizia eu, no meio das minhas meditações, que o homem de Londres, de Lisboa, e de Roma seja mais feliz que os salvagens da America? Alguns marinheiros Inglezes da fragata, Resolução (este he o segundo caso) quizerão ficar em Otaiti, porém o Otaitianno não quiz ficar em París, e he belissima a passagem do poeta Delille em que pinta este Otaitianno no jardim das plantas abraçado com a arvore que conheceo indige-

na do séu paiz. Logo digo eu, o Otaitianno vivia abafado, e mortificado no paraiso dos homens mais que civilizados de París; e Inglez vivia contente, sem serveja, e bom pão alvo em huma cabana de Otaiti. A vida dos pobres da Europa não he muito differente da vida dos salvagens da America. O salvagem Americano, se pesca, vai á caça, trabalha para si. O miseravel da Europa se mata por amor dos outros. O vinho, os licôres, o café, não tornárão mais diliciosa minha existencia. O salvagem faz mil carantonhas, se convolve, e torce quando chega á bocca o vinho, o licôr forte, e os nossos pestilenciaes adubos. Tudo póde o uso, e este imperioso, e caprichoso tyranno nos faz necessario o tabaco desgostoso, e ingratamente estimulante. O uso faz o camponez robusto, e insensivel á impressão de hum calor suffocante no meio de huma descoberta campina com assombro do delicado poltrão, ou envidraçado no inverno, ou abanando-se com hum leque á sombra de frondosas latadas nas tardes do verão. Não está

a ventura na grande sociedade dos homens, huma pequena aldeia diverge menos do estado natural, huma povoação como Lisboa existe em huma distancia quasi infinita deste estado proximo á natureza, que se chamou seculo de ouro; mais homens, mais vicios; mais polimentos, menos ventura, e mais escravidão. O maior delicto que os homens commettêrão na ordem social foi a revolução de França, e este infernal attentado nasceo, creou-se, e chegou á sua perfeita maturidade no meio da mais culta, mais literata, e mais especuladora povoação da terra, qual era París. Eu antes quizera viver entre os gelos da Laponia, ou nos areaes da Arabia que em París.

SOLILOQUIO XLVII.

Hum animo apoquentado como eu sinto o meu animo, desde a installação do monstruoso governo, que nos tyranniza, vive bem pouco disposto

para especulações transcendentes, e abstractas, e eu na necessidade de occupar-me para adormecer meus receios, e o susto de me ver inquilino de humas casas do Rocio, sem janella para a rua, não tenho outro remedio mais que enterter-me em objectos a menos que me não cancem, mas que me divirtão. Nenhuma coisa me interessou tanto no estado social, e na posse de nossas leis, e costumes de que os barbaros nos arrancárão, com a instrucção da mocidade, e nenhuma coisa me magoou tanto como observar o pouco amor, que os mancebos ganhavão ás letras, quando sahião das escólas de humanidade, onde os moião, e zangavão por muitos annos. E assim devia acontecer, a razão he manifesta, e se tornava publica pela confissão, que os mesmos mancebos fazião no momento de se evadirem ás garras dos rhetoricões. Para inspirar aos moços o amor das letras convem interessallos, nem se pódem fazer interessar pelas letras quando se lhes não batem as veredas do coração, e do genio. Para isto são

precisas obras engenhosas, nas quaes a natureza destramente imitada rége sobre o sentimento, e he capaz de sublimar a alma. E são a caso deste calibre as obras, que nas escólas se propõe á mocidade! Deixo-me deste exame que póde ser odioso a muitos padres conscritos architectores de planos de estudos. O merecimento de huma obra não consiste em o embrexado de palavras todas ellas escolhidas, e approvadas em periodos compassados, que nada dizem, nem explicão. E os livros que só tem isto, são os que de ordinario se propõe á mocidade por modélos. E que acontece depois de alguns annos passados neste infructuoso trabalho! Os rapazes não achão gosto na leitura de taes obras. Longe de lhes sublimarem a alma, e de lhe pôr em movimento o coração, esfrião, e estancão de morte os miseraveis, e persuadidos que fóra daquillo, que lhe explicou o Sr. mestre nada ha que seja bello, e interessante, reputão, e com razão, o estudo das letras humanas como huma inepcia, ou solemne par-

voice, e se enjoados deixão tudo por mão, e se arrependem de haverem perdido tantos annos inutilmente.

Pobres rapazes! Empurra-se-lhe toda a culpa deste aborrecimento tão justo, e os professorassos salvão-se a si, refundindo tudo na pouca boa disposição da juventude, e julgão satisfazer a todas as queixas, quando dizem, que a unica exposição de alguns retalhos dos arrezoados de Cicero bastão para inspirar o genio, e o talento da eloquencia. Cicero he hum grande author, e creio, que em razão do meu officio, e do sério estudo, que para o exercitar tenho feito, não houve ainda quem mais o gostasse a pesar dos grammaticões de quinhentos, que bebião Cicero, isto he, as palavras, os torneos, è as desinencias dos periodos de Cicero. Ora pois ainda que o limitar-se a hum unico author, e aos authores de huma só nação, quando se trata de formar a mocidade seja hum absurdo, quero conceder-lhe, ou dar-lhe de barato, que as orações interpoladas, e retalhadas de Cicero bastem por si só,

para formar a juventude, e desenvolver-lhe o genio para a eloquencia. Com tudo, será sempre verdade, que nem Cicero, nem outro melhor que Cicero, se acaso existisse, bastará para se conseguir este fim, se os professores de rhetorica não tiverem barbas para lhe fazer conhecer o espirito.

Eu aturei hum, e escutei muitos, e entre tantos, nenhum achei, que soubesse ao menos explanar a economia de hum arrozoado de *Cicero*, a connexão, e a relação das idéas; a conducta, e os fundamentos da razão principal, e todas as suas ramificações; o scopo, ou alvo a que o orador se atirava, os meios que empregava para chegar a elle, as cautélas escondidas da arte, os progressos do raciocinio; a proporção que havia entre o discurso, e a materia, entre o genero empregado, e a qualidade dos juizes, dos ouvintes, e do réo. Nenhum achei, a pesar de soffrer hum sabiohão oratoriano, que assentão estes homens piedosos, que fóra delles não ha sciencia, nem as mais ligeiras lambuzadas de literatura, que

me soubesse mostrar, onde Cicero he fraco, onde o amor proprio, e sua natural basofia, presumpção, e vaidade o cégava, onde a muita confiança, que de seus relevantes talentos fazia, o enganava! Levei-lhe huma vez o livro do meu patricio, e parente Jacintho Freire de Andrade, e mostrando-lhe a grande, e arrogantissima tirada de Cojesofar, lhe pedi, que applicasse a lente anatomica a esta grande peça, e que mostrasse nella todos os apuros, ou velhacarias da arte, com que está organizada, respondeo, que tão alta filosofia não era para rapazes de doze annos como era eu; que isso seria deitar perolas a porcos. Carreguei hum dia com hum bacamarte, da Asia de Manoel de Faria, encantado com a oração apologetica, que elle põe na bocca de Lopo Vaz de Sam-Payo, pronunciada em relação diante de D. João III.º, que presidia, respondeo, que lhe aborrecião Castelhanadas, e que onde estavão as orações de Cicero, tudo o mais era immundo lixo. Bastará pois a exposição de Cicero, quando o interpre-

te, põe toda a sua diligencia, todo o seu estudo em huma literal construcção conforme as severas leis da velha syntaxe, mostrando a pureza, e a elegancia da frase; conforme o juizo dos enormes vocabularios dos Ciceronianos de quinhentos, o tom harmonico dos periodos, a escolha do *esse videatur*, que fica tinindo nas orelhas, e a frequencia das figuras que os rhetoricões lhe marcão, e de que Cicero se não lembrou no impeto, e no calor da composição? De que utilidade pódem servir as orações de Cicero a hum pobre rapaz estudante, expostas por hum homem, que consumio a sua vida, e saude para sustentar huma questão de muitos annos sobre huma palavra, que hum poeta velho por divertimento inventou! Em quanto os mestres fizerem seu emprego, e suas delicias de simplices palavras, em quanto só isto buscarem nos authores classicos, estranhos, e nacionaes; em quanto inspirarem aos infelizes rapazes o gosto esteril deste palavreado do puritanismo, jámais de suas clamorosas escólas sahirão os mesmos ra-

pazes com hum sincero, e efficaz amor ás lettras, antes lhe ficárão com hum odio de todo o seu coração, e livre daquella afflictiva galé, buscárão outro rumo para seu estabelecimento, outra profissão muito diversa que lhe mantenha a existencia, e com que possão servir a patria, extinguido-se desta maneira a cultura das boas artes, que tambem são da patria hum glorioso ornamento. Haja mestres, que ensinem mais coisas, que palavras, que inculquem com arte o amor das letras, e a sua necessidade aos discipulos, então poderei eu ter a consolação de vêr renascer em Portugal hum bom, e arrazoado número de escritores filosofos, e oradores consummados.

SOLILOQUIO XLVIII.

Hum ex-jesuita Italiano, doutissimo homem, chamado, Paulo Beni, hum dos melhores filologos, e criticos daquelle paiz dos heróes antigos, e

modernos, que produzio Cesar, Catão, e Cicero, e produz Caporalini, Schira, e Fioravanti; hum homem que passou a sua vida em agradaveis bagatellas, compôz hum livro, que eu peccador li n'outro tempo, chamado comparação entre Homero, Virgilio, e Tasso; no qual com pasmosa dexteridade esmiuçà todos os tres decantados poemas, ou judiciosos delirios, confronta-os em a fabula, nos episodios, na moral, na dicção, nos affectos, na conducta, nos caractéres, na parte narrativa, descriptiva, dramatica, na invensão, no maravilhosó, ou machinas, finalmente bate todas as moitas, e de todas ellas pouco mais ou menos faz sahir coelho, dando, e com razão, em tudo a preferencia ao Tasso; e com effeito dós edificios poeticos existentes he o mais bem acabado, o mais perfeito, o mais bem distribuido, o que mais se entranha na alma, salvo sempre Stacio, porque as comparações, e os parallelos, não são para este amigo; passeia só no Parnaso, ou para melhor dizer anda acima do Parnaso,

os que mais se encarapitão na bipartida cima, não fazem mais que olhar para elle cá de baixo, e serem similhantes aos rapazes, que querem appanhar o arco da velha, que quanto mais se chegão mais lhe foge. Todo o bom juizo conhece nos parallelos de Paulo Beni, que a preferencia está por parte do Tasso, e este livro deitou a perder todos os imperiosos, e soberbos accordãos da Crusca, que pertendião pôr acima de Jerusalem as cavalhadas de Rugerio, as loucuras de Rodomonte, a turlupinada da historia do Estalajadeiro, e os desvarios, e poucas vergonhas de Angelica, e Medóro. A Jerusalem he o mais acabado dos poemas, e Tasso o melhor architecto destas deleitaveis, e interessantes ninharias. Antes de eu ler Paulo Beni, já era desta opinião, porque em materias de boas artes, e artes imitativas, o competente juiz he o sentimento. O douto ex-jesuita julgou estas composições pelas regras, eu ajuizo do merecimento pelo interesse que me causão. Ora ahi vai huma nova especie de

comparação, á vista da qual, antes que eu intervenha com a minha lembrança, e não sentença, todos julgarão, que o pobre Tasso fica mettido em hum chinelo, e posto a hum canto, ou mandado para o andar da rua. Ahi vai a exposição do primeiro livro da Eneida, depois o da Illiada, e finalmente virá o da Jerusalém.

Lançado Eneas por força de huma tormenta, ou obrigado a dar á costa da Barbaria, o primeiro objecto, depois dos veados que elle mata, e come, com quem dá de cara a cara he sua mãi, mas elle não a conhece; e he de presumir, que Venus o enjeitasse; andava ella vestida de caçadora, e o pio Eneas parece que tinha cataratas nos olhos, porque sendo as Venus tão boas de conhecer, que não ha quem com ellas se engane, o bom Eneas parece que estava tolo, ou muito esquecido de quem o pario; pede-lhe pois que lhe ensine o caminho, contando-lhe de antemão seu naufragio como se ella o não soubesse, e a velhaca calada sem se descobrir, até que se pôz a

andar: pela desenvoltura do andar se conhecem as Venus, e elle conheceo que era a mãi; deixa-o pois cozido em huma nuvem, como o Escapim de Moliere, amortalhado dentro do ridiculo sacco. Como Eneas era piedoso, e melhor, como diz hum estouvado de França, para fundar huma ordem monatista, que para commandar hum exercito, vai direito ao templo, e ninguem dá fé delle. Demora-se na vista, e contemplação das pinturas que vê pelas paredes, onde estava representada a guerra de Troia, e até se descobrio a si mesmo fugindo com o pai escarranchado no cachaço, e o filho pela mão, e a mulher atrás com duas enormes trouxas de fato. Esta vista, e exame das pinturas obrigou a dizer a hum commentador, chamado Francisco Maria Zanoti, que Virgilio pinta o seu heróe consummado em todas as artes, pois só hum homem, que entendesse de desenho poderia gastar huma manhã inteira na contemplação das pinturas. (Oh commentadores, gado bravio!) Chega finalmente á presença

da rainha, mas ninguen o vê, só elle por hum buraco da nuvem, vê os seus companheiros, que julgava affogados, e ouve que lhe estavão fallando na pelle, sem saber que elle alli estava, e he coisa milagrosa, que ninguem attentasse com aquelle fantasmão da nuvem, a vejão que apparecia no meio de huma sala atacada de gente, ouve dizer á rainha, que estimaria bem, que elle apparecesse, porque o desejava conhecer (bem sabia ella que mancebo lhe vinha das portas para dentro!) então he que se rompe a nuvem, e de improviso se descobre com carinha de riso; ficão todos muito contentes, e ha huma grande galhofa. As mulheres, que todas são curiosas, não lhe soffre o coração a boa da rainha hum instante mais, e quer que o pobre, e naufragado Eneas sem tomar follego, lhe escarre alli todo o sarrabulho, que houve em Troia, desde o dia em que entrou o cavallo, até á noite do fogo. Então o pai Eneas repimpado em altissima poltrona, estando todos de bocca aberta, começou a comprida

arenga, que occupa todo o segundo, e terceiro livro, até que depois do « Speluncam Dido » apparece o diabo á náo da India, como consta dos autos do quarto livro, e magra cantata do Garção. Ora aqui temos em hum livro só huma multiplicidade de successos espantosos, e que parecem annunciar grandes acontecimentos futuros, que com effeito apparecêrão sem terem nenhum parestesco com estes.

Vamos ao primeiro livro da Illiada. Chegão as hostes Gregas aos muros de Troia, e sem dizer Homero o que fizerão, nem como se acampárão, introduz hum velho, sacristão de Apollo, que vem resgatar huma filha feita escrava de Agamemnão, e para este resgate se não offerece quarenta milhões, como Buonaparte diz, que quer pelo das nossas propriedades particulares, de que nós, e não elle estavamos de pacifica posse, offerece tantos, e mais quantos, e ao mesmo tempo chora pelas barbas abaixo, que cortava o coração, a primeira resposta que lhe dá o tal Sr. cunhado de Helena, he huma bofetada tremenda, que

faz esmechar o sangue pelas ventas sacerdotaes, com gravissima offensa de Apollo, depois o descompõe de nomes os mais injuriosos como os Francezes nos fazem a nós, que estamos em nossa casa, chamando-nos insurgidos, rebeldes, perturbadores do socego público. Apollo vendo o velho de pernas ao ar, toma o caso em trambolho, manda tamanha peste ao exercito Grego, que deo cabo de metade. Achilles consola Agamemnão, e de mistura com os outros Gregos lhe pede, que consulte a Calchas agoureiro, e bruxo famoso, advinhador de futuros brilhantes, para que elle descubra o meio de abafar a zanga de Apollo. Vem Calchas calcando o chão, e temendo que Agamemnão lhe faça o mesmo que fizera ao outro seu colléga no ministerio, não quer abrir bico, sem que Achilles lhe prometta defende-lo, e protege-lo. Achilles lho promette, que sempre os guerreiros cortárão largos em protecções como o Junot. Então declara Calchas, que toda a culpa era de Agamemnão e que não acabaria a peste, sem que elle

entregasse a Chrysis a boa da filha. Se Calchas senão esconde succede-lhe o mesmo, e Agamemnão mede-lhe o espinhaço com o bastão de marechal general, que tinha na mão, e diz que não larga a mulher, sem lhe ser recompensada pelos Gregos. Arde Achilles, e com razão chega-se a elle, e o descompõe de nomes tão injuriosos, que com perdão do pai Homero, duas regateiras não os proferem mais afrontosos. Depois de muitas, e mui grossas injúrias entre ambos, Agamemnão, diz a Achilles, que não largaria a escrava, sem que elle Achilles lhe entregasse a sua. Isto foi deitar azeite no lume. Tanto que Achilles ouvio fallar em Briseis, a quem queria mais que aos olhos da cara, a resposta que lhe deo, foi metter mão aos arames, puchou da altaclara, e por hum triz, que a não embebe toda na pança a Agamemnão. Acode Minerva, que era apaixonada de Achilles, dá-lhe hum puchão para tráz pelos cabellos, doido do repellão, volta a cara, conhece a Deosa, e atira com a espada ao meio do chão.

Então Minerva com boas razões procura aquietallo, e lhe pede, que tenha hum bocado de prudencia comsigo, e que o melhor era separar-se elle com os seus do resto do exercito dos Gregos, que coma, e beba na sua barraca, e que se não metta mais com Agamemnão, nem se embarace com a guerra de Troia. Agamemnão ainda que zangado conhecendo, que Achilles era o seu Berthier, e que sem elle não se sahiria bem do negocio da guerra, determina entregar a filha ao velho, e envia dois embaixadores a Achilles teimando sempre, que lhe entregasse em troca (elha, por elha) a tal Briseis. Os dois medrosos, não se atrevem a dar o recado a Achilles, porque não era para graças, mas Achilles percebe até pelo modo com que vem os dois do recadinho, o que elles querião, e lembando-se que erão mandados, desculpa de alcaides, quando vão fazer huma penhora, lhes diz, que não tremão, porque elle bem sabe, que a culpa he de quem lá os manda, de cuja villania elle se lembrará sempre, e que lhe não passará

jámais das goellas para baixo; e finalmente, manda que se lhe entregue a moça sem curar das suas lamurias, que não forão poucas ao despedir-se (nesta entrega, ouvi eu sempre o primeiro ronco do somno de Homero, porque sendo elle o *inexorabilis acer*, e o primeiro espadachim, não pôz embargos á penhora.) Desata depois a chorar, e a chamar pela mãi (outra incoherencia no caracter de Achilles) apparece-lhe Thetis, e o consola, persuadindo-o como Minerva, que se conserve amuado fóra do acampamento dos Gregos, em quanto ella se vai deitar a Jupiter, para que o desaggrave, promettendo-lhe que Agamemnão se ha de arrepender da desfeita, que lhe fizera; Achilles obedece ao mandado da mãi: e acabou-se o primeiro livro da Illiada. Os acontecimentos, não pódem ser mais complicados, e de taes disposições, e de tanta bulha muito se póde esperar. Ora eis-aqui o primeiro livro da tão celebrada Jerusalém.

Godefredo recebe aviso de hum anjo, chama a conselho os principaes che-

fes do seu exercito. Chega hum ermitão, e offerece-se para elle ser o conductor daquella empreza, todos concordão nisto. Godefredo, supremo general passa revista a todas as tropas, e depois manda marchar: tem noticia disto o rei de Jerusalém, moiro pérro, e endiabrado, prepara-se para a defensa. Esta he sem mais apparato, toda a acção daquelle primeiro livro, que não póde ser mais simples, mais núa, e mais desprovida de folhagens, e franjas. Comparada com as outras duas, quem não julgará o Tasso mettido a hum canto? Mas não he assim, e nisto consiste a superioridade da Jerusalém acima da Illiada e da Eneida: acabo de ler o primeiro livro da Illiada, fico estafado, e aborrecido da querela dos dois, e não tomo interesse algum pelo resto, e não houve ainda alma viva, que levasse o poema de fio a pavio. Acabo de lêr o primeiro livro da Eneida, succede-me o mesmo, e deixo para outra vez o que o padre Eneas ha de contar, mentir, e basofiar, e se alguem me quizer apertar, dizendo-me, que a

narração he interessante, seja embora, e tudo o mais, que se segue até Eneas vir, ou tornar da jornada do inferno, o que dahi se segue até que a alma de Turno vá berrando para as sombras, ou não tem parentesco com o que está dito, ou he outro poema á parte, ou he a verdadeira materia do poema, pois trata da principal velhacaria de Eneas, que era usurpar o reino a Turno, tirar-lhe a mulher, e fazer-se senhor do que não era seu, com o mesmo desaforo com que tinha abandonado a miserrima Dido, que o recebêra naufragado, e que o sustentára faminto. Duas grandes acções de Eneas, ingrato com Dido, usurpador com Turno, fazendo escarneo do pobre velho Evandro que não queria para genro o tal Eneas, moquenco abeatado, e hypocrita, dá seus ares de Buonaparte. Virgilio, quiz lisonjear Augusto, e bem se vio, que se arrependeo á hora da morte, mandando queimar o tal poema para que não houvesse mais fumos delle. Vamos agora a Jerusalem; o homem de gosto, e homem sensivel, que

chega ao fim do primeiro livro, cuja materia parece tão simples, se lê com attenção, he tal o tropel de sensações vivissimas, que se lhe despertão, he tal o interesse que toma, que jámais larga o livro da mão, até vêr os fios á têa; este interesse cresse na razão do adiantamento do poema: os acontecimentos estão tão encadeados, que não póde deixar hum só sem que se interrompa toda a cadeia, he preciso levar ao fim o poema todo, quando me parece, que a imaginação pára satisfeita, então se accende mais, e não socega até ao verso *Il gran sepolcro adora, scioglie il voto*. O meu coração dá a sentença da preferencia, e he irrevogavel á pesar dos embargos, que no tribunal das preoccupações lhe querião pôr os criticos, os commentadores, e todos aquelles a quem a manía do antigo tanto avassalla, tyranniza, e céga; que só julgão bom o que tem a propriedade do tempo, limitando de moto proprio, sciencia certa, e poder absoluto, a força, e a energia da natureza aos homens, que viverão ha dois mil annos.

Ora se o Tasso he tão superior aos mencionados antigos, quanto o será os mais celebrados, e divinizados modernos sêccos, e pêcos? Que motim não tem feito a triste, e magra Henriada? Ou seja do genio da lingua, ou da infecundidade do espirito do author para este genero de composição, creio, que não ha coisa mais miseravel. Cahe-me o coração aos pés, quando alguma vez embico com os dois primeiros versos do poema.

Eu canto aquelle heróe, senhor da França
Pelo jus da conquista, e jus da herança.

Isto assim vai muito enfeitado, porque a lingua Portugueza não soffre baixezas, quando diz, que canta, porque ao pé da letra diz o grande Voltaire « Eu canto esse heróe, que reinou sobre a França por direito de conquista, e por direito de nascimento: esta repetição de direito, que não diria o causidico mais pedante, he coisa verdadeiramente pueril. Se me lembro da dignidade do heróe, não

a podia o poeta abater mais do que fazendo-o tão chorão, e embasbacado do que apenas lombrigou a senhora Gabriela, ficou de queixo cahido, e para sempre namorado. Se elle introduzisse algum subalterno assucarado não peccava tanto; nunca o Tasso fez vêr a menor fraqueza a Godefredo; ainda que os dois valentões Tancredo, e Rainaldo se namorem, o primeiro de Clorinda, e o segundo de Armida. O eterno agente do poema he a discordia, personagem moral que ninguem vê; mas até com isto deo sincas, porque faz a discordia companheira de amor, para se introduzir no coração de Henrique, e quando quer introduzir a discordia em París, (parece, que lá he a sua terra) dá-lhe por companheira a politica. Nisto andou melhor o louco de Ariosto: querendo introduzir a discordia nos arraiaes dos Mouros acampados ao pé de París, buscando-a de balde por toda a redondeza da terra; foi dar com ella em Assis em hum capitulo de Frades, e conheceo que estava alli porque vio voar os breviarios pe-

las cabeças escalavradas dos panço-
dos definidores. Isto he huma chocar-
rice ridicula do Ariosto, como mui-
tas outras; mas em fim, leva a discor-
dia, dando-lhe por companheira a so-
berba, e o ciume, paixões alterca-
doras, e dignas da sociedade da dis-
cordia; e perguntando-lhe o anjo, on-
de estava o silencio, respondeo, que
nem o víra, nem o conhecia: eis-aqui
bem exposto o caracter da discordia,
e as propriedades bem dignas da sua
essencia. Os defeitos da Henriada,
formigão por toda a parte, mas qual
he o homem perfeito, ou quaes são
as obras humanas, onde não appare-
ção manqueiras? He grande aquelle,
que tem pequenas falhas.

EXAME

DAS

SCIENCIAS HUMANAS.

Quia nemo in se tentat descendere, nemo!
Tecum habita, et scies, quam sit tibi curta supellex.

Persio.

SOLILOQUIO XLIX.

Larga materia me deo sempre para profundas meditações aquella historia, que de si mesmo conta Marco Tullio no arrazoado, em que defende Publio Quincio. Diz elle, que se encarregára desta demanda convencido do argumento, que lhe fizéra o

histrião Roscio. Não queria Cicero (porque não era dos causidicos de agora, que a torto, e a direito defendem tudo com os seus insipidos provarás,) incumbir-se da defensa do Quincio, não porque lhe faltasse justiça, mas porque tinha pela prôa o orador Hortencio, de cuja eloquencia muito se temia, porque a este tempo era Cicero ainda mancebo, e pouco experimentado na arte oratoria: mas em fim resolveo-se, por que Roscio lhe disse. Tu temes confrontar-te com Hortencio, tendo a razão da tua parte? Olha que o que tens de sustentar contra elle he esta verdade: « Que hum homem só, e a pé, não podia andar em dois dias setecentas milhas, e desta verdade pende toda a causa » esta razão foi tão forte que determinou Cicero a entrar na lide como grande campião. Esta he a historia, e della derivei eu pela minha meditação o seguinte corolario: « Se eu tiver razão, se da minha parte estiver a verdade, devo eu acaso, ainda que me conheça huma formiga, temer os mais abalizados campiões da

sabedoria humana, quando lhe disser, que nada sabem, e que em todas essas sciencias que tanto nos inculcão, e impurrão, mais he o que se ignora do que o que evidentemente se conhece! mas não basta dizer isto, he preciso mostrar isto; e pode-lo-hei eu fazer? Veremos. Ao éco destas palavras, já me parece que de todas as escolas, academias, printaneos, licêos, e institutos do mundo se revirão contra mim olhos envinagrados, e caras assanhadas que me querem atassalhar, e comer vivo. Bom medo lhes tenho eu, quando armado da analyse mais circumspecta, posso mostrar a verdade, e a evidencia da minha proposição.

Costumão dividir-se as sciencias humanas, e que tratão só de coisas humanas que he a seara em que determino metter unicamente a foice, em dois ranchos: o primeiro he das sciencias intellectuaes; o segundo das sciencias fysicas, ou naturaes; neste segundo rancho costumão entrar as sciencias exactas, com parte das quaes não me metterei tambem. O primei-

ro rancho, tem por objecto as sciencias, que dizem respeito ao intendimento humano. Em primeiro lugar a origem, o progresso, as regras da arte de pensar, ou de dirigir o entendimento nas suas operações para o conhecimento da verdade, depois as noções do ente em geral, e em particular, e a tudo isto se chama em bom Grego, ou em bom Portuguez « logica e methafysica. » Depois da logica, e da methafysica, com o andar do tempo se desenvolveo, e reduzio a principios, outra sciencia, que se chama moral, que entra na classe das intellectuaes; e eis-aqui como. O homem he composto de corpo, e de espirito, e he muitas vezes logrado por suas mesmas paixões, e para se ter firme contra as tempestades, que ellas levantão em seu coração, e para as evitar, e dissipar, se inventou a moral, ou se reduzio a principios, regras, e axiomas, para se conseguir este fim, para se conhecer o que he absolutamente bom, e absolutamente necessario, para dar á alma aquelle bemfasejo socego, em que

cá de telhas abaixo consiste a ventura, e a felicidade da vida. Estás são as sciencias puramente intellectuaes, logica, methafysica, ethica. Mas estas sciencias estão ainda cobertas de tantas sombras, envoltas em tão profundas trévas, que fugindo, ou escondendo-se ás fracas indagações do espirito do homem, existem ainda em hum estado de imperfeição, e entre tantas coisas, que ensinão, só huma, ou outra verdade se manifesta. Esta proposição não se encaminha a apressar o estabelecimento do imperio da ignorancia, e a corrupção do gosto, que tão rápidos progressos faz entre nós; mas a abater o orgulho, e altanaria dos que se dizem sábios, e que com tanto desprezo tratão os outros homens, cura-los da soberba, he constitui-los no verdadeiro caminho da sabedoria. Talvez que este orgulho se derive da nova estrada, que os sábios dérão em bater para se encaminhar ao templo da sabedoria, esta vereda he o triste cálculo, que usurpou as funções da arte de discorrer, e raciocinar, methodo defeituoso, que

tem concorrido para emmagrecer nossas idéas, obscurece-las, e estreitar os vastos orizontes do genio livre.

Eu não sou aquelle homem tomado do espirito de cegeira, e de vertigem, inquieto, e caustico, cinico, sophista, quero dizer Jaques de Genebra, que subio, como dizem os Francezes, á tribuna das arengas, (em toda a extensão do significado desta palavra entre nós os Portuguezes) e tocou á generala contra os sábios para os pintar com as côres mais atrozes, e terriveis. Similhante a Gorgias antigo dialetico, e sophista, servio-se das armas da eloquencia para sustentar o imperio da ignorancia, e do erro; e detractor do saber, fez proselitos, e tem adoradores; mas os sonhos, ou os delirios deste desalmado, se desfazem em fumo não lhes dando quartel, e acolhimento. Os que cavárão o abysmo de revolução, trouxérão em procissão, e triumfo os seus ossos da Ilha dos Chopos, e condecorárão com o titulo de sábio, o jurado inimigo de Descartes, de Pascal, de Bacon, de Newton, e em geral

dos mais qualificados filosofos; este procedimento annunciou á França a confusão universal, e a desordem de todos os conhecimentos em que ao presente existe. Eu não sou este homem, não digo que se deve desprezar de todo o estudo, e a sciencia, só digo, que se sabe muito pouco, e que he preciso ter menos soberba, e mais conhecimento proprio. *Tecum habita, et scies quam sit tibi curta suppelex.*

He pois a logica, (eis-aqui a mais exacta, e verdadeira definição.) « A arte de conduzir a razão no conhecimento das cousas. Antes de se reduzir a regras esta arte em que quasi tudo he fallivel, e obscuro, havia outra, que ainda não acabou, chamada dialectica, como me lembra ter lidos no engenheiro Saverien, na historia dos progressos do espirito humano nas sciencias, e artes; esta dialectica, era huma especie de charlatanaria em que forão eminentes, Xenofanes, Prodicus, Gorgias, Protagoras, e Hippias, estes homens andavão pelas feiras, pelos jogos, e espectaculos

públicos, ganhando sua vida a disputar, e fallar de qualquer materia, que se lhe propunha, e isto de improviso, atrapalhando, e confundindo tudo, conforme as regras da tal dialectica. Este officio ainda continúa, se não nas praças, ao menos nos gabinetes. Bayle, e Jaques são os dois corifeos dos públicos charlatães, e tem pegado a tinha a immemoraveis. He pois esta arte muito differente da logica, mas tambem houve seculos em que as casárão, e confundírão a ambas, e se os seus effeitos, ou mais depressa o seu uso não he pernicioso, e funesto ao descobrimento da verdade, ao menos he manifestamente inutil. Assim mesmo nos seculos barbaros; e até depois de renascerem as letras, e se cultivarem em Italia, e França, tanto imbaio aquelles espiritos turbulentos, que então existírão, que foi julgada a unica, desprezando-se todas as outras. O mundo scientifico, se dividio em dois bandos gritadores, que amotinárão tudo, sem que nenhum se entendesse; o primeiro chamava-se dos reaes, o segundo dos

nominaes. Reis, Imperadores, tribunaes, e até almirantados defendião, ou condemnavão ora hum partido, ora outro, conforme progredia, e triumfava a cabala, e o interesse! O primeiro rancho, sem sahir jãmais das trincheiras da logica, gritava, que as coisas, e não os nomes érão o objecto da logica; o outro rancho, queria pelo contrario, que não houvesse sciencias das coisas; mas sim das palavras. Isto era o diluvio de Ovidio, o vento Norte á pancada com o vento Sul, vinha abaixo a maquina do mundo, não se ouvia outra coisa pelas escolas, logica, e mais logica, e os mestres não ensinavão aos rapazes, mais do que o modo de pilhar os adversarios com questões capciosas, e este gostinho os preoccupava tanto, que nada mais se estudava que a mofina logica, e em Portugal, onde por causa desta mania perpetuada em todas as escolas jesuiticas, nunca se compôz hum livro scientifica elementar; durou a campanha dos logicos até depois, que o grande terremoto deo com Lisboa de pernas ao

ar (fazendo com tudo menores estragos que os Francezes.)

O célebre Abailard, conhecido mais pela epistola de Pope, que por outra coisa, era o campião mais temido em logica, este novo paladino Florisel de Niquêa, punha cartazes públicos de desafio, lançando por toda a parte silogismo, e offerecendo-se em campo fechado, ou aberto para combater qualquer these. Nem hum cavalleiro errante, nem à flôr, e creme de todos elles, D. Quixote, buscou com mais avidade, quebrar huma lança em honra, e gloria de Dulcinea. Desafiou para hum combate públice seu mesmo mestre, amotinou-se a cidade de Parìs por acudir ao espetaculo, per certo não se ajuntaria mais na Sé de Logrono a ouvir prégar José Buonaparte: armado de silogismos de pés á cabeça, quasi todos em barbara, e baralipton, atacou-o sobre a natureza dos universaes, e ao segundo aparterei, com hum sincategromatice, o derrubou em terra, obrigando-o a renunciar o systema que seguia sobre substancia, que segundo

Bayle era o mesmo de Spinosa, porém eu duvído, que coubesse em miolos taes como os esquentados daquelles barbaros seculos huma coisa tão profunda como o systema de este judeo Portuguez.

Alberto Magno escreveo hum grosso, e enormissimo volume de logica mais obscura, que a de Aristoteles, porém não tanto como a de Aranha, Ariaga, Melgaço, e Agostinho Lourenço, e corrião tantos discipulos ás suas lições, que não havia casarão nos geraes da universidade de París, que os contivesse, foi preciso dar lições públicas em huma praça, sobre hum tablabo, e por isso se chamou a praça do mestre Alberto, e corrompendo-se o vocabulo, chamá-se ainda hoje a praça Maubert, que se não serve para logica, tem servido para a guilhotina. Nesta logica, que eu já li, porque tive o valor, córagem, e intrepidez de correr os 22 volumes de Alberto Magno, acção de maior denodo, que 22 campanhas Napoleôas se achão questões, não só inteiramente inuteis, porém ridiculamente pue-

ſa. Nesta logica, se agita com muita seriedade a questão « se hum porco que vai para o campo para se vender, vai seguro pelo homem, que péga na corda, ou pela corda que lhe prende o pé? Se hum homem, que compra hum capote, que tenha capuz, se inclua o capuz na compra do capote? » Assim durou a logica seculos, não havendo nem paz, nem trégoas entre os reaes, e os nominaes, fervendo tanto as alterações quanto mais crescia o peso, e authoridade das duas escólas Thomistica, e Scotistica, perdendo-se nestas tourinhas talentos da primeira ordem, como hum Egidio Romano, hum Alexandre de Ales, hum Guilherme Ockam, e outros homens desta abotoadura, até ao ponto de apparecem dois generaes no compo, que entrárão em conflitos mais espantosos que os de Aboukir, e Trafalgar, Pedro Ramus, e o meu Patricio Antonio de Gouvêa, que encovou o Francez Ramus; injúria que talvez os Francezes quizessem agora vingar com o sangue de Béja, onde nasceo o campião aterrador do primeiro inimigo de

Aristoteles. Entre nós durou esta mania até ao anno de 1759. Entre os Francezes se dissipou alguma coisa, hum seculo antes em 1610. Gassendi examinou a logica de Aristoteles, e publicou contra ella seus exercicios paradoxaes.

Em fim reformárão-se as sciencias intellectuaes, e os cabeçudos, e teimosos de Porto Real, entre muito boas coisas apparecêrão com a logica, ou arte de pensar, livro maravilhosamente escrito, a que tinhão precedido o de Silvano Francisco Regis, o de Lock, o de Malebranche, e a que se seguírão outros muitos dentro de França, como o de Condillac, e fóra de França, o do literatissimo, e amenissimo Genuense, cujos escritos (com especialidade os que escreveo em vulgar Italiano) para hum bom pensador, são de hum preço inextimavel. Seja pois o que fôr, a logica, ainda a mais aperfeiçoada tem hum defeito essencial, que nunca chega a descobrir meios convincentes para se conhecer hum erro, ou para se affirmar huma verdade. Hum homem

de engenho, e farto de sciencia, e conhecimentos, se ri dos melhores silogismos, quando quer sustentar o mais claro paradoxo, e acha em si mesmo aquillo a que os logicos chamão meios termos para pôr em róta batida hum silogismador mais agudo que Soares Granatense. Temos huma prova desta verdade ainda em hum seculo barbaro, quando hum silogismo em baroco espantava o mais destemido adversario. O cardeal du Perron na presença de Henrique III.°, fez hum admiravel discurso contra os Atheos. O rei lhe louvou muito o zelo, o saber, e a eloquencia com que tinha confundido os incredulos, sustentando a verdade da existencia com razões tão sólidas. O cardeal lhe tornou, que se S. Magestade lhe quizese dar audiencia no dia seguinte, elle lhe provaria o contrario com outras razões igualmente sólidas: desempenhou a promessa com escandalo do monarca: e era tanta a força do abuso dos proprios talentos, que o emminentissimo fazia para confundir os miseraveis silogismadores, que o papa Paulo V.°

dizia aos irmãos cardeaes « pessamos a Deos que inspire a eminencia Perron, senão elle nos pesuadirá o que quizer. »

Descartes manifestou de todo quão fraca fazenda era a logica, quando em huma numerosa companhia pedio, que lhe propozessem qualquer das verdades conhecidas; propôz-se huma, e elle a refutou com huma duzia de argumentos; pedio que lhe propozessem huma mentira, e elle com outra duzia a fez crer huma verdade. Logo não he a logica quem conduz ao conhecimento da verdade por mais que os mesmos modernos se esmerem em regras, em axiomas, em principios, e no que elles quizerem, tudo he baldado. A força do talento com a seducção de hum longo discurso destróe tudo, e faz engolir pirulas que tenhão o diametro de huma bala de 48, e comer paradoxos taes como os de Bayle, e os de Jaques, ficando com a bocca aberta os pobres logicos, como os mendigos rhetoricos á vista do homem de talentos, que sabe bem a coisa de que vai tratar, e

se ri das regras das partes da oração, e da ladainha das figuras. Eu substituirei á logica mais graúda quatro unicos principios tirados da mathematica. 1.° Não comer por verdadeiro se não o que he evidente. 2.° Dividir bem as coisas para as conhecer. 3.° Não omittir coisa alguma na divisão que se fizer, qualquer coisa que se deixar no esmiuçamento, entorna o caldo. 4.° Conduzir as idéas, e pensamentos com exacta ordem, começando dos objectos mais simplices, para os mais complicados, e dos mais palpaveis para os mais abstractos.

SOLILOQUIO L.

Muita razão achei sempre ao bom Socrates em se desviar do labyrintho da fysica em que via perder-se, embaraçar-se, confundir-se os teimosos, encabeçados filósofos de Athenas, que parecendo-lhe pequenos theatres para as suas gritarias as casas em que cada hum mora, hião buscar, ou os vastos

porticos, e arcadas públicas, ou ás hortas da visinhança da cidade para berrarem á sua vontade, e daqui vem o nome de estóa de academia, de portico, e de peripato. Deixou-se de systemas de fysica, que não geravão senão animosidades, entre huns, e outros sectarios, e buscou aquella sciencia, que de mais perto toca ao homem, e que lhe he mais necessaria, mais util, e até mais intelligivel, porque lhe dá pela roupa. A sciencia dos costumes, ou os principios da moral natural, que regula os costumes. Para este lado inclinou toda a força de seu vasto genio, e com taes maximas, tão ajustadas á razão, tão enlabuzadas da virtude, que a sua consideração obrigou muitas vezes a dizer ao grande Erasmo, que quando em os dialogos de Platão lia os principios, e os argumentos, ou razões de Socrates tão ajustados á natureza, lhe vinha a tentação, de o metter na ladainha dos santos, e de bradar S. Socrates, roga por nós. Isto he hum desvario, ainda que sustentado por La Mothe Le Vayer, e o que mais he

ainda indicado, e quasi defendido pelo doutor Diogo de Paiva de Andrade no seu livro das explicações orthodoxas contra Kemnicio: mas em materias theologicas não tenho eu outro lugar senão para o respeito, e submissão. Não metto foice em seara alheia: digo só que Socrates fez muito bem em se affastar do estudo da fysica, que naquelle tempo sem illustrar muito o espirito, pouco ou nada aproveitava ao coração. Se muitos objectos de luxo são escusados, ha sciencias, que são de puro luxo, Socrates via, que os Athenienses divididos em fracções, e bandos filosoficos, huns da parte de Epicuro, outro de Pythagoras, outros de Anaxagoras se esvaião em disputas, sem fim, sem concluirem coisa alguma, começou a tratar a sciencia dos costumes, desejando os homens antes bons, do que sábios, e com effeito vale mais hum homem de bem, que todos os archisabichões do universo. Os da escóla de Zeno, e Cleantes tambem se inclinárão para esta repartição, tratárão de ensinar aos homens as vere-

das da virtude, mas dérão em hum excesso ridiculo, fizérão da virtude huma tal coisa, que não he para homens de carne, e sangue. São bons os escritos dos estoicos para se ler, inuteis para se seguir, e imitar. Ora esta inutilidade diviso eu em todos os tratados filosoficos de moral mais corriqueira que a dos estoicos: não se segue daqui que eu intente proscrever os livros, e tratados scientificos de moral, antes eu julgo esta sciencia não só a mais util, porém a mais necessaria aos homens; só digo que estuda-la em os tratadistas methodicos he perder o trabalho. Antes que eu me graduasse na universidade do mundo, e désse em ler pelo grande livro da observação pública, bem queimei as minhas pobres pestanas em ler as empoladissimas tiradas de moral dos mais campanudos authores. Todo o armazem de Nicóle, toda a melancolia enfiada das maximas do Sr. duque de la Rochefoucault, o misanthropo Pascal, o desenhador do que não existe, La Bruyere, todo o Dúclos, quantos pintamonas ha de re-

tratistas de caractéres, e ficava como dantes, e peior, como cão malhadiço nas minhas manqueiras; via que todas aquellas apparatosas declamações erão o mesmo que prégar aos hereges. Os homens nem se estudão, nem se conhecem, nem se melhorão, se não pelo estudo pratico dos outros homens, dei na fina para estudar a moral, e para me abster de vicios, que era comtempla-los não em os debuxos dos livros, mas escritos, escarrados nos meus similhantes, ou tão máos, ou peiores que eu Ora não seria máo adoptar-se este methodo de estudar a moral não pelos livros, mas pelos homens. O mundo he hum grande livro, e bom sería que os professores por elles ensinassem os seus discipulos, e lhes fizessem vêr os costumes, as operações, as diversas figuras, e combates de tantas pessoas que vem representar neste grande theatro. Mas he pouco fazellas observar, he preciso avesar-se a julgar rectamente, do que he louvavel, ou reprehensivel nas acções alheias para aprenderem a regular sábiamente as suas. Não digo que se vão

espreitar, e descobrir os occultos passos de cada hum, nem as escondidas manqueiras do nosso proximo. Não digo que se acostumem os homens a maliciar sobre todas as acções dos homens, e a acreditar antes o mal do que o bem, mas digo que se representem bem, e fielmente os retratos públicos da gente, ou desvairáda, ou ridicula, e igualmente as acções das pessoas judiciosas, e virtuosas. Ora huma contemplação destas não ensina mais que hum inteiro dialogo de Platão, toda a ironia de Socrates, e toda a malhoada das epistolas a Lucilio do immortal, e eloquentissimo Seneca! Este homem, digo eu, perdeo a fazenda, e dar-se-lhe-ha de perder a reputação? Ora quem estuda bem este original terá alma de querer representar a mesma figura? Hum livro póde dizer-lhe ainda mais, mas nada tem tanto poder como o que entra pelos olhos, além póde fallar a rhetorica, mas aqui falla a experiencia. Quando eu encontro algum daquelles, que hontem andavão gandaiando trapos pelas ruas, e hoje rodão em so-

berbas carruagens, que posso eu dizer? Dinheiro, senhores, não cahe dos telhados em cima da gente. Aqui houve alguma coisa, e com huma ligeira observação conheço que este homem por caminhos obliquos, por abuso do poder, por detestaveis usuras sobio tão prestes, e posso eu deixar de horrorizar-me á vista deste espectaculo? E não abominarei eu de coração os meios que conduzem a este fim? Se eu quero aproveitar em moral, poderei eu querer imitar este monstro? Os vicios, e as paixões estudão-se nos homens, e não nos livros. Nada chega á pintura, que Antonio Vieira faz de hum colerico no sermão, sobre o perdão das injurias, que vem no tomo II.º o maganão parece Seneca nos livros da ira. Pois isto ensina-me a fugir a ira, e a cólera, mais que a vista horrorosa, e medonha de hum homem cólerico? Pois a vista de hum beberrão? Quando fito os olhos nestes espelhos posso deixar de detestar estas especies de loucura? Pois para eu conhecer as mulheres preciso de estudar, ou cansar-me na leitura

da secante composição do eloquente, e ultimo Francez Mr. Thomás? Basta ter os olhos, e querer gastallos por essas janella, ruas, e praças para descobrir seus vicios, sua presumpção, e vaidade. Que retratos me offerecem algumas, para as quaes o governo da casa, he huma galé pesadissima? Será preciso ler grandes declamações contra o pendor que todas sentem para a ociosidade, quando eu vejo ranchos, que não perdem divertimento, e que jurárão como os Inglezes aos Francezes guerra eterna, e inimizade ás rocas, aos fuzos, ás linhas, e ás agulhas?

Hum dos fructos da melhor filosofia consiste em conhecer o que he apparencia, e o que he substancia, o que he casca, e o que he miôlo; em saber distinguir o que he vaidade, e o que he realidade tanto nos commodos, e vantagens da vida humana, como nos titulos, nos postos, no favor, e patrocinio dos grandes. Tudo he comedia no mundo ou o mundo he huma comedia, que eu vejo sem incommodo. Sento-me na platêa, que eu que-

ro, sem me apertarem as ilhargas, sem me fazerem estourar as costellas, sem me impingirem bilhetes contra minha vontade, sem ter que tornar para casa moido, aborrecido, e estafado depois da meia noite, e isto para observar miseraveis cópias dos originaes, que eu vejo, e de que gozo de dia, e a todas as horas que me resolvo a contemplar o mundo moral. Tudo he comedia. Olho para huns poucos de herdeiros, á roda de hum defunto, apenas os clerigos berrão, o coche do Lagoia chega, ou o armador forra tudo de baeta pingada, oiço levantar hum pranto capaz de despedaçar pedras. Que comedia! Debaixo deste pranto apparente, anda mascarado hum riso, que arrebenta por se manifestar, e romper. Olho para dois que se encontrão, nem ao chegar da náo Hibernia ha maior estrondo de salvas, que a tempestade de cumprimentos, que de huma, e outra parte se escuta; conheço-os a ambos, e quem não conhecerei eu em Lisboa? E são dois irreconciliaveis inimigos. Qual he o livro de moral,

que me pinte huma imagem de perversa dissimulação como o original que eu tenho ante os olhos? Que comedia! E quantas comedias vejo eu naquelle que quer passar por homem rico, e eu o vejo pegado pelas paredes, rebatendo aqui huma letra, endoçando acolá outra, até dar com os bodes na area! Que comedia, eu vejo naquelle pigmeo, que quer passar por homem grande bem visto dos grandes. Naquelle outro que quer passar por bravo, de grandes bigodes, retorcido sabre, e elle he mais poltrão, e mais cobarde, que o Tresites de Homero, ou hum Francez nas mãos de Palafox. Todos são comediantes, e ha alguns, que até querem continuar a comedia depois da morte, escolhendo para roupas, ou mortalhas sepulcraes os mais devotos, e penitentes habitos, fazendo, ou representando depois de frios cadaveres aquella personagem de quem forão tão escarnecedores, tão contrarios, e inimigos na vida. Não fartos de representarem comedias em cima da terra, ainda teimão alguns em as represen-

tar debaixo della: e daqui nasceo huma especie de antigo proloquio, que diz «. Mentes mais que hum epitafio » e com effeito até nas pedras desejão os homens perpetuar, e eternizar a comica memoria da sua vaidade. Aqui jaz este, e aquelle, e nada jaz, se se levantasse a tampa em que estão esculpidas armas, e pomposas inscripções, que se encontraria? Nada. Este methodo pois de estudar a sciencia dos costumes pela contemplação dos originaes vivos, sãos, e escorreitos não só he mais facil que o dos livros, e tratadistas, mas he muito mais divertido. Póde acaso haver livro no mundo, que pinte, e descubra melhor os Francezes, que a observação do que tem sido entre nós os Francezes! Qual he o moralista que debuxe melhor hum ladrão, hum mentiroso, hum cobarde, hum impostor, hum impudente, do que me patentêa, e manifesta qualquer destes franchinotes, que tão despejadamente, e de cólo tão levantado passêão entre nós? Os livros servem para outras coisas, e para ensinar moral, o mundo. Se eu qui-

zer, ou gastar, ou perder o meu tempo, posso aprender pelos livros o que sejão, e como se formem as côres, quaes sejão as causas dos ventos, das doenças, e da esterilidade da terra, os fonomenos dos Ceos, a grandeza das estrellas, medidas de cá com toda a infallibilidade de dois vidros; posso saber por que treme a terra, por que berre o trovão, e fuzille o relampago; posso estudar, e conhecer pelos livros, todos os factos historicos, ou verdadeiros, ou mentirosos que tem aturdido o mundo. Isto, e muito mais me podem ensinar os livros; mas ensinar que boas rezes sejão os homens, isto só elles mesmos pódem fazer. Todo o ensaio de Pope, todo o espectador, não valem tanto como huma hora de exacta observação. Eu querería, que estes educadores da mocidade, que estes pedagogos de lords pequenos, que sahem com elles a galopar a Europa inteira para lhes mostrar em França as escólas dos salteadores, e em Italia os seminarios dos capados, lhes mostrassem antes os homens pelo lado moral, e lhos

fizessem contemplar com os olhos de huma luminosa filosofia; quanto aproveitarião estas vivas lições! Quanto se dilataria no mundo a grande sciencia dos costumes: unica sciencia, que nos póde fazer viver tranquillos, e felizes, ensinando-nos a supportar, ou evitar os homens.

SOLILOQUIO LI.

O fim unico a que parece se devião encaminhar todos aquelles, que se dão ao trabalho, e quasi sempre infructuoso mister das especulações scientificas, he a indagação da verdade. Este titulo tão consolador deo Malebranche ao seu livro, e ou por falta de bestunto meu, ou por sobeja obscuridade do mesmo livro, parece que o mesmo Malebranche quiz esconder a verdade dentro de hum labyrintho para se não dar com ella. Descobre-se, que o principal empenho de todos os literatos he espalhar dúvidas, embrulhar tudo, e apagar

a mais debil luz, ou lanterna que appareça para se descobrir a verdade. De tal maneira tratão o pró, e o contra, que o nosso entendimento fica sempre suspenso, confuso, e embaraçado sem se determinar, deixandose hir em huma contínua fluctuação. Peccado he este muito antigo, e parece original nos literatos. Os antigos declamadores, e entre elle o verbosissimo Carneade, que até se lhe metteo em cabeça vir embrulhar, e confundir os mesmos padres conscriptos, que formavão o senado da antiga Roma, se gabava de poder defender o verdadeiro, e o falso de qualquer objecto proposto. Esta herança ficou para os escriptores da seita encyclopedista de nossos dias, que com maior promptidão, e verbosidade disputão ou à favor, ou contra qualquer argumento, que se lhes proponha, e desta maneira vemos, que até filosofos talludos usurpão o mister villissimo de alguns causidicos, que são patronos das duas partes litigantes, sem saber huma da outra, senão quando ambas no fim da demanda se achão

sem real na algibeira. Isto nos filosofos não he a indagação da verdade, he apenas huma vã ostentação de engenho, que envolve em si o manifesto perigo, não só de esconder mais porém de destruir, e anniquillar a mesma verdade. Confesso, e conheço, que se encontrão nas sciencias humanas infinitas proposições muito duvidosas, e de tal sorte, que o entendimento não sabe a que parte se incline, e neste caso he mais que justo esmiuçar bem as razões, que militão por huma, e outra parte. Mas pôr tudo em dúvida por officio, profissão, divertimento, interesse, e para se adquirir a fama de engenho agudo, e penetrante, he coisa não só ridicula, mas vilissima, que longe de encaminhar o homem filosofo á sua meta, que he o descobrimento da verdade, della o desvia, e separa infinitamente. Nós não trabalhamos por adquirir gloria, mas por achar, e descobrir a verdade. Entre os modernos declamadores, e sofistas, quem he o que de coração busca a verdade? Parece que só se encaminhão a espa-

lhar a mentira, ou ao menos a estabelecer a dúvida universal. Grandes erão as idéas de Bacon de Verulame sobre este objecto! Por mais que eu busque tratar coisas que immediatamente nasção na minha, e da minha cabeça, muitas vezes não posso ter mão nas reminiscencias, que o fio dos meus pensamentos involuntariamente me trazem. Dizia elle em hum dos livros da dignidade, e augmento das sciencias: apparecem defensores por huma, e outra parte, que até deixão aos vindouros a liberdade de duvidar de tudo, de tal maneira que parece que os homens agução o engenho, para que mais se propague, e se transmitta a dúvida do que para se dissolver, e terminar. Isto se descobre mais nos sequazes, e partidistas desta, ou daquella escóla, que tem a manha de querer, que seja perpetua a dúvida huma vez excogitada, e admittida, quando os homens parece que só devião fazer uso de hum engenho indagador, e de aturado estudo para deixar por certo o que pareceo duvidoso, e não para eternizar a dúvida, ou re-

duzir a duvidoso, o que he demonstrado. Por este prurido não sómente de inventar mil novas questões, mas de pôr em dúvida todas as coisas, os filosofos da escóla tem perdido o crédito em nossos dias, e toda aquella grande estima, que havião adquirido nos seculos barbaros. Eu não sei se os quiz reproduzir o infatigavel Bayle, com aquelles quatro enormes vocabularios com que affogou a República das letras, e melhorados como se fossem poucos, e pequenos, com outros quatro de igual tamanho por seu camarada Chauffepié. Eu sempre chamarei a Bayle mais logico que filosofo. Com armas da dialectica na mão, he hum novo Carneade; derrama dúvidas por toda a parte, e embrulha de tal maneira até os factos mais indubitaveis da historia, que sahe a gente suada de aflicção só com a leitura de huma pagina. Seu gosto era andar á caça de nevoas, dominado pela invencivel vaidade de achar que dizer contra tudo. Para a verdade não se caminha senão por estrada Coimbrã. He preciso ter mais cuidado, e mais

ancia da verdade, que gloria; e persuadirem-se os chamados literatos, que a gloria não se adquire senão pelas veredas da verdade. Primeiro deve o filosofo cuidar na verdade, e depois se a modestia o não prohibe cuidará o filosofo em conseguir outros caprichosos fins. E se não se póde pescar, ou apanhar de todo a verdade, ao menos cuide-se em conseguir tudo aquillo que mais para a verdade chega, e se aproxima. Depois disto eu sempre me persuadi, que tantas controversias filosoficas, e de outras disciplinas puramente humanas, que tanta matinada tem feito, e fazem no mundo, não são mais que puras questões de nome, e continuão a existir, porque continúa a desgraça de se não estabelecer bem o estado da questão, ou objecto de disputa, sem o quererem arrancar das unhas de termos equivocos. Não nos admiremos, quando observamos questões, que nunca chegão ao fim, tratão-se estas questões sem intenção sincera de achar, e determinar a verdade, só com o presupposto de sustentar a propria opi-

nião, huma vez que se segue algum partido, quaes se virão nos seculos de barbaridade os nominaes, e os reaes; e ainda agora em seculos de luzes de crítica, e de filosofia, os Newtonianos, e Cartesianos; e assim tambem entre os systematicos de qualquer faculdade como a medicina. Aqui entra o interesse, o uso, e quasi sempre huma pertinaz ignorancia, que agora mesmo reina nás escólas, e nos livros. He admiravel o que escreveo Samuel Werenfels, cujo titulo he este « De Logomachiis Eruditorum " Dás guerras de palavra dos eruditos, onde esta materia se trata de hum modo tão exquisito como util.

Seguem esta bandeira do embrulhamento universal as disputas públicas. Muito me dérão sempre que meditar, e quasi sempre que rir humas coisas chamadas conclusões. Toirinhas ás vezes, que nenhum homem melancolico deve perder, porque se o espectaculo das coisas humanas, e mortaes toca o entendimento, e exprime lagrimas dos olhos, o espectaculo de algumas conclusões provoca-

ria a riso o mesmo Timão Atheniense, e o mesmissimo Young em a noite em que lhe morreo a enteada. Esta defensa das conclusões he coisa introduzida ha poucos seculos, e de quando em quando nos trazem alguma ou tediosa, ou ridicula comedia. A primeira conclusão destas conclusões he sempre esta. Que o defendente ha de ter rasão; e se por acaso se encontra algum indiscreto, que bem provido de voz mostre renitencia em approvalla, a coroa dos espectadores naquelle côro literario á força de pateada, ou vosaria, o obriga a reconhecer a justiça. Os entremezes pois que se representão nos intervallos, os artificios, que se praticão entre aquelles ora fingida, ou verdadeiramente enraivados, e derramados combatentes muito dão para notar, e para discorrer, e para mim estas justas, e torneios literarios forão sempre hum manancial fecundissimo de reflexões sobre a demencia humana. Com estas conclusões se decide, da capacidade, e do talento de hum sugeito: regra fallivel por certo, porque póde

haver homem de profundo engenho, e vasta erudição, a quem o apparato, o aspecto horrivel dos combatentes, a voz de Stentor com que sahe daquellas praguentas boccas o maior do primeiro silogismo, perturbe muito seriamente. He preciso ter hum grande exercicio para se não desconcertar. Apparecia n'outro tempo hum Scotista, diante de hum Thomista, hum Ariminence diante de hum Molinista. e viceversa: não digo que a batalha de Marengo fosse mais renhida como o apregôa o Quixotte Corso, mas por certo não o foi tanto a de Tharsalia. Cesar, e Pompeo não erão dois campiões mais terriveis. Debalde o corpo de reserva dos outros arguentes já com a espada do papel impresso, e folha dobrada na mão queria entrar em campo; acabava-se o dia, e elles deixando que o sol se pozesse sobre a sua ira, tocava-se a campainha, e não cessava o fogo.

Taes disputas apenas pódem servir de alguma coisa aos mancebos em quanto se exercitão em fallar ao público, mas de nada aproveitão pa-

ra achar, e descobrir a verdade, cada qual dos combatentes afferrado á sua anticipada opinião, sahe dalli com a mesma dúvida, e com mais firme presupposto de seguir, e defender o seu partido. Eu observei algumas vezes que sem se tocar a questão apenas começavão a gritar, o defendente hia para o sul, e o arguente para o norte, e como em caminhos oppostos de charneca quanto mais se avançavão, mais e mais se desviavão. O homem imparcial, que busca só a verdade nas sciencias, e que só se matriculou na escóla da verdade, humas vezes se ri, outras se indigna, quando obrigado de algum respeito humano, se acha no meio destes escolasticos espectaculos. Lembra-me ter visto delles huma pintura galante em o mais discreto, e engenhoso poema heroico-comico que tenho lido. Era Mss. na lingua Italiana, e intitulava-se « O capitulo dos frades » hum emprestimo mo sumio para sempre, acontecimento muito ordinario, porque se julga, que estes furtos não tem restituição. O episodio das con-

clusões excedia em graça, invenção, e originalidade a tudo quanto ha de melhor no Lutrin, e Dunciada.

Hum dos mais sérios empregos do bom engenho, deve ser, descobrir, e reconhecer todos os extremos, defeitos, erros, abusos, e vicios, que se oppõe ao descobrimento da verdade. unico intuito do homem filosofo. Muito arredado da perfeição literaria andará aquelle que não possuir hum claro conhecimento de tudo isto em qualquer materia que se determine profundar. He preciso saber isto em geral, mas conhecello nos casos particulares, e distinguir em qualquer argumento, tudo o que he fóra de proposito, e tudo quanto se oppozer ao fim que he o conhecimento da verdade. Se eu vir defeituosos os outros filosofos, e desprovidos deste conhecimento, se eu os observar arredados do conhecimento da verdade, affogando esta em questões frivolas só com o espirito de partido, e por obdecer ás leis imperiosas da escóla que se abração, eu devo dizer, se componho, ou escrevo « e cahirei eu na mesma rede,

darei com o pé na mesma peia? Cahirei acaso naquella mesma imperfeição, que reprovo, e que reprehendo nos outros? » Mas onde vou eu dar comigo com todo este aparato de razões, sobre a ancia com que em qualquer materia, que se escreva, ou trate, se deve buscar a verdade! Que esta verdade deve prevalecer em filosofia ao espirito de partido? Antes que me adiante mais, devo dizer préviamente, que o compôr muitos, ou poucos livros, em pouco, ou muito tempo, com brevidade, ou prolixidade de discurso, se não deve reputar como hum argumento seguro do merito, ou demerito dos livros. Hum homem bem velho, chamado Calimaco, disse « Hum grande livro, he hum grande mal » e hum moderno ajuntou, « e hum grande prefacio, he hum mal ainda maior. » Os fructos que não chegárão a maturidade, nem agradão ao paladar, nem pódem ter duração; são mais abortos, que partos naturaes os livros dos muitos appressados. Nos corpos desmedidos, acha-se pouco sal, e muito succo vi-

cioso. O merecimento de hum livro não consiste no seu grande, ou pequeno volume, no muito ou pouco tempo, que a sua composição levou ao seu author. Nestas balanças não se pesa o merecimento. Este só se deve medir pelo amor da verdade, que o seu author manifesta. Se elle a escurece, se a encapota, se a embrulha, sejão quaes forem os outros predicados do livro, eu direi sempre, que não presta para nada. O bom escritor he aquelle que não busca a gloria de escrever muito, mas de escrever bem, que escreve sem furia, e que em suas composições busca a verdade. Eis-aqui o que dá valor aos livros da mais importante materia, que he a filosofia. Por mais diligencia, que ponha o escritor filosofo, se não busca a verdade, nenhum bem trás á República das letras, e aos homens com suas composições. Em quanto hum livro cheira a Newtonianismo, outro a Cortezianismo, outro a Wolfianismo, não apparecerá a verdade. Inda se espera no mundo huma seita, que busque só a verdade, esta se deixará ficar no fun-

do do poço de Democrito, em quanto de lá ouvir altercar os differentes partidos, e dizer a cada hum delles « A verdade está da minha parte. »

SOLILOQUIO LII.

Notei sempre, e com muita particular attenção a repugnancia, que os mancebos tem em ler livros preceptivos, e instructivos, cheios até aos olhos de preceitos de regida moral; persuadem-se que encontrão o que he de mais repugnante, e fastidioso para elles, que he hum velho austero, e caustico, que os suffoca com reprehensões, que ainda que esteja cançado das pernas, não o está de lingua para lhes prégar, e matinar de contínuo, querendo-os fazer á força de prégações velhos antes de tempo. Não succede isto quando lhes cahem nas mãos livros de historia, ou vidas de homens illustres, porque na variedade contínua dos accidentes, acha hum pasto saborosissimo sua sa-

bia curiosidade. No meio deste deleite do espirito existem, sem o advertir em huma verdadeira escóla, e pódem aprender pela prática, tudo quanto hum livro, ou hum mestre de theorica lhes poderia ensinar sem proveito com a enfiada de maximas de moral. Ora se os professores de ethica, em lugar de lhes explicarem os principios, os theoremas, e os corolarios de hum tratado systematico de Heineccio, de Eduardo Job, de Wollaston, de Puffendorfio, de Wolfio lhes fizessem notar o formoso, e o feio dos retratos tão vivamente esculpidos na historia, e que ella costuma subministrar, quando he judiciosamente composta, tirarião por certo hum grande proveito, por elles aprenderião a conhecer, e a distinguir tudo aquillo que ha de louvavel, ou reprehensivel em cada hum dos paizes, nos costumes, no governo, nas artes, e na policia. Isto que eu desejava vêr nos professores públicos de ethica, ainda mais o quizéra encontrar naquelles, a quem se confia a educação domestica da mocidade. Estes, mais

pela observação prática, do que pelas theorias dos livros deverião instruir, e ensinar seus discipulos; mas seria preciso que este cuidado de educar bem a mocidade, e de lhe impingir bem os principios da moral, não fosse confiado a pedantes, manietados com os livros, que delles afora, são perfeitamente estupidos; mas a bons anatomicos dos caractéres, prerogativas, defeitos, e ridiculos dos homens Que lhe podessem dizer « Rapaz toma sentido, e repara bem na affectação ridicula, que mostra aquelle nas palavras, nos gestos, nas acções, no andar, e no vestir. Olha para aquelle agora, e abre bem os olhos para veres hum retrato vivo da vaidade, e de amor proprio naquelle, que he pena não ser Francez pelo muito que mente, e bazofeia da nobreza de seus avoengos, das suas proprias aventuras, e proezas de seus feitos de armas, e valentias. » E como nem todos os homens são máos, e para fazer o bem não basta fazer-lhes notar unicamente o que he desordem, devião estes mestres mostrar-lhes ima-

gens vivas de virtude, e dizer-lhe: « Olha rapaz, que delicadeza se acha naquelle homem, que modestia conserva na sua grande fortuna, que respeito mostra aos inferiores! Com quanta prudencia mede suas palavras, seus louvores, suas censuras! Olha com quanta sabedoria se sabe calar sem se obstinar em suas opiniões, sem querer ser o tyranno das conversações, sem se erigir de motu proprio em mestre de cadeira! Sem querer perder hum amigo, só para não perder hum motejo, huma agudeza. Estes retratos offerecidos aos olhos da juventude, que se educa aproveitão muito mais, que as genericas lições. São exemplos vivos, e muito dezasisados será aquelle que attentando bem nestes objectos sem o trabalho da applicação literaria, que estafa, consome, e enjôa não aproveita muito pelos caminhos da moral.

E como se ateima a querer-se fazer aprender pelos livros, o que com muita mais facilidade, e proveito se podia estudar com os olhos passeando; bom seria, que em lugar

dos theoremas de ethica, se mandassem estudar de memoria certos proverbios sentenciosos, ainda que usados do povo, e até surrados entre o vulgo; cada hum destes proverbios contém huma grave sentença demonstrada, e ensinada pela experiencia. Não ha lingua, nem paiz, que não tenha estes proverbios, e entre todas as nações, nenhuma he mais farta delles que Portugal, tão judiciosos, que parecem dictados pela mais apurada filosofia. Os medicos, a quem a malignidade chama sem razão assassinos circumspectos, tem os aforismos de Hippocrates, e os de Boerhaave commentados por Haller com tanta sabedoria, e com tanta razão applaudidos do mundo, e tão celebrados, servem aliás de hum grande subsidio á sua incerta arte: assim os proverbios, não digo todos, digo só os moraes, pódem admiravelmente aproveitar ao homem, para dar ás coisas seu justo valor, e regular suas acções. Huma judiciosa collecção destes proverbios, e sufficientemente commentada, mettida na cabeça aos rapazes, obriga-

dos a repeti-la como lição, formaria huma quinta essencia, e hum facil compendio, que se receberia, e conservaria com mais gosto, que tudo aquillo, que com tanta enfase, rodeios, e apparato nos pertendem ensinar os livros sapienciaes dos filosofos. Este resumo seria huma mina riquissima de documentos, para quem quizesse viver como verdadeiro filosofo, e aproveitaria muito mais, que toda a leitura dos caractéres de Theofrasto, com todos os outros que de sua cabeça lhe ajuntou La Bruyere; livro tão applaudido, tão divinizado, que sem mais empenho, ou protecção abrio ao seu author as portas da academia Franceza, daquella academia que foi obra de Richelieu, e objecto da munificencia de Luiz XIV.º mas livro, que segundo o meu fraco entender tem huma grande desgraça. Quando as sentenças estão enfiadas, ou amontoadas humas sobre outras sem ordem, e o que he mais, sem commento não pódem tornar, nem gostoza, nem proveitoza sua leitura; o que tão injustamente se disse de Seneca, se

deve com razão dizer de La Bruyere, que he arêa sem cal. Com sua brevidade entrão depressa na cabeça, e com a mesma brevidade desapparecem, e desertão da cabeça: e assim não póde a memoria surtir-se destes destacados, ou descosidos axiomas moraes, porque escapando hum quando entra outro, nenhum chega a imprimir-se profundamente nos miólos. Nunca por similhante livro se poderão aprender os importantissimos principios da filosofia dos costumes. Não com pequeno afinco me deitei eu á leitura dos caractéres no tempo do meu literario delirio, que tanto tempo me fez perder, e apenas conservo hum, ou outro dos retratos tão gabados de La Bruyere, feitos, segundo creio, de fantasia, porque a maior parte dos originaes são impossiveis em a natureza, como por exemplo o do destrahido que me ficou! Póde acaso a distracção chegar a tanto em hum homem, que se esquece de tarde, terse recebido com huma mulher nesse mesmo dia pela manhã, e que entrando em casa, aonde já tinha che-

gado a mulher, que vinha da Igreja naquelle mesmo instante, lhe pergunte quem he, e que quer naquella sua casa? Isto he feito de proposito. E qual he o homem, que aprenda por este retrato a não ser distrahido?

Sem a observação de originaes ambulantes, e mostrado por bons mestres não se aprende a sciencia dos costumes. E porque o mundo quer quasi sempre rir, e seria hum misantropo quem não admittisse públicos, e particulares divertimentos, sempre me persuadi, que as comedias poderião instruir não pouco nos principios da moral, e nas obrigações civís, a que está sujeito todo o cidadão ingenuo. Não fallo das comedias dos nossos theatros, rapsodias mal concertadas, retalhos mal ajarcados, sujos de immundos equivocos, de amores obscenos, de malicia ensinada com arte, de vicios triumfantes, que se reprentão com tão livre, e licito passaporte. (Estas escolas estão agora desertas, porque os Francezes á força de roubar, vão fazendo dos ociosos, peralvilhos, e caixeiros de Lisboa, per-

feitos anacoretas), fallo daquellas comedias, a quem os Latinos, chamão moratas que fazem rir sem obscenidades, e torpezas; que mettem com habilidade a ridiculo os defeitos mais usuaes dos homens, que não ensinão maximas viciosas, nem subtilezas para que o homem fique impune na perversidade; que representão, assim he, os vicios, mas tambem o castigo, que os segue não com tardos passos. Se apparecessem comedias de enredos judiciosos, e verosimiveis, bem encadeados, e semeados com destreza de documentos uteis, que recomendassem as virtudes, e desacreditassem os vicios, eu faria continuos votos para que os veneraveis histriões tivessem enchentes reaes, porque estou persuadido, que a mocidade, longe de sahir do expectaculo com huma larga dóse de corrupção, sahiria com o coração cheio de horror ao vicio, e de amor á virtude. De tragedias eu dispensaria os theatros, quem tem vontade de chorar, chore seus peccados das portas para dentro, chore a tragedia universal da Europa, e do

mundo desgraçado ás mãos do jacobinismo, e theatro da rapacidade, e mentiras Francezas. Tenho lido quantas tragedias ha, e nenhuma he absolutamente perfeita, porque de todos os assumptos tragicos, não ha mais do que hum susceptivel da ultima perfectibilidade das regras. Não quero agora bulhas com os professores de poetica, algum dia apparecerá. Digo agora, que para ensinar a moral sem livros, aproveitão mais as verdadeiras comedias, porque estas, além do ridiculo, que mais facilmente se insinua no coração do homem, tem a fortuna de estarem mais ao alcance da intelligencia do todo, porque são entendidas não só dos altos, ou levantados entendimentos, mas do povo mais inliterato, e rude, o que não succede á tragedia.

SOLILOQUIO LIII.

Parece que a contínua leitura dos livros, em que tenho consumido grande parte da minha apoquentada vida, ou turbulenta existencia, deveria ter produzido em mim dois muito naturaes effeitos: o primeiro, hum decidido amor, e huma violenta paixão pelos livros, e o segundo huma firme persuação da sua muita idoneidade para formar o homem sábio, isto he, o homem capaz de viver bem na sociedade dos outros homens, que he o fim, e o fructo de todo o estudo, e erudição. Pois não he assim; antes pelo contrario, tem produzido em mim effeitos oppostos. Hum odio refinado aos livros, e hum claro conhecimento da sua inutilidade para este grande fim. Dá-se hum mancebo ao estudo, enche a cabeça de maximas, de nomes, de *datas*, de factos, de opiniões, de hipotheses, quando se espraia pelo dilatado campo da historia,

humanidades, e filosofia. Depois de eu ter a cabeça abarrotada de tudo isto, disse das humanas sciencias, aquillo mesmo que Bruto moribundo, disse errada, e indignamente da virtude. « Oh sciencia, sciencia, eu cuidei, que eras alguma coisa, e agora te descubro hum nome vão, ainda que sonoro, e lisongeiro! »

Entre todas as virtudes, não ha outra que seja mais necessaria ao homem, que vive em sociedade, e por isso mesmo em estreita relação com os outros homens, que a prudencia: esta virtude não póde ser, nem inspirada, nem ensinada pelos livros. Esta virtude moral deve em parte seu principio, e sua origem á natureza, mas aperfeiçoa-se, e torná-se em habito, não pelo estudo das theorias moraes, mas sim pela observação. O grande livro do mundo he aquelle, que com seus varios acontecimentos, põe diante dos olhos do observador, tanto a sábia, e prudente conducta dos homens assisados, como os erros, e as desordens commettidas por outros, e para quem tem alguma onça de

miôlo na cábeça, esta he a verdadeira escóla, onde os professores de ethica devião ensinar, e formar os mancebos na virtude da prudencia. De tal sorte he formada a maior parte dos homens, que não aprendem bem, nem se lhe imprime bem na cabeça, para se guardarem do que he pernicioso, se não quando elles mesmos por experiencia o provão, e sentem. Não se conhece o bem, se não quando se experimenta o mal. De ordinario, não se estima a saúde, se não quando se perde. Ora isto não se ensina pelos livros: he preciso que o educador lhe faça observar nos outros, e no mundo o que lhe quer ensinar. Elle dará huma viva lição de prudencia ao discipulo, se lhe fizer notar em cabeça alheia quanto custe o fallar de certos factos sem consideração, e respeito algum; principalmente prorompendo em censuras, em termos pungentes, picantes, e irrisorios diante de pessoas não confidentes, pessoas chocalheiras por natureza, que ainda sem malicia são almocreves do que escutão, acarretando quanto ouvem de

hum lugar a outro, introduzindo de sua casa, e mettendo de sua cabeça grossas franjas; quando estendem o seu guardanapo, e ostentão grande fertilidade de imaginação. Com esta facil observação elle conhecerá quanta circumspecção seja precisa nos grande circulos, e conversações para discorrer, e fallar das acções alheias. Fará vêr igualmente a outro a quem acabe de dar alguma tintura de sciencias, a ridicula inchação daquelle, que entonado com quatro definições do compendio, e anno e meio de curiculo academico, empanturrado, e com ár dictatorio, e magistral vai com voz alta, e desprezadora, buscando o glorioso titulo de pedante, fazendo ao mesmo tempo conhecer a quem o não sabia, que elle está cheio, e occupado de si mesmo, e que com tanto estudo, ainda não aprendeo dois dedos de civilidade. Ainda que o homem por sábio que seja tenha razão no meio das disputas, pede a mesma razão, que exponha com socêgo, e modestia o seu parecer, e sentimento, impugnando com garbo, e

cortesia a opinião contraria, mostrando sua falsidade, sem atacar pessoalmente o que a sustenta. Esta delicada maneira de combater, atrahe a benevolencia, senão do adversario teimoso, ao menos dos ouvintes imparciaes. Em muita, e grande opinião se tem a si mesmo, quem se altera, e se enfurece, porque os outros presistem em opiniões diversas das suas. A estes espiritos de contradicção não aproveitão prégações, apenas se contém alguma coisa, quando conhecem que muitas vezes sustentárão huma proposição ridicula, e falsa, e que loucamente inflammados comprárão com gritos, serem o fastio, e o odio de muitos, e que todos fogem, como de hum apestado, sua conversação pezada, e desgostosa para todos. O bom moralista com este quadro adiante dos olhos ensinará ao seu discipulo, que quando entrar em campanha disputatoria faça guerra de homem civilisado, isto he, com huma dóse daquella prudencia, que nas conversações he necessaria a todos, e na verdade he coisa vergonhosa, que pade-

ça falta, e inopia de prudencia, quem se figura, e blazona de saber mais que os outros. Com estes exemplos se faz conhecer a grande vantagem da escóla dos desenganos, que de ordinario se não alcanção dos livros, e sómente se aprendem á propria custa. Só desta maneira se formará o homem digno do raro elogio de prudente, e sahirá desta escóla muito mais sábio, e instruido do que sahiria em materias de ethica do mesmissimo portico de Athenas, e da confusão, e contínua opposição, e contrariedade de opiniões, em cujo labyrintho perdido o entendimento, não atina com a verdade que unicamente se encontra pela segura estrada da experiencia, e pela assidua leitura do livro do mundo.

SOLILOQUIO LIV.

Nenhuma coisa incha mais os homens que a sciencia, e nenhuma coisa os devia humilhar tanto como essa mesma sciencia filosofica, que em conclusões evidentes he igual a zero. Sempre fôrão para mim objectos de profundas meditações certos franchinotes empanturrados, que tornão a casa dos pais, e parentes com hum só anno do Mondego na barriga, e huma alluvião de fumaças na cabeça. Raros exemplos são estes da ingenita vaidade humana! Não he preciso espera-los de tão longe, estes não são de facil accesso, passão rápidos, nem se dignão de apavonados lançar ao menos de travéz os olhos sobre as pequenas, e quasi esmagadas formiguinhas que não escutamos entre os sustos da urna dos destinos, a imperiosa vóz do bedel, que chama para a sabatina. Basta que eu contemple hum miseravel, que escutou por hum anno as

explicações rebatidas nos precedentes do compendio Logica. Ei-lo vai cheio e abarrotado de seu insigne saber. Para se julgar huma grande, e respeitavel personagem, não lhe he preciso ter chegado a descernir, e conhecer as redes mais subtís dos sofismas para saber plantar huma bataria de argumentos, e aterrar, e pôr em completa derrota hum adversario; nada disto he preciso, basta haver tocado os preliminares da tal logica que eu julgo bem pouco fructuosa arte, para se aprezar tanto a si mesmo que considere o resto dos homens como animaes estupidos. Esta inchação, ou hidropica vaidade cresce, e chega a trepar, e subir tanto, que se lhe não vê o cume, se hum automato estudante passa de escolar de medicina á magestosa honra de laurea doutoral, conseguindo a summa ventura de apalpar varios pulsos em companhia de seu mestre. Não toca a terra com os pés, e tanto se lhe antolha haver-se levantado, que olha lá muito de cima com insultante desprezo para o resto dos homens a quem el-

le chama o vulgo dos ignorantes, e em horas de bondade, e humanidade se compadece delles, porque em fim não chegão a conhecer a horrivel virtude dos calambulanos, a tenacidade do basilicão, e o mercurial poder dos pós de Joannes. Se olha, ou se digna abaixar os olhos para homens destinados por estudo, e que tem consumido a vida na contemplação da natureza, e que á luz do faxo da filosofia aprendêrão a dar ás coisas o seu justo valor, se enternecem, e magôão de vêr que ignorão, quantas tripas, ventriculos, e forçuras tenha a pansa dos quadrupedes, quantas roscas formem o orificio anus. Compadecem-se destes mesmos doutos, porque não entendem como elles, o grande misterio de tantos nomes estranhos, com que o saber Grego, e Arabico enriqueceo, tornou veneravel, ou fez ridicula a medicina. Ainda aqui não pára seu coração bazofio, e desvanecido. Este insecto soberbissimo, julgando-se mais, que os que tem as mãos callosas na praxe medicinal, sentado á cabeceira de hum padecente,

que está (ás vezes por culpa sua) á ponto de passar á eternidade, trinchará sentenças, e cuspirá decisões sobre a qualidade da dysenteria, que atenúa o enfermo, e lhe cahirão da bocca infalliveis pronosticos sobre as qualidades corrosivo-irritantes da materia morbifico-dysenterial. E o que ha de mais admiravel he que se não abata a prôa a hum destes loquacissimos assassinos, ainda que veja crescer a olho, e engrossar-se todos os dias o catalogo dos mortos. Mas eu não estranho que em mancebos inconsiderados, se encontre esta presumpçosa vaidade pelos seus ainda que tão tenues conhecimentos. A inexperiencia, e a idade, imaginando-se cabeças calculantes, lhes serve de escusa, e de desculpa. Mas que manquegem ainda, e se sintão deste influxo pessoas envelhecidas nos estudos, e que se dão a si mesmas o grande ár, e o tom de hum grande saber theologico, filosofico, legal, ou porque engatinhão alguma coisa na eloquencia, ou em fim porque sabem engrazaar quatro versos, isto sim, que me dá grande

motivo, para me maravilhar, e espantar! Não he só na mãi dos Graccos, que Juvenal observaria o *grande supercilium*, se vivesse em os nossos apoquentados dias, elle o encontraria em tantos, e tantos que fallão sempre magistralmente em filosofia, jurisprudencia, medicina, etc. Ayezados a tratar com os doceis, e embasbacados discipulos, por muitos annos conservão, e guardão o mesmo ár turgido, e empolado para todos os dias da sua vida. Oh! se estes taes podessem com paz, e indifferença examinar o paiz do verdadeiro, e do falso, combinando com as suas as opiniões alheias, mais do que elles cuidão, se acharião como os outros fluctuantes entre as trévas da ignorancia. Eu ainda accrescento mais alguma coisa, e digo, que as sciencias para quem tem os miólos em seu lugar, e apanha bem a verdadeira prespectiva do saber humano, longe de inspirarem vaidade, e soberba, são aptissimas para imprimir, e conservar a verdadeira humildade no coração do homem. Não será jámais bom medico, senão aquelle,

que chega á conhecer quanta seja a incerteza da sua arte, e quam pouco tenha de concludente aquella interminavel salgalhada de remedios, e medicinas, que se acha formada em batalhões pelos seus livros, e como a mesma arte, cujo fim devia ser curar as enfermidades, chegue apenas a curar, ou conhecer bem poucas, vendo-se, e experimentando-se a cada passo, que as curas mais se devem á industria, e fôrça da natureza, que aos seus repentinos récipes; pois não medêa hum instante entre apalpar hum pulso, e escrever caractéres mágicos para o boticario entender, ou não entender. E pelo que toca á filosofia! Oh! quanto ha de obscuro, incerto, e até incomprehensivel! Aguçe embora os olhos quanto poder o humano entendimento, não poderão jámais penetrar as densas trévas de que estão bloqueados infinitos objectos da repartição da fysica! Pois se elle intenta espraiar-se pelo paiz da metafysica, e levantar-se á contemplação do immortal, e soberano ente principio, penetrar seus altos conse-

lhos, e expôr como se por lá passeasse tudo quanto elle fabricou em infinita distancia da nossa vista, aqui sim he que elle conhece, que fraca fazenda seja a comprehensão humana! Na verdade se o homem de estudos, quando aqui chega, e aqui sente fraquear-lhe as azas, não se sabe humilhar, e conhecer-se, tenha paciencia, porque o seu nome deve ir augmentar o catalogo dos orates, onde quer que mais bem parados estejão. Não duvido, que pareça muito vasto em alguns o patrimonio do saber, mas quanto mais atrahidos do cheiro da literatura se avançarem na applicação, tanto mais conhecerá que excede muito, e muito o que não sabe, ao que já tem estudado, e conhecido. Vê que huma boa parte do que sabe consiste em bagatellas, e que a caça que tem feito differe pouco da caça das aranhas, que acaba, quando muito em apanhar algumas moscas. Conhece tambem, que huma não pequena parte da sua sabença se restringe, e feicha entre os confins da opinião, ou apenas do verosimil, e provavel,

e nunca do certo, demonstrado, e evidente. Muitas vezes se vê o homem obrigado, e necessitado a desamparar parte daquillo, que dantes tinha com tanto trabalho estudado, e aprendido, porque pezando, e esmiuçando, as coisas melhor, as acha se não manifestamente falsas, ao menos, por todas as razões duvidosas. Que direi do saber dos jurisperitos lascerado, e confuso, por mil quotidianas controversias, e pareceres contrarios, e oppostos? Todos estes motivos são muito poderosos para convencer de ridicula a soberba do homem, quando esta nasce das escólas, e dos livros. Em summa, huma parte da sabedoria consiste, e não nos persuadirmos, que sabemos aquillo, que de facto não sabemos. Sabedoria he esta a que poucos, ou nunca, ou muito tarde chegão. O que deve, e póde unicamente aproximar-nos aos confins desta sabedoria, está encerrado naquelle estudo, que ensina a conhecer o homem interior, e as suas acções moraes. Não existe em nós aquelle grande capital de saber, que nos figuramos, nem

aquelle agudo, e penetrante engenho, que nosso amor proprio onzeneiro conhecido, nos diz que existe no meio da nossa cabeça. Desenganemo-nos, que não temos aquelle fino juizo, aquella rara prudencia, penetração, e habilidade, que nos figuramos illudidos, e entonados. Repassemos pela memoria tantos erros que temos commettido, tantos despropositos que temos dito em materia de sciencias. O homem literato reflectindo sériamente na vaidade, e incerteza das sciencias humanas, na fluctuação, e guerra contínua das opiniões, no pouco que ha demonstrado, e evidente até nas mesmas sciencias naturaes, na fragilidade, e miseria de tantas hypotheses que embrulhão mais do que aclarão as verdades, que querem expôr, não póde deixar de envergonhar-se, se acaso tem depositado em seu coração huma excessiva estima de si mesmo, e hum ultrajante desprezo dos outros homens; porque não tem na cabeça as mesmas quiméras de que elle se tem tão infructuosamente nutrido, e sustentado. E como poderá continuar

na muito louca adoração de si mesmo, quando de dia em dia fôr observando o pouco que foi dado ao entendimento humano avançar-se pelas veredas da sciencia da natureza?

SOLILOQUIO LV.

Se com effeito se juntassem todos os escritos, que os filosofos antigos, e modernos tem composto sobre a felicidade, poderião elles só formar huma bibliotheca, entulhando-lhe estantes mais compridas que hum dia de dominio Francez. A divisão de opiniões sobre a felicidade do homem tem parido volumes tão gordos, e anafados como enfadonhos, e secantes. Todos elles tem dois objectos em que se empregão; o primeiro determinar em que consiste esta felicidade tão desejada; o segundo, quaes sejão os meios mais efficazes, e opportunos para chegar a ella. Muitos destemperos se tem dito, desde que Epicuro começou jejuando a pão, e agua, a especu-

lar sobre esta materia. Aristippo asneou solemnemente, e os que mais doudejárão fôrão sem dúvida os estoicos. Soberba, e ridicula gente! Promettião a seus sequazes a posse da vida beata, mas aonde ella se não póde encontrar! Ensinavão a desprezar os males, e até ensinavão a rir-se delles, quando chegassem para hum estoico a invasão de huma cafila de ladrões, ou generaes Francezes era hum motivo de gargalhada; isto diria mesmo Seneca, se agora vivesse, e os visse tão despejada, como insolentemente passear pelas ruas de Lisboa; mas bem depressa conhecem, estes automatos que se querem inculcar insensiveis, a differença que ha entre soffrer huma tempestade no meio do Oceano em hum navio com agua aberta, e o metter a bulha aquelle perigo, e desafiallo, descrevendo-o repimpado em hum sofá; e sobre huma meza de ebano em que escrevia Seneca. Em nossas eras tem apparecido grossos volumes sobre a felicidade. Tratados methodicos, que juntos todos formão os livros, que se chamão templo

da ventura. Até poemas, como o de Helvecio, que se tem máos versos como os Francezes, ainda tem peiores idéas. O proprio Boulanger, que escreveo com profundo espirito sobre algumas materias filosoficas, sobre tudo em cosmologia asneou solemnemente no livro em que no tratado, em que pertende provar, que Esopo fôra Salomão, ajunta hum tratado sobre a felicidade, demonstrando-a com o methodo mathematico, engranzando, e enfiando proposicões, themas, theoremas, e corollarios para se sahir no fim com huma parvoice, e em tom tão grave, que não he mais sério Spinosa no labyrintho methafysico. Tudo vem a dar na maxima de Horacio, quando diz, que escorregára outra vez para a escóla de Aristippo, e seus mandamentos; e convida o amigo para vir observar nelle hum porco de vara, tirado dos lodaçais de Epicuro, de pelle liza, bem curada, e nedia. Ora entre tantos escritos, eu acho, que Juvenal não só disse mais que todos, mas atinou com a felicidade cá de telhas abaixo em meio verso:

Mens sana, in corpore sano.

Quem póde introduzir huma alma tranquilla, e imperturbavel dentro de hum corpo são como hum pero, rijo, e escorreito, poderá affoitamente dizer » eis-aqui o homem feliz, e nisto consiste a verdadeira felicidade. » Seja qual fôr o estado em que o homem se ache, ou se considere, figure como quizer no mundo, occupe os primeiros lugares, nade em riquezas e delicias, cinja diademas, vista purpuras, commande a exercitos, seja o filho mais nomeado do carniçeiro de Ajaccio José Bona, se não tiver a alma sã, mettida n'hum corpo, a quem se possa dizer « estimo que passe muito bem e livre de molestias » este homem não será feliz. Andem por onde andarem, gritem, argumentem, estafem-se em disputar, e escrever sobre a vida beata, em se não encontrando estas duas coisas, que o honrado Juvenal, o mais virtuoso, e sublime dos moralistas filosofos aponta, he escusado dizer, que se atina com a felicidade, e que se

determina seu verdadeiro constitutivo. He pois a felicidade, conservar o corpo sem dôres, e o animo sem inquietações, e molestias. Juvenal, o adorado Juvenal, diz ás vezes coisas em duas palavras, que os filosofos, mais apessoados, e de maior nomeada não saberião, nem jámais souberão dizer, em volumes inteiros.

Summum crede nefas animam preferre pudori
Et propter vitam vivendi perdere caussas.

Esta admiravel sentença vale, e diz mais que quanto escreverão os paradoxaes estoicos, quando em pomposas tiradas nos insinuão a amar a virtude mais que a vida, e affrontar a morte, antes que desertar dos estandartes do honesto. E tornando com a minha prelenga sobre a felicidade, digo, que se não póde constituir n'outra cousa. Alma sã, e corpo são. Se consiste no deleite puro, e espiritual, e no saber sublime como só quiz o calvo Epicuro; não terá a alma deleite que valha dois caracóes, se alguma paixão a tyranniza, e, se se doe

de alguma matadura. Se a felicidade consiste na tranquillidade imperturbavel da alma, como quer o mestre do ingrato Nero: esta serenidade da alma não se conserva, se fôr envolta em algum vapôr que se escape até ao cume deste sereno olympo, onde não devem chegar as nuvens tempestuosas. Alma sã, e corpo são. Esta he a ultima sentença sobre a felicidade; porque quem poderá rasoavelmente viver contente de si, e chamar-se feliz, se o corpo lhe faz guerra, e a alma se acha batida de tempestades? Só a calma, quanto for possivel, de ambas as partes constitutivas do homem, póde fazer que o homem se diga feliz, e contente, em quanto a morte o deixa andar por cima deste globo.

Que nisto consista a chamada ventura, não duvido, antes digo, que o citado Juvenal fôra o que mais atinou em a determinar. Mas poderá acaso conseguir-se, e realizar-se esta saude da alma, e do corpo? Não. Desenganem-se os filosofos, mais padres conscriptos que existirem, que es-

perar felicidade na vida, he pedir peras a hum pinheiro. Ha muito que o desatinado Adão pôz embargos á ventura de seus tristes netos. Concebem-se lisonjeiras esperanças he verdade; mas he correr atraz de sombras, e em lugar de Juno, abraçar como Ixion huma nuvem. Tudo fica em gostosas especulações, que se desvanecem, quando procuramos reduzilas á prática. Ora começemos pelo corpo. Ainda que a saude do corpo seja hum dos alicerces da felicidade, he a primeira cóisa, que se não póde chamar objecto de filosofia moral, e o primeiro argumento, que mostra, que se existe felicidade, esta provém do acaso; e que não he conseguida jámais por hum espontaneo movimento do homem. Não está na mão da filosófia com todos os batalhões de preceitos, que ella costuma empoladamente assoalhar, que nasçamos sãos, e tesos como hum alho, e que o continuemos a ser por toda a carreira da nossa vida. Se perdemos a saude, de balde recorremos á bussola da filosofia para a encontrar. Dua-

cala depois de estragada; nos apparatosos arsenaes da medicina, ou he buscar agulha em palheiro, ou he querer ter ainda menos; e eu sou assim formado pela natureza, que supportando sem emoção a vista dos objectos mais desagradaveis, e repugnantes, cahio em deliquio, se por desgraça vejo huma mixorofada da botica, e até o quieto espectaculo de huma botica sem que trabalhem os almofarizes, cujas pancadas formão hum som mais lugubre, que a campainha da misericordia em manhã de padecente, me revolta, e me inquieta. Se a saúde do corpo como constitutivo da felicidade, não he da repartição da filosofia moral, eu creio, que menos o será ainda da medicina, cujo socorros são perfeitamente inuteis se a natureza se não metter a medico. Ella por si não só conserva, mas até procura reparar as ruinas do edificio humano, até que a lei da morte mais forte, e imperiosa, que todos os recursos da natureza, ponha o indispensavel fim á nossa existencia. Ora para se conservar esta saude, he pre-

ciso hum ingrediente essencialissimo para a felicidade humana, que vem a ser o sustento para o corpo, e o vestido para o mesmo corpo. A mais terrivel de todas as doenças he a fome, e huma das precisões mais urgentes, e mais indispensaveis na ordem social, he o vestido, tal, e qual, porque o caduco do corpo humano, ou não precisa, ou não merece ricas tapeçarias para armação. Tambem não he do officio da filosofia prover o homem de munições de bocca, e cobrir-lhe os coiros, se elle andar esfarrapado. Todos os dogmas da mais austera moral, todas as cartas de Seneca não poderão jámais dispensar o estomago de Lucilio do pão quotidiano. Mais vale hum jantar, que hum dialogo de Platão; sentir-me-hei abatido pela tarde, se em lugar da olha, mo pozerem na meza ao meio dia. O manual de Epicteto, nem mata a fome, nem estanca a sêde em o filosofo, e póde muito bem o filosofo morrer de fome, e de cançaço. He verdade que a filosofia moral nos póde soccorrer muito, ensinando-nos a temperança,

porém por mais que nos esmeremos nesta virtude, e por muito util que ella seja para conservar, e recuperar a saude, sempre veremos, que não he da repartição da moral procurar-nos aquella felicidade, que he relativa á nossa parte terrena, ou corporea, isto he, a saude, e para a saude o sustento, e não está na mão do homem conservar huma coisa, e adquirir a outra.

Qual he pois a felicidade, que propriamente se póde esperar da filosofia, visto que o austero Juvenal determina com tanto acerto, e tanto sizo a sua essencia? Huma só: isto he, a saude da ãlma, ou a tranquillidade da alma, que vem a ser o mesmo. Esta saude consiste em primeiro lugar, em saber avaliar bem, e rectamente tudo aquillo, que he relativo ás nossas acções moraes, para evitar as que são más, e seguir as que são boas; eis-aqui a primeira parte desta saude, a qual para existir deve presuppôr na alma huma alentada dóse de sabedoria, e hum desterro total da ingorancia, de mo-

do que o homem jámais se engane, ou se confunda. E existe, ou tem existido algum neto de Adão na plenitude desta sabedoria adquirida pelas forças da natureza, ou pela teima do estudo? O proprio Salomão, que n'outras fontes claras, e sem limos bebeo a grandes sorvos esta sabedoria, na idade em que devia ter siso, asneou solemnemente. A segunda parte desta saude, consiste na tão buscada, e tão querida tranquillidade, conservando o coração quieto; não turvado de paixões immoderadas, nem agitado, e combatido de molestos appetites; mas em perfeita paz sem afan, e sem cuidados, horriveis espectros, cujas espantosas, e negras azas abafão o miseravel, que lhe amargurão, ou azedão a posse de hum bem presente com a medonha representação de hum mal futuro. Não deve pois o coração para existir tranquillo, ter outro desejo mais que o desejo de obrar bem, e até viver izento dos remorsos de ter obrado mal, deve ter hum bom provimento de constancia, e paciencia na

chegada das adversidades, ai! tão amigas, e tão companheiras da vida humana. Eis-aqui o grande segredo de toda a filosofia; e eis-aqui a felicidade a que podemos aspirar nesta baixa habitação terrena, não nos esquivando a trabalho, e fadiga alguma para a conseguir, e conservar!!

A esta especie de felicidade, que não he impossivel ao homem inquilino deste globo, e cuja posse póde depender da vontade do homem, tambem se póde unir de quando em quando o gozo de honestos prazeres, ou intellectuaes, ou corporaes, porque, em fim, o homem não deve ser de páo, e o estoicismo rigoroso he só para homens de madeira, mas estes prazeres como não pódem ser estaveis, não pódem ser tambem o dote estavel da continuada felicidade do homem, porque esta, segundo a sentença difinitiva do filosofo Juvenal, consiste em ter o animo, são, bom, composto, e tranquillo. E com effeito, se o homem não sente cuidado, nem pensamento, que o rale, nem desejos, e paixões, que o inquietem, e se no seu

interior vive contente do estado em que apprôve á providencia constitui-lo, este chegou áquella meta, onde tantos outros com contínuo estudo, e esforço de balde tentárão chegar; e não conseguírão. Se faltar este equilibrio não se poderá jámais chamar ditoso hum bisneto do antigo Adão. Ora na verdade Juvenal não teve ainda maior amigo do que eu, nem mais justo apreciador de seu merecimento, mas a verdade he alguma coisa mais que Platão, e Juvenal. Seja qual fôr o constitutivo da felicidade, diga Zeno, Epicuro, e Seneca o que quizer, e por diversas estradas todos caminhem á mesma fonte, que vem a ser a tranquillidade da alma; he coisa escusada pertende-la, e possui-la; se não está na mão do homem a posse, e a conservação da saude do corpo, menos está a posse, e conservação da saude do animo. He não conhecer o homem, dizer que elle póde conservar a alma tranquilla, e perfeitamente equilibrada. Não póde: e esta impossibilidade nasce da imperfeição inherente á

natureza humana, e o verdadeiro motivo desta imperfeição não se póde encontrar se não em culpa. Hum corpo tirado do equilibrio persevera em o estado de oscilação, até que causas, que a fysica diz que aponta, o fazem descançar. Eis-aqui o que succedeo ao homem: Oscillou, fluctuou desde o momento da sua quéda, e não repousa se não quando morre. Querer perfeito equilibrio na vida, ou perfeita tranquillidade, he querer o impossivel, e todos os systemas dos filosofos sobre a felicidade, não são mais que méras especulações. O moto contínuo, e a inalteravel satisfação interna, seja qual fôr o estado do homem são duas coisas impossiveis, huma em fysica, outra em moral. Hum contentamento estavel, he inquilino que nunca occupou as casas do coração humano, ainda que o homem abunde em todos os bens, cuja posse, segundo o parecer de muitos, forme a verdadeira felicidade. Os bens possuidos, já não parecem aquelles mesmos que dantes erão. O costume he hum quotidiano encanto, que

não deixa saborear a doçura de tantos objectos, que tanta impressão nos fazião nos miólos antes de conseguidos, e hum unico bem, que falte, e se deseje sem se poder adquirir, tem força de amargurar todos os outros, que se possuem. Huma grande fortuna he huma grande servidão, e quanto mais possue o homem, mais oscilla, mais fluctúa, e a alma sem equilibrio não póde ter felicidade. Quero dar ao homem este equilibrio, mas para se chamar feliz he preciso que elle se estenda não a alguns dias, ou annos, mas que abranja o inteiro circulo da sua existencia. Poderá ser a manhã serena, mas será a tarde enevoada, e tempestuosa. Temos ainda mais panno para mangas, dado o contínuo deleite, e estavel equilibrio, ainda com elle se não póde chamar homem feliz, porque se he contínuo embota-se, não produz deleite, nem a reflexão de o possuir. Nós buscamos huma felicidade, que dependa de nós o tella, e o perdella, e que a nosso arbitrio nos siga, e acompanhe até ao derradeiro bocejo. Ora não ha alguma

que não esteja sujeita aos caprichos da fortuna, isto he, aos varios accidentes do mundo. E coisa, que não he nossa, não póde ser fundamento, e base da verdadeira felicidade. Isto mesmo conheceo, e descobrio o proprio Epicuro, e por isso em ultima analyse veio a reduzir a felicidade á indolencia, isto he em ter o animo de tal maneira composto, que se deixe hir ao som da agua, qualquer que fôr o estado em que se encontre.

Ora Juvenal, que era hum bom olheiro do homem, e insistio teimosamente ainda mesmo, quando com tanto fel lhe reprova, e reprehende os vicios, em lhe apontar os meios de o tornar feliz, quando lhe diz que a felicidade consiste na saude do corpo, e do espirito, tambem lhe assignala as veredas para esta saude, e lhe brada com a força de hum oraculo. Olha que para a saude, ou tranquillidade não ha outro caminho mais que a virtude. Pope gasta a quarta epistola toda em dizer isto, e Juvenal, gasta hum verso:

Semita certe
Tranquillæ per virtutem patet unica vitæ.

Assim tambem como só na virtude achou os quatro fundamentaes costados da nobreza:

Nobilitas sola est, atque unica virtus.

Eu concluo, que o ultimo systema de felicidade he a virtude, e que só he feliz, sem seguir, nem estoicos, nem epicureos, nem nenhum ou dos antigos, ou dos modernos calculadores em moral, o homem virtuoso. Se ha este homem, tambem ha o feliz. E que coisa he esta virtude? Na ordem natural, na qual sempre fallo, he escutar a consciencia, e obedecer á consciencia, porque nunca ella diz huma coisa, e a sabedoria, ou a filosofia diz outra. Fóra disto não ha felicidade. Esteja, e permaneça o homem naquelle estado em que o quer, o tantas vezes já citado Juvenal.

Nil conscire sibi, nulla pallescere culpa.

Ainda que viva debaixo do jugo Francez, que he peior que a enxovia do limoeiro, aquella mesma que fica por debaixo do carrasco, será feliz. Só a alma innocente he alma tranquilla. E quem não terá alguma culpa? Ainda se poderia não desesperar de encontrar este cisne negro, rara ave no mundo, se lá pelos sertões do Maranhão se encontrassem homens insociáes! (Eis aqui o paradoxo de Jaques) Mas na sociedade, paiz dos vicios, onde está o innocente! Eu não sei se quero que o homem viva insocial, se não quero. Considerando este grande objecto pelo lado da filosofia de certo me não sei determinar; e saibão todos quantos a presente virem por mim feita, e assignada, que a resolução deste problema, o maior de todos, me tem occupado, desde que abri os olhos da razão, e me dei ao porfiado estudo do homem. Quem resolverá se he mais feliz na sociedade, se em perfeita isolação? Onde houver menos homens, haverá menos vicios, e onde houver menos vicios haverá mais felicidade. Juvenal, (e não me

cado com Juvenal! não he pedantaria citar hum tamanho filosofo) chama feliz ao homem, que se não encoleriza, que constitue a morte entre os ricos presentes, que nos fez a natureza, que estima ainda mais os trabalhos de Hercules, que os moles, e implumados leitos, e canapés de Sardanapalo, que nada deseja, e que sabe arrostrar, e desprezar a dôr, o desprezo, e a repulsa. O homem na solidão está mais proximo a este estado de perfectibilidade, porque está mais separado daquelles objectos, cuja acção, e reacção fazem perder o equilibrio, ou tranquillidade do espirito. Eu sei que nem todos os homens são capazes de sentir o prazer da isolação, e isto mostra, que he muito pequeno o numero dos que se pódem chamar humanamente felizes. Quando isto em que nós agora tão precariamente existimos, se podia chamar reino tranquillo, e independente, e me acontecia entrar em algum mosteiro, tal como o de Alcobaça, ou Tibaens, nunca deixei de dizer cá entre mim: *Oh! fortunati, si sua bona norint*,

cœnobita! e me dava vontade de puchar pelas orelhes áquelle monge, que ouvia carpir seu estado, e dizer mal da sua vida! Insensato! Dizia eu, chora sua mesma ventura, e não conhece que está constituido no estado que mais se aproxima á natureza, e por isso mais perto da felicidade, não digo da terra, que isto he indisputavel, mas da temporal, que se desvanece sempre na razão directa da communicabilidade, e sociedade dos homens. Quem póde duvidar, que huma aldeia he mais ditosa que París?

SOLILOQUIO LVI.

Não só nestes ultimos, e desgraçados dias em que existimos se tem escripto muito sobre a politica, e seus direitos, mas desde que começárão a apparecer homens, que se chamárão filosofos, começárão a apparecer escriptos, e pesadissimos tratados sobre esta chamada arte, ou sciencia. Ago-

ra se conheceo de todo sua inutilidade, e creio que os prélos não gemerão mais, com os papelinhos desta natureza depois, que o filho de Maria Letícia se desembestou, com a vergonha que o acompanha em tudo, com o célebre oraculo « Eu tenho huma politica; que me he particular, e privativa. » Ora os axiomas, e principios da politica, do maior, e mais descarado dos rapinantes, e oppressores, destrúe, e inutilizão quantos volumaços politicos tem até agora pejado, e afrontado a velha, e caduca República das letras. Como a manía commum aos homens he a ancia de governar, porque a innata vaidade dos homens os obriga, arrastra, e violenta a quererem sobresahir aos outros, se os tyrannos, e os valentões conquistadores, chegão a conseguir este dominio, ou esta superioridade pela força; os sábios que de ordinario são de fraca tempera, de coração mavioso, e homens, poltrões, e gotosos, e incapazes de fazer, e de vêr sangue, já que não pódem mostrar-se superióres aos outros, governando-os com a for-

ça, lisongeão ao menos sua vaidade em os querer governar pelas letras, e pela sabença, e poucos disfarção, e dissimulão a presumpçãosinha de querer governar os mesmos governantes: daqui nasce aquella tão inutil, como secante aluvião de livros, que se chamão instituições de principes, medélos de principes perfeitos, idéa dos reinantes, retrato de hum rei, etc. daqui os fatigadores livros de Repúblicas, de Utopias, de Polisynodias, e outros nomes mais, (que até para os titulos dos livros he preciso hum diccionario!) Daqui nasceo a decantada, mas verdadeiramente fantastica República de Platão. A politica, ou politicas de Aristoteles seu discipulo; daqui veio tambem, a ciropedia de Xenofonte, foi o effeito de huma birra que elle teve apenas apparecêrão os dois primeiros livros da República de Platão; creada como elle na escóla de mestre Socrates. Quiz tambem ensinar aos principes a arte de reinar, porque qual he o filosofosinho, que se não julga mais alguma coisa que o maior principe?

Platão deo preceitos, e Xenofonte quiz dar modélos, por isso fingio tantas virtudes em Cyro, e fallou mais verdade na vida de Agesiláo, rei digno de o ser, porque foi o mais moderado de todos os imperantes. Apenas Theofrasto entrou a dar sentenças no lycêo, começou a arrotar maximas de politica, e a ensinar a governar a Cassandro rei de Macedonia, e Ptolomeo rei do Egypto, e como se não chegasse a idade de 109 annos se não para escrever politicas, imbutio, ou encampou ao mundo duzentos tratados de politica, segundo hum moderado rol, que nos dá Diogenes Laercio; e cresceo tanto o monte das obras de politica, no tempo do tal Ptolomeo, que Demetrio seu bibliotecario (porque tambem ha reis bibliomaniacos) lhe persuadio que edificasse huma bibliotheca para os recolher, e com effeito, o primeiro, e principal fundo da bibliotheca de Alexandria era formado de livros de politica, e Demetrio ajuntou duzentos mil tratados desta sciencia. Este thesouro de velhacarias, enganos, e em-

bustes, quasi todos forjados, e architectados nos lycêos, e institutos de Athenas, fazia acudir, como a reclamo, á cidade de Alexandria, tudo o que era *graculus esuriens*. Esta bibliotheca de Alexandria estava irrevogavelmente condemnada a morrer queimada viva. Julio Cesar, sitiado na mesma cidade, e atacado menos, que Palafox em Saragoça, pelo bairo, onde estava a livraria politica, deitou fogo á esquadra, ancorada no porto; e vento levou as labaredas para aquelle lado, e lambérão os volumesinhos em hum instante.

Acabou a livraria, mas não acabou o prurido, ou manía de compôr livros de politica, e até nos seculos mais barbaros, esquecendo outras coisas, nunca esqueceo a politica. Hum bispo d' Orleans, chamado Jonas, que merecia ser, senão lançado ao mar ao menos deitado n'hum poço, escreveo hum livro, que se diz instituição real, dirigida a hum homem, chamado Pepino, rei de Aquitania. He coisa muito para notar o catalogo dos escriptores de politica, que fez

Mr. de Real em hum alentado bacamarte de 4.º, quasi todos são ecclesiasticos, desde o cardeal Egidio Colona, frade da Graça, (que escreveo hum livro rarissimo entre os mais raros, da instituição de hum principe,) até ao abbade Duguet se contão mais de cem escriptores de politica ecclesiasticos. Até S. Bernardo, dirige tratados de politica a Luiz Gordo, e Luiz Moço. Os poucos reis, que se conhecem authores, são authores de politica. Luis XI.º escreveo hum livro chamado « Rozeira das guerras » Jaques I.º de Inglaterra, dedica, e dirige a seu filho politica, e mais politica, chamando ao livro « Presente real. » Até os imperadores do Oriente, no que se chama baixissimo imperio, escrevêrão politicas. Manoel Paleologo, e Constantino Profirogineta, escrevêrão regras, e governo de hum estado. Pois testamentos politicos? Alberoni, Mazarini fizerão testamento, e o cardeal de Richelieu, seria mais famoso, se morresse abintestato. He huma lastima o que escreveo o rei de Prusia, o da espada

furtada por Buonaparte, que quiz ser até author de epigrammas, e acaba hum, dizendo, a quem? A Voltaire: « Newton escreveo o apocalypse, e Richelieu o testamento.» Pois elle Federico II.º não he mais feliz, com o Anti-Machiavello. O tratado do principe, que este mancebo escreveo, he hum solemne desaforo, e o mais toleravel dos tratados de politica, que se escrevêrão depois de resnascidas as letras, são os seis livros da República de João Bodino, saqueados com tanto descoco, e silencio pelos modernos architectores de systemas de governança. Nesta fonte bebeo hum Francisco Patricio, grande ladrão, tudo o que escreveo da República: daqui Hobbes, teimando sempre, que o homem natural he o homem de guerra, tomou a idéa do livro chamado do cidadão. Daqui nasceo a manía do duque de La Rochefoucault, que quer que todas as acções do homem tenhão por principio a maldade, etc.

Ora escrevendo-se tanto sobre a politica, que será politica? Eu não creio na transmigração de Pythagoras

ainda que me pasmo de vêr, que pensamentos que nascêrão na cabeça de hum homem, passados seculos appareção na cabeça de outro, que não conheceo, nem leo jámais o que o passado tinha escripto. A primeira vez (quando lia) que abri o livro de Saverien sobre os progressos de engenho humano, atinei, ou adraguei, com o artigo, politica, e acho-a definida por hum respeitavel bispo Francez, da tempera velha, desta maneira. « A politica he huma arte mais de enganar, que de governar os homens » o bispo chama-se João Camus, que era a mesmissima difinição, que eu lhe tinha dado cá com os meus botões. Arte má, e péssima. Já hum valído, e ministro de Henrique IV.º tinha dito, que o principe antes deve obrar contra a sua consciencia, que contra a razão de estado. Por isto he arte pestifera ainda que empregada por hum principe tão famoso em virtudes como Henrique IV.º que fará empregada pelo descarado tyranno, que lhe occupa, e enxovalha o throno? A sua politica peculiar he quem

lhe manda que quebrante impudentemente todas as leis da humanidade; que devaste, que assole, que roube o mundo em que poder empolgar as insaciaveis garras. Cuidava eu que o fim unico da politica devia ser, fazer viver todos os cidadãos como irmãos naquella igualdade que fosse compativel com o talvez que funesto estado social, promovendo por todos os meios sua geral, e particular felicidade, sem pobreza, e sem riquezas, mantendo o repouso público, fazendo abominar os crimes, cultivar as virtudes; mas não he assim ao menos na presente época: hum despota soberbissimo faz de sua vontade a politica, e lei suprema, e quer contar tantos escravos, quantos homens, e não lhes quer deixar outras faculdades moraes mais que a paciencia, e submissão, e a cega obediencia a seus caprichos. Nisto parárão em França os escriptos politicos, sonhos que se desvanecêrão, e que só deixão a vergonha de se haverem composto. Sonhos, e legitimos sonhos são os elementos de politica de Mr.

de La Hoguete. Os discursos politicos dos reis, por Scuderi. A politica dos conquistadores, por Gregorio Leti. A prática de educação dos principes, por Varilhas, e os delirios politicos de hum homem de bem, que assim chamo eu a todos os escriptos do abbade de S. Pedro, e sobre tudo, o projecto de huma paz universal entre os potentados da Europa, em que elle propõe com muita sisudeza, e gravidade o estabelecimento de hum tribunal, composto de plenipotenciarios de todas as potencias da Europa, em que se decidissem, e terminassem, todas as querélas, que se podessem suscitar entre os principes. Este tribunal devia formar huma dieta permanente. Ora este tribunal existe realmente, e os desembargadores, que o compõe são os filhos da Maria de Ajaccio, presidido pelo seu escolhido. Este tribunal se intromette em accommodar desordens de reis, que elle mesmo fomenta, e maliciosamente accende, e quando se espera huma accommodação acaba tudo em huma usurpação da parte do presiden-

te. Fez armar hum letígio entre os reis de Hespanha pai, e filho, avoca os autos ao tribunal, e ás duas por trez fica com os autos, com o author, e com o réo, e sem appellação, nem aggravo com a fazenda que pertencia a ambos, de juro, e herdade. Este mesmo tribunal acode com huma tutoria a Portugal orfão, depois de ter feito fugir, e obrigado a retirar-se o cabeça do cazal. Com a fazenda mata os orfãos, e quer ficar com o prazo, que nunca foi de livre nomeação. Tomára que vivesse agora o infatigavel escriptor de politica abbade de São Pedro, para lhe pedir, que chamasse ao seu tribunal este perturbador, e usurpador público, e universal, e que sugeito á dieta realizasse o plano politico de huma paz segura, e permanente!

Que coisa tão pequena são os homens! O botafogo das cabeças Francezas, foi Jaques com a ultima, e manca producção, que appareceo sobre politica, e que se chama « Contrato social ou principios de direito público. » O author, homem mais pa-

radoxal que Harduino, e costumado a perpetuas contradicções em tudo quanto fez, quanto disse, quanto furtou para escrever, sustentando com tom de caustico, quantas opinões lhe paria sua soberba, e misantropia, mostra de todo qual fosse, e qual não podia deixar de ser o seu caracter. He tal seu orgulho, que começa por acestar huma bateria contra Grocio, que diz, que a primeira acção de hum povo na ordem social he escolher, e determinar hum governo. Jaques diz, que houve outra acção deliberativa no povo anterior a esta, chama Jaques a esta primeira acção o contrato social, mas antes deste, ainda houve outro, que he a união do mesmo povo.

Levanta-se Jaques contra Puffendorfio, dizendo que só elle Jaques, déra a verdadeira definição da lei. Puffendorfio diz, que he a ordenança de hum superior, pela qual impõe aos que delle dependem huma indispensavel obrigação de obrar na materia, que lhe prescreve. Que esta ordenança para ser justa deve ser

fundada na lei natural. A agua não he mais clara do que isto, nem o he hum desengano. Jaques, que quiz tratar os maiores homens como formigas; porque leo muito Plutarco da traducção de Amiot, que he a mania dos Plutarquistas. Metteo-se a dar huma definição da lei como base daquella politica illuminada, que fez os Francezes primeiro doidos, e depois ladrões, que he mais escura, tenebrosa, e incomprehensivel, que todas as definições que em materia de fysica dava Aristoteles á tôa. « Quando todo o povo, determina sobre todo o povo, diz Jaques (elle não se considera mais do que a si) então se forma huma relação, e he do objectó inteiro, debaixo de outra consideração, sem alguma divisão do todo. Então a materia sobre a qual determina he geral como a vontade, que determina. A este acto, chamo eu huma lei. Contrato social cap. 6.º da lei. » Quasi todo o Jaques he assim, e parece que quem não tinha idéas mais claras sobre a essencia da lei, não se devia metter a escriptor

de politicas, as dos Francezes fundados nestes alicerces deverião ter os effeitos, que lhe temos visto, embrulhar tudo, confundir tudo. Quando estes barbaros Vandalos, se revolucionárão, alguns de seus gritadores de tribuna, acenárão, que se devião buscar os principios da felicidade social, não em a ficção de hum contrato, que não existio mais que em os miólos de Jaques; mas em a natureza do homem, e nas consequencias, ou resultados necessarios da sua condição, determinando, qual fosse o principio das suas acções, qual o estado mais analogo a este mesmo principio, e deste derivar as leis para o novo contrato que se quizerão formar, e estipular com a peçonhenta, e contagiosa revolução. Começou todo o povo a determinar sobre todo o povo, na conformidade dos confusos principios do cidadão Jaques. E que foi feito do povo? Mostrou-se soberano por hum instante, elevando-se dentre elle as borrascosas facções, que tanto sangue derramárão, vierão a parar suas delibe-

rações em terriveis desordens, e na mais escura, e miseravel confusão. Succedêrão-se os partidos huns aos outros, cançárão-se de lutar, e se deixárão cahir com céga, e bruta necessidade nas mãos da mais execravel, e monstruosa tyrannia, que os seculos vírão, e que os homens podião imaginar. Taes forão os virtuosos resultados das idéas politicas de Jaques! Fervêrão os miólos Francezes, e querendo caminhar pela destruição á reforma, dérão com os bodes na arêa, e ficárão mais escravos, mais offendidos, mais aviltados de que se dizião estar antes de darem hum passo para a sua imaginaria renovação.

A' vista disto, não direi, que a politica seja huma arte perniciosa, para não sublevar contra mim tantos, e tantos, que fazem desta quiméra seu estudo, e seu emprego; mas ao menos direi com muita razão que he a mais inutil de todas as artes, que os seus principios reduzidos a pratica, dão zero; e que todos quantos tratados ha desta materia sem excep-

tuar o de Machiavello tem sido de nenhum prestimo áquelles a quem ou o merecimento, ou o acaso levantárão a ministro de estado, officio em que alguns tem acabado tão vergonhosa, e desgraçadamente, que melhor lhes fôra andar guardando cabras pelos montes em que nascêrão. Estes monstros, cuja quéda he tão merecida, se se servírão dos principios de politica foi sempre para degradar as nações, que elles dirigião, ou tyrannisavão, pizando aos pés todas os dictames da razão, e todos os gritos da lei da natureza, que se oppunhão á sua ambição.

Eu quizera que não existisse outro livro de politica por onde os povos estudassem mais do que a historia de Hollanda, desde sua formação em República, até á sua infausta quéda nas mãos do aventureiro Corso. Se o fim unico da arte de reinar, he fazer os povos afortunados, tranquillos, livres, abundantes, virtuosos, pacificos até ao ponto em que a justiça pessa, e mande a guerra, industriosos, activos, frugais, e na possivel igualdade

moral, cultivadores perfeitissimos das sciencias, e das artes; só na historia de Hollanda, se podião descobrir, e conhecer os meios efficazes, e conducentes a este importantissimo fim: sobre a scena do mundo, ainda não appareceo hum governo tão perfeito, nem hum mais cabal modélo do contracto social dos homens, nem mais capaz de mostrar qual era a prosperidade compativel com o estado dos homens juntos em hum corpo politico. Só em Hollanda se conhecia, que o homem podia ser feliz na sociedade, só alli se via que era cidadão, só alli se dava verdadeiro preço á virtude, entre homem e homem não havia outra differença mais que a da authoridade no tempo em que a exercitava, a sabor de eleições públicas, e tranquillas; acabada a authoridade, iguaes, e amigos como dantes. Hum Burgomestre, huma alta potencia, em acabando de o ser, despia a sotana da magistratura, e ficava como qualquer outro Hollandez hum animal de dois pés, sem pennas, e com huma alma racional, farto, cheio em sua ca-

sa lavada, pintada, e burnida infallivelmente todas as semanas, mas farto, e cheio á custa do seu commercio, e da sua industria. Quando aquella barra aberta pela natureza, e fechada agora pelas mãos dos arrelequins mais ridiculos que a França vomitou, he patente á sahida, e entrada da abundancia de todas as nações, hum dos meus mais deliciosos recreios filosoficos, era a contemplação da policia da circumspecção, da frugalidade, da magestosa taciturnidade dos calças largas. Eu desafio todos os nossos flagellos, chamados aguazis, que tem escritorios, com feitos, que n'uma folha corrida me mostrem hum crime de hum Hollandez extreme aqui commettido, ou hum letigio em que se descubra huma sombra de velhacaria, ou que me apontem hum individuo Repúblicano Hollandez, que apparecesse aqui franchinote, tirando dentes, mostrando camaras opticas, vendendo pirolas, apregoando emplastros, dançando em cordas, bailando em theatros, conduzindo urços, e macacos, ou vendendo rendas, fi-

tas, cabelleiras, galões, brincos, bonecos, assobios, berimbáos, como os individuos de todas as outras nações nos vinhão entulhar as praças, ás ruas, as casas, e lamber o dinheiro! Sciencias, e artes uteis; commercio, e marinha; silencio, e parcimonia; barriga cheia, e grandeza de alma; eis-qui hum Hollandez da gema. Conservar huma nação neste pé, e neste estado he a verdadeira politica. A lei, e a verdade. Eis-aqui os ministros de estado em Hollanda, mais gloriosa, que a fantastica França com hum velhaco tal como Richelieu, hum dissimulado tal como Mazarini, hum invejoso tal como Fleury, e com hum guarda livros de salteadores tal como Champagny.

Não se tornão as nações felizes com os rodeios, e tortuosos manejos da politica. Desde o momento em que se fizer buscar, e promover o interesse público, como interesse particular; desde o momento em que as leis punirem irremissivelmente o vicio, onde quer que se encontrar, e premiarem o benemerito, desde o momento em que o governo, seja qual fôr,

procurar manter os costumes nacionaes inalteraveis, e fechar para sempre a entrada a costumes estranhos; todas as nações poderão ser Hollanda antes de seu fatal cativeiro nas mãos ávidas, e sacrilegas do abominavel Corso. Se nunca as modas, os costumes, os usos, a linguagem, os livros da França houvessem entrado em Portugal, elle se conservaria na sua antiga simplicidade, no seu poder, nas suas riquezas, e na fruição pacifica de seus bens, e não estaria (com todas as luzes da escóla politica da França) representando tão lastimosa, e miseravel figura, sepultado na voragem, em que se tem abysmado as outras nações, que ou por crédulas, ou por fracas, se deixárão arrastrar do pestilencial espirito de politica Franceza.

SOLILOQUIO LVII.

Huma das questões mais capazes de desafiar a curiosidade filosófica he sem dúvida a questão da perfectibilidade do engenho, ou bestunto humano nas sciencias, e artes, ou de sólida utilidade, ou de mero desenfado, e honesto, e apuradissimo prazer. Tem limites intransgrediveis esta perfectibilidade, ou he progressiva até huma barreira indefinita, como chamava Descartes a congerie dos seres, que compõe o universo! Creio, que não ha coisa mais custosa de resolver do que esta. Presuppõe huma historia analytica de todos os seculos literarios, hum previo, e profundo conhecimento de todos os escriptos em todas as vastas ramificações da leitura, e huma tal dexteridade de comparar humas producções com outras de que parece pouco capaz ainda o mais subido engenho, e de mais remontados quilates: esta analyse exi-

ge huma força aturada de attenção profunda, que a par della, seja hum superficial divertimento a applicação do mesmissimo Archimedes, do taciturno Pappus, e do absorto Apollonio na resolução de seus problemas de geometria sublime; e talvez que o mesmo Newton, tão amancebado como viveo com o calculo, que era capaz de rezar o padre nosso por calculo, não fosse capaz desta eterna combinação, nem de conduzir sem se quebrar hum fio por este inextricavel labyrintho das producções do engenho humano, que de hum seculo para outro seculo, ora parece em movimento progressivo, ora estacionario, ora retrogrado, ora eclypsado. Sempre me picou muito esta questãozinha, e ella he tal que exige huma inteira academia para a resolver, porque não me parece emprego só para que baste hum homem, fosse elle da erudição de Bayle, ou da penetração sobrehumana de Spinosa. Devia-se repartir a coisa, e cada hum dos bonfrades da associação literaria tomar a si huma materia particular, e

procurar primeiro que tudo (eis-aqui o que parece impossivel, ou ao menos a primeira difficuldade insuperavel) definir quaes sejão os limites da perfectibilidade a que a dita arte, ou sciencia possa chegar, porque eu sempre digo, que he preciso parar em algum termo, e qual será o grande Apollo, que ouse affirmar que daqui para diante não se deve, nem se póde desejar mais? Depois desta primeira diligencia, correr os seculos, e vêr quaes tinhão sido os engenhos que mais se tinhão aproximado, ou tocado esta perfectibilidade. Quanto mais se busca profundar a questão, mais embrulhada, e mais escura apparece. Em primeiro lugar, he preciso estabelecer hum principio, e considera-lo como demonstrado, que há sciencias, e artes, que para se aperfeiçoarem dependem só das faculdades intellectuaes do homem; e sciencias, e artes, que para chegarem á sua possivel perfeição dependem de causas separadas do homem, e que não dimanão da sua vontade, applicação, e engenho. Supposto como ine-

gavel este principio, eu posso dizer, que as sciencias, e artes da primeira classe tem chegado ao gráo da possivel perfectibilidade. Ora esta perfectibilidade he como hum effeito, ou hum indice de sua causa, e posso tambem dizer, que a perfectibilidade do individuo humano tocará o seu ponto extremo nesta parte, e que não ha por isto perfectibilidade progressiva, como querem alguns calculadores filosofos do seculo, e entre elles a habilidosa madama Staél em seu decantado livro, que se chama « à literatura considerada relativamente ás instituições sociaes. » As sciencias, e artes que tem chegado a possivel perfectibilidade pódem ser reduzidas a sciencias intellectuaes, e artes de imitação. Ambas estas senhoraças são tão velhas que tem (sem transgredirmos os limites da verdade historica, e sem nos envolvermos nos tempos fabulosos) mais de tres mil annos. Ora, esforços feitos em tão grande espaço, sem passar a barreira tocada, e bem tocada ha hum quarteirão de seculos, quer dizer, que a perfectibilidade do

engenho humano nesta repartição, não tem progressão indefinita. Esta verdade não se póde conhecer senão por meio da analyse comparativa das producções literarias, e da conformidade que ellas conservão com a natureza, unica regra infallivel do bom, do bello ideal, que he o mesmo, que o verdadeiro. Hum parallelo, ou assimilação de todos os seculos, e de todas as nações cultas me obrigaria a fallar eternamente comigo mesmo, e não ha forças humanas, que me obriguem por longo tempo a fixar-me sobre hum, e mesmo objecto; mate-se quem quizer, porque eu só espero esse favor da naturéza, se não se adiantarem com o presente, os humanissimos legisladores Francezes, que tantas vezes por essas esquinas nos ameação com a morte se a nossa falla se encontrar com a dos Inglezes! Bastará pois deitar huma vista de olhos para os Gregos, e para os Romanos: estes ultimos não tinhão nem causas fysicas, nem moraes, que retardassem, ou suspendessem a progressão do engenho, e por isto devião

exceder os Gregos, ajuntando mais gráos de perfeição ao já inventado, e cultivado por elles. Neste lugar vem tão a proposito hum *atqui*, que he preciso ser hum ergotista, ainda depois da afrontosa morte, que padecêrão as escólas. *Atqui* os Romanos não progredírão mais na perfectibilidade do engenho em tantas producções com que rivalizárão com os Gregos, *ergo* não ha perfectibilidade progressiva, mas certos limites onde he preciso, ou suspender-se sempre, ou tornar para tráz como a experiencia tem mostrado. Se eu provar a menor, sáio do pó literario mais ufano, e ancho que hum vencedor nos jogos olympicos, por que teve a fortuna de correrem mais os seus cavallos, que os do competidor. Consideremos pois os Gregos para caminharmos á conclusão. Estes homens que vierão parar em trazer trigo a Lisboa, fôrão os mestres do mundo, e com razão o maior doutor do Christianismo chama a Athenas inventora das sciencias; entrárão primeiro na carreira literaria, ao menos relativamente a nós, e en-

chêrão o universo de immortaes monumentos de literatura: deixárão, e ainda permanecem modelos em todas as boas artes, e abrírão, e batêrão todos os caminhos que conduzem á verdade. Ora a analyse destes monumentos nos pódem obrigar a confessar, que elles tocárão os possiveis limites da perfectibilidade, porque nas sciencias intellectuaes nada se tem avançado até agora, e por isso não ha fundamento para se dizer, que os Romanos são superiores aos Gregos na carreira do engenho. O estado deste engenho entre os Romanos appresenta hum vacuo immenso, e longe de progredir parou; porque os Romanos, como he sabido, nada escrevêrão sobre as sciencias exactas. Só Vitruvio dá a conhecer em os livros da architectura, que se entendia em geometria: quasi nada escrevêrão sobre a medicina; he muito pouco o que conservamos de Cornellio Celso, se o compararmos com o que os Gregos escrevêrão, e nos deixárão. Muito pouco trabalhárão na politica, e sciencia da legislação, em quanto os Gre-

gos levárão estas artes, ou uteis, ou perjudiciaes a hum estado de perfeição, que ainda nos admira, e eu não cessarei de clamar a qualquer filho de Eva, que se vir invadido da manía das letras, que folhêe com mão diurna, e nocturna, as viagens de Anacharsis, ultimo livro bom que escrevêrão os amotinadores Francezes; nesta obra se vê, que os Gregos esgotárão tudo quanto se podia dizer de melhor em escriptos que tratem das instituições sociaes.

De nenhuma maneira se póde oppôr Plinio aos naturalistas Gregos. Ora os Romanos como erão de toga, e senhores das coisas, dedignavão-se de ser inferiores a outra qualquer nação, e com effeito podião mais que todas, tudo querião dever a si, e nas sciencias não consultavão folgo vivo. Plinio julgaria que não era do decóro, e magestade de hum magistrado, amigo de Vespasiano, amoldar-se a hum exemplar Grego, porque se elle olhasse bem para Aristoteles, conheceria, que o devia seguir na exactidão dos factos que aponta, e na re-

gularidade do plano para a sua descripção da natureza. A grandeza do plano, que o naturalista Latino adoptou, impõe sem dúvida pela sua mesma grandeza, mas esta mesma grandeza he viciosa: porque he principio inegavel, que para escrever com apurado gosto, e fructo manifesto, convém quanto fôr possivel circumscrever dentro de hum circulo determinado o assumpto da escripta, d'outra maneira he enlear o entendimento dos pios leitores; he vagar sem tino, por caminho incerto; he ficar na superficie da coisa sem lhe chegar ao fundo. O alentado volumaço de Plinio, que Harduino fez crescer, e chegar a tres *in fol.*, e o traductor Francez a doze *in 4.º* he huma compilação; e cá em nosso Portuguez hum palheiro sem crítica em que vão de mistura, e desgraçadamente ajoujados absurdos sem numero com alguns factos verdadeiros semeados a espaços de algumas reflexões mais capazes de deslumbrar, do que de instruir filosoficamente.

He innegavel a preheminencia dos

Grégos nas artes poeticas, isto he, em todas as ramificações desta boa fazenda, que na verdade não sei para que sirva; vierão primeiro, e se assenhoreárão das grandes imagens que a natureza offerece aos verdadeiros comtempladores, e esta prioridade de tempo lhes ligitimou a posse do primeiro assento nos bancos do Parnaso, excluindo todo o progresso ulterior a este respeito. Mas o merecimento dos Gregos não se limita a este genero de superioridade nas boas artes; adiantárão-se até encarar com seus principios filosoficos, e isto por meio de huma analyse, que presuppõe o conhecimento profundissimo da natureza sensivel. Aristoteles (tenhão ainda esta consolação os frades velhos, que se criárão com elle de pequenos, com a infelicidade de lho não explicarem nunca com clareza, e com verdade; o nome de Aristoteles deve vir sempre á balha, quando se trata de materias de repartição da intelligencia:) Aristoteles atinou tão bem com o manancial do pathetico, e meios de mover, e remover com força o cora-

ção, como tinha atinado com o fio que o engenho humano segue em seus raciocinios. Isto mostra tamanha força de engenho, e penetração, tanto vigor de entendimento, que lhe não pódem oppôr, as mais sublimes reflexões, e graves sentenças dos authores Latinos; a luz, e energia destas sentenças se devem pela maior parte ao enfase, e concisão da lingua Latina, e ás quasi contínuas aposiopeses, ou reticencias dos escriptores daquella grave, e magestosa nação, que começando em ladrões, degenerou em castrados. Estas sentenças são mais artificios de engenho, que provas de sua progressiva perfectibilidade entre os Romanos. O uso frequente das sentenças impõe muito nos escriptos de Seneca, e de Tacito. Os historiadores Gregos são nisto muito parcos, e os Latinos muito prodigos. Os primeiros se pagão de levar seus leitores á scena dos acontecimentos. A narração he urdida com tal arte, e os quadros tão bem desenhados, e coloridos, que o historiador desapparece, e deixa o leitor combatido do interno mo-

vimento de differentes affectos, e entregue successivamente ao assombro, á curiosidade, á admiração, horror, benevolencia, e compaixão. Tacito amarra-se de contínuo ao leitor, assoprando-lhe sem cessar ás orelhas hum refinado odio aos tyrannos bem merecido na verdade, ainda quando elle tão de proposito o não assoprasse. Espia os passos dos mesmos tyrannos, e por esta espionagem, indaga, talvez com refinada malicia suas intenções. Quer dizer tudo, mas torna-lhe a falla ao buxo, e comprime-se-lhe o estilo como tinha o coração, porque os tyrannos bem como hoje os Francezes, nunca gostárão de quem falla muito, e muito claramente; eis o motivo por que Tacito dá mais que pensar, que ler, e esta tão preconisada vantagem, não nasce do genio do author, mas de hum reflectido medo com que escrevia de Nero, Caligula, e Tiberio, diante dos successores destes pais da patria. Isto não prova a superioridade do maior historiador Latino sobre os Gregos: e ainda que segundo o gosto de

alguns se prefira o estilo de Tacito ao de Herodoto não se póde concluir, que o engenho humano haja feito nesta repartição conhecidos progressos desde o tempo de Thucydides até ao seculo de Tacito.

Isto que eu sinto a respeito da historia, o posso dizer tambem a respeito da moral, unica sciencia em que o engenho humano deve teimar em fazer progressos para a perfectibilidade; nenhum povo tratou mais, e melhor de moral, que os Gregos, suas obras neste genero tem fracos imitadores entre os Latinos sem exceptuar o mesmo Marco Tullio em pessoa. Os Gregos apresentárão em seus alguma coisa diffusos, e escuros tratados, a moral em todas as attitudes, e maneiras várias, que o engenho póde dar ao discurso, ora risonhas, ora magestosas, ora sublimes, ora vulgares, e facilmente comprehensiveis. Platão dizia, que se podia lêr hum curso completo de ethica passeando pelos arredores de Athenas, lendo, e explicando as inscripções gravadas nos tumulos, nas estatuas,

nos arcos triumfaes, nas faxadas dos templos, e n'outros monumentos públicos. Grande expressão na verdade, e que vale por si só mais que o dialogo do Timeo. Com effeito, mais levantado degráo de civilização a que hum povo póde chegar he aquelle em que o terreno que piza, parece existir vivificado de mil diversas maneiras pela sua industria, mostrando os fructos do engenho, espalhados, e misturados com os da natureza.

Em Roma ainda no tempo do seu maior lustre, não se tratou tanto de filosofia como em Athenas. Outra prova de que o engenho não progredio entre os filhos de Quirino. Não se conheceo entre elles huma nova escóla, huma nova seita. Pelas conversações polidissimas do filosofo de Tuscullo, vejo que se dividião em opiniões, mas seguindo Cota huma seita Grega, Cicero outra, citando sempre hum mestre, e doutor Grego a quem seguião, e entre as provas da grandeza do consul filosofo, eu sempre admirei pela maior ter escravos, que erão filosofos, e que elle ad-

mittia, e mandava sentar na sua presença para intervirem ás suas doutissimas disputas. Demetrio, e Possidonio, que com inveja dos modernos inventou primeiro a esphera mobil, que chamamos agora mais aperfeiçoada, *Planetario*. Dicearco era chamado pelo mesmo Cicero as suas delicias. Ora esta diversidade de seitas entre os Gregos empregou, assim he, vãmente muito, e muitos esforços de engenho na indagação das primeiras causas, na origem, no fim, e na destinação do homem, sem se lembrar que a observação, e a experiencia as conduziria mais facil, e seguramente ao conhecimento da verdade, assim mesmo fluctuantes em materias que não são do alcance, e alçada da razão humana, dérão hum grande lugar em suas especulações á moral, e tocárão os ultimos terminos da possivel perfectibilidade, a que não chegárão os Romanos, méros copiadores, e imitadores dos Gregos. Eu admirei sempre hum prodigio na historia literaria da Grecia, e prodigio sem exemplo: huma escóla excluindo to-

das as outras especulações filosoficas, considerou como unica precisão das sociedades civís como unica base da prosperidade humana, como unico caminho para a perfeição, o estudo da moral. Esta escóla he a do mestre Socrates. Não quiz este grande homem escrever coisa alguma; mas a expressão da sua doutrina se acha com fartura nos livros de Platão, e Xenofonte. Se a éstes escritos se ajuntarem os moraes de Aristoteles, nada ha que desejar nesta materia, e não só os Romanos não adiantárão hum palmo nesta sciencia, mas os mesmos modernos com toda sua ufania scientifica ficárão muito aquèm da perfectibilidade destes immortaes escriptos. Não ha paixão alguma que alli se não ache bem definida, não ha movimento algum d'alma por mais rápido, e passageiro que seja, que alli não esteja analyzado, não ha virtude natural, que lhes fosse incognita; e ha tantos seculos ainda se não tem avançado hum só passo de mais. Apparecêrão sempre tratados de ethica, he verdade, mas só de novo tra-

zião o nome do author. Nesta repartição da ethica ficou o engenho humano entre os Gregos naquelles limites a que podia chegar, o que prova, que em materia de sciencias intellectuaes, e artes de imitação não ha perfectibilidade progressiva, e pela exacta comparação, que eu tenho feito entre todos os seculos literarios, vejo, que a marcha do engeno he perfeitamente similhante á do sol, (marcha apparente, porque na verdade elle sempre esteve, e continuará a estar repimpado no mesmo lugar) vai gradativamente até hum tropico, que he seu limite intransgredivel, e em alli tocando torna para traz, atraza-se pouco a pouco, até chegar a tocar no outro, e de novo começa a progredir. Assim o engenho nas sciencias, que só delle dependem, vão andando até tocar no ponto da marcada perfeição, e volta. Sem me appartar da verdade historica, eu conto quatro revoluções, ou periodos de apparição, e sumiço deste cometa: O seculo de Pericles, o de Augusto, o de Leão X.º, o de Luiz XIV.º; desse

de este ultimo tem tornado para traz, e quem se atreverá a dizer em que tempo nos fará o favor de vir para diante, visto os embargos, que lhe tem posto a revolução, e os invenciveis que lhe vai continuando a pôr o fatal patarata Corso?

Ora nestas sciencias, e artes que parecem unicamente depender da innata, e privativa força, penetração, e luz do engenho humano, houve huma causa externa, que as impelio para maior perfectibilidade do que aquella em que as vejo entre os pasmosos Gregos. Esta causa he o Christianismo, dilatou mais os confins da perfectibilidade, e para conhecermos a evidencia deste axioma, bastará contemplar huma unica arte « a eloquencia. » Quem lesse as producções de Aeschynes, de Demosthenes, e as de Cicero, cuidaria sem dúvida, que o engenho humano não era capaz de mais; mas o Christianismo descobrio novo campo para a eloquencia, deolhe outro emprego; e por isto se levantou mais o entendimento; e o constituio no centro de hum circulo

immenso, e sobrenatural, e os raios tirados a sua circumferencia tambem são immensos. Nada ha entre os Gregos no tempo de sua maior perfeição em eloquencia, que se possa comparar com os escritos de Gregorio Nazianzeno, e Basilio seu amigo. Estes dois grandes genios formárão-se nas escólas de Athenas dados aos estudos filosoficos, depois concentrados na solidão cenobitica, e occupados das grandes verdades da revelação, estas pelo seu sobre-humano poder os fizérão sahir dos confins em que elles permanecerião, se como Demosthenes se limitassem á eloquencia do fôro, ou se envolvessem em os negocios politicos das Republicas da Grecia. Lembra-me ter lido em escriptos de homens conhecedores da lingua Grega, que o Nazianzeno iguala em pureza de linguagem, e levantado estilo o mesmo Platão, Thucydides, e Xenofonte. Na cópia, e na magnificencia nenhum destes emparelha com o portentoso Chrysostomo, e esta superioridade nasce das materias, que os oradores christãos tratárão, estas fa-

zião desenvolver mais a força do entendimento, e o enchião de hum divinal enthusiasmo. O mesmo podemos dizer dos oradores da Igreja do occidente a respeito dos Romanos. O Apologetico de Tertulliano vale mais não só pela materia, mas até pela fórma exterior, que todos os arrazoados de Cicero, sem exceptuar a Filippica segunda. Arnobio tambem Africano, e mestre de Lactancio, nos livros contra os Gentios tem hum impeto, huma força, huma harmonia tal que leva comsigo a alma de hum leitor illustrado. He tal sua vehemencia, que não pára diante delle hum inimigo que não vejamos, não só suplantado porém esmagado, e bem se devisa, que estas qualidades nascem da materia que trata, capaz de dar esta elevação ao espirito. Lactancio tem huma fluidez, huma doçura tal, que não só excede Livio, mas o mesmo Theofrasto, e a delicadeza de Eusebio Emisseno, aliás Eucherio, bispo de Leão, he tão florida, e tão aguda que muito longe, vão atraz delle Cursio nas suas mais apuradas

arengas, e Floro na sua estudada concisão. Ainda mesmo com esta impulsão, que o Christianismo deo ao espirito humano para a progressiva perfectibilidade se mostra, que em materia de artes que dependão immediatamente do engenho, este conhece certos limites intransgrediveis, porque até agora em eloquencia ainda não houve quem vencesse ou igualasse áquelles primeiros mestres de huma, e outra Igreja, por exemplo, Flechier não vai a par de S. Pedro Chrysologo, e ainda de outro S. Pedro já em seculo barbaro, que he S. Pedro Damião. Bossuet não iguala na magestade S. Cypriano, e toda a força da dialectica de Bourdaloue não vence, não póde emparelhar com a força de convicção, que se observa nas cathechesis de São Cyrillo contra Juliano. Fenelon não tem a unção que se admira nos discursos do verdadeiramente grande Jeronymo.

Ora nas sciencias, e artes que não só dependem do espirito humano, mas do tempo, dos acasos, e das circumstancias, póde esperar-se al-

guma perfectibilidade progressiva. Não pendeo do engenho, que dois rapazes indiabrados, filhos de hum vidraceiro, brincando com os cacos do pai, achassem o telescopio, que tanto dilatou os conhecimentos humanos, e creou huma astronomia não conhecida, e só em alguma parte imaginada pelos antigos. Não com seu profundo, estupendio, e penetrantissimo engenho descobrio o methafysico Portuguez Spinosa huma nova face em a natureza, mas pelo fortuito polimento dos vidros, aperfeiçou o microscopio a ponto de vermos em a natureza, o que nunca a vista núa poderia descobrir. Otto Guerick, e simultaneamente Boyle por hum acaso, e não pela maior perfectibilidade de raciocinio descobrírão a machina pneumatica. Torricelli, por outro acaso de descobertas, e experiencias fysicas descobrio o peso, pressão, ou laterio do ar, e Pascal com as mesmas experiencias deo novas luzes ao invento. Newton ainda que de calculante, e profunda penetração deve-o ao acaso de hum vidro esquinado,

todo o seu systema das córes, todos os seus principios de optica tão decantados pelos pais e doutores da moderna fysica. Esta nova luz derramada nas sciencias naturaes não se póde dizer emanada immediatamente da progressiva perfectibilidade do engenho humano, mas sim devida ao acaso, ao tempo, aos instrumentos, e sobretudo ao vidro, que permanecendo por tanto tempo ocioso, e julgado de pouco uso, foi tão util para a filosofia, como foi o nariz para a repartição das finanças, porque julgando-se hum membro de poucas vantagens, de repente com o teimoso uso do tabaco foi o membro do corpo humano mais util para o corpo politico da República. Para a indagação da verdade nas sciencias naturaes não he preciso tanto engenho como tempo. Grande era o talento de Seneca, e por isso mesmo que lhe conheceo os limites disse, que estas coisas da fysica, e astronomia, para se aperfeiçoarem, necessitavão de mais de hum seculo, e de huma idade. *Ad tantorum inquisitionem ætas una non sufficit.*

He certo que póde hum seculo saber mais que outro seculo, e não crescer em perfectibilidade o engenho, este não se transmitte como se transmitte o deposito das sciencias, que cultivadas successivamente se aperfeiçoão, sem que o engenho dos que as aperfeiçoão seja maior que o engenho dos que as inventárão. A força que nos individuos produz grandes combinações de idéas, não se transmite: a que archisabio destes agora da moda, archidoctores em politica Napoleôa, e decoradores de gazetas, que possuem todo o chavão em peso das proclamações, e das intimações, que fazem os generaes huns aos outros, transmettírão seu engenho Spinosa, Descartes, Newton, Pascal, e Musschenbroeck? He verdade, que nas artes, e sciencias ha certas disposições, e methodos, que permanecem, e que põe o engenho em estado de executar facilmente o que se não podia fazer antes sem vencer extremas difficuldades. Mas estes meios deixados pelos nossos predecessores não augmentão a força real dos engenhos.

Acaso hum desses nossos rapazes do collegio dos nobres, que resolvem sem trabalho as equações do terceiro genero tem a força de miólos que tinha Archimedes, Galiléo, e Varignon? Parece-me que o uso facil destes meios enerva, ou alassa as molas da penetração, assim como o habito, de andar a cavallo, ou em sege enfraquece a faculdade de caminhar a pé. Ora seja o que fôr, mas se querem perfectibilidade progressiva no engenho humano, eu desejára, que se aperfeiçoassem os meios de sabermos com facilidade domar nossas paixões, que he o que tem sempre perturbado, e perturbará ainda por longo tempo a harmonia das nossas sociedades civís, e o estado politico do mundo. Tomára que me dissessem, se pelos progressos da razão se poderão achar methodos, e fórmulas para vencer as paixões, como se tem achado para resolver os problemas de geometria? Ah! proverbio Portuguez, quanto vales, applicado á boa préa do homem neste seculo, e nos que virão por nossos peccados, se no mundo conti-

nuar a haver Francezes. He o burro de Vicente, que cada feira val menos? Se a razão se aperfeiçôa nas machinas de fysica experimental, e na achada nomenclatura de bixos, gafanhotos, e rabaças na historia natural, porque se não aperfeiçôa na moral, e na sua filha mais velha, chamada sciencia da legislação?

SOLILOQUIO LVIII.

Eu costumei sempre a considerar as coisas por todos aquelles lados por onde ellas pódem ser contemplaveis, ou por onde as podesse encarar o meu fragil bestunto, e julguei, que este devia ser o emprego, e fim da por tantos annos estudada filosofia. O grande objecto contemplavel neste seculo, e o que merece a mais filosofica attenção, he sem dúvida a fatal revolução Franceza. Depois de a contemplar analyticamente, e de caminhar até á sua raiz pela face moral, e politica, e de lamentar os seus conco-

imitantes; e consequentes destemperos, e parvoices; eu a medito de contínuo pelo lado scientifico, e literario. Lamentei a funesta quéda, que com ella dérão as artes, vi expirantes no seu seio a alta poezia, a sólida, e nérvosa eloquencia, a magestosa historia, o gosto filosófico das humanidades, a crítica apurada, o gosto, e o sabor do antigo, tudo se sepultou, e os grandes homens, que a mesma França tinha produzido, não forão mais considerados como exémplares, e modélos que se imitássem, apenas se juntárão seus bustos, e imagens em hum vasto salão para serem esquecidos. Mas vi entre estes paroxismos, em que agonizou a França literata, aquillo mesmo que se observa na luz moribunda de huma candeia lançar hum maior, e mais vivo clarão para se apagar de todo; reunirão-se todos os esforços, e fazendo hum grande impeto para entrar no templo da fama, e da memoria, acabárem, e extinguírem-se de todo.

Este grande prodigio se observou no anno decimo da Républica, a quem

Deos perdoe, que jaz debaixo dos pés do enterrador de tudo o que cheira a humanidade, e a descanço social, o Corso Buonaparte: elle sepultou de todo a França, a anniquillou a sua gloria, e ainda que parecia no tempo de consul querer promover as instituições literarias, fazendo grandes visitas ao Lycêo, e ouvindo por lá espraiados panegyricos das suas altas virtudes, logo me doeo o cabello, quando vi presidente do Instituto, o inepto versejador José Chenier, e o farcista Picart, membro tambem do mesmo Instituto. Todos estes collegios, e printaneos, erão na mente do consul viveiros de recrutas para as futuras rapinas, quando se visse imperador. Porém no meio destes estragos, entre estes tristissimos restos do miseravel naufragio, em que pereceo, e se affogou a França, apparece o ultimo milagre da literatura, e hum monumento levantado ás sciencias que fará vulto em todos os seculos, e que obrigará a posteridade a olhar com mágoa para as ruinas da mesma França, quando entre ellas vir levantar a

magestosa cabeça esse alentadissimo colosso da literatura. Ora venha elle, porque se isto se chegar a imprimir algum dia, já aqui terão chegado com impaciencia os piissimos leitores. Eilo-ahi vai.

Historia natural, geral, e particular, por Buffon acompanhada de notas, e na qual vão inseridos os supplementos no primeiro texto, e no lugar que lhe compete. Ajunta-se a tudo isto a historia natural dos quadrupedes, e aves, que se tem descuberto depois de Buffon, a dos reptis, peixes, vermes, e insectos; e a historia das plantas, que a morte não deixou escrever ao mesmo naturalista, composta por Sonini, que n'outro tempo trabalhou de mão commum com Buffon na parte ornitologica. Esta portentosa obra, compilação mais estimavel que todos os originaes, estende-se a 70 volumes em 8.° grande, o caracter he elegantissmo, o papel fino, as margens fartas, e 1300 estampas. Eu vi, e li de fio a pavio esta grande obra huma das mais vastas emprezas da literatura. A sua pu-

blicação, assim como he hum pleito, e homenagem dada ás sciencias, tambem he hum testemunho da encantadora força da natureza, quando grandes pinceis sabem traçar a imagem sobre o engenho humano. Admirei conservar-se seu imperio intacto entre os ultimos arrancos da escravizada França, no meio das desordens, e calamidades a que a sugeitou o despota pigmeo. Os homens que cuidárão nesta edição, fazendo enormes despezas quizérão por certo applacar os manes do author, com tanta justiça indignados com a morte de seu unico filho, a quem Robespierre fez mais pequeno de corpo, cortando-lhe a cabeça na guilhotina, devendo salvar-lhe a vida sua ultima palavra em que parece estava toda a alma de seu pai « Eu me chamo Buffon » He este o discurso mais patetico que se tem pronunciado, e que devendo enternecer o povo, o devia tambem obrigar a arrancar das mãos da morte o filho de hum homem, que tinha com seu immenso saber não só illustrado a França, porém honrado a humanidade.

Se os monumentos literarios, quando se empregão em objectos uteis, qual he a descripção do palacio que nos deo para habitar a providencia, fazem a gloria dos seculos em que apparecem, Buffon foi o mais sábio architecto do templo mais augusto, e magéstoso que se tem levantado á natureza. Buffon illustrou o seculo, que foi testemunha de seu trabalho, applicação, e estudos, e o tempo justo imparcial apreciador das acções dos homens, transmittirá á memoria de seu vasto, e milagroso engenho. A posteridade citará com admiração a época, em que este raro homem compunha paginas de que a immortalidade se assenhoreava logo. Mas seu engenho ainda que vasto, e capaz de abranger em si toda a planta de hum edificio, que não tinha outros limites senão os limites da natureza; não podia chegar ao fim, mas suspender-se, e parar no meio da carreira. Não bastava para tanto huma longa vida; a morte, que só se não resolve a acabar com Buonaparte, veio interromper seu infatigavel estudo.

Ficou imperfeito o templo, cuja faxada, e algumas outras partes são tão brilhantes, e magnificas. A mesma admiração com que se contemplava este soberbissimo monumento imperperfeito, creava, accendia desejos de o acabar; esta obra que há de rivalizar a duração ás piramydes. Os redactores, que a publicárão no anno 10 da loucura, ou da República Franceza, não quizerão temeraria, e sacrilegamente tocar no trabalho deste rarissimo homem, nem profana-lo com o contacto do seu, e do proprio. Elles admiravão como amantes da natureza o pincel sublime, e succoso, que tambem a soube pintar. Venerárão igualmente o modélo, e o pintor, e por isto, nem mudárão, nem alterárão em parte alguma o texto original. Os supplementos que Buffon publicou successivamente vão interpostos, e fundidos no primeiro texto no lugar que lhes compete, de maneira que o leitor acha em cada hum dos artigos, tudo quanto lhes diz relação, sem necessidade de recorrer mais aos monumentos que até alli an-

davão dispersos. O que não póde hir no texto, vão em notas tão numerosas como importantes, que expõe em toda a luz objectos, que a observação, e viagens fizérão mais conhecidos depois da morte do Plinio Francez. Além das notas, ha addições preciosissimas em muitos artigos de grande vantagem para o conhecimento da nunca assás contemplada natureza.

Este grande trabalho he todo de Sonnini, porque Lacepede metteo-se a conselheiro das ladroeiras napoleoas, e architecto de mentiras nos grandes jornaes do gabinete das harpias. Sonnini era já conhecido não só por companheiro de Buffon, mas por author de huma viagem ao Egypto, que como a de Savary, e Wolney, e a do antigo consul Maillet, tanto esquentou as cabeças Francezas persuadindo-lhes, que as aguias tinhão alli que empolgar. Ora Sonnini tinha já grande reputação como naturalista, grande nomeada de escriptor puro, e judicioso em materia de literatura amena, e para dar os ultimos toques

neste soberbissimo quadro, que não detem hum momento os olhos, como os de Rafael, mas que occupará por seculos a attenção do entendimento, se tinha associado alguns sábios, que mettidos por agoas furtadas nas mais escuras ruas de París escapavão á guilhotina como Le Treille, Montfort, Philibert, e Verci, todos exercitados em observar, e pintar a natureza. A reunião destes talentos, nutridos no silencio, e no estudo contribuio de todo para a acabada perfeição desta obra immortal, e perfeitissima até no apparato exterior, o buril Francez, que de todo se embotou agora, tambem fez os derradeiros esforços; reformárão-se as antigas chapas, abrírão-se outras de novo com desenhos mais corretos, e exactos; illuminárão-se as estampas, que reprezentão ao natural todos os objectos, e ha nesta admiravel edição tudo o que se chama luxo typografico, e apenas sahio á luz do mundo ficárão em França tapadas de pedra, e cal as portas do augusto templo da sabedoria, das artes, e do gosto. E quando se tornarão a abrir?

Eis aqui hum problema irresolvivel; porque pelo geito que Buonaparte vai dando á França, este foi o ultimo arranco de literatura, e expirou.

O estado de polimento a que a França havia chegado, não declinou gradualmente como aconteceo em Roma desde o seculo de Augusto até ao fim do seculo dos Antoninos, transformou-se repentinamente em hum furor vandalico: fenomeno unico na historia de todos os póvos do mundo: assim como as sciencias, e as artes nunca subírão repentinámente, tambem nunca repentinamente baixárão. Sobem, como apparentemente sobe o sol, e como elle, declinão até se esconderem. Só em França caminhando para o Zenith desde os dias de Luiz XIV.º subito se escondêrão debaixo d'Orizonte. Parece que a ancia de juntarem de todos os angulos da República das letras os monumentos mais preciosos, nascerá do amor das letras, e do estudo.

Forão roubadas as bibliothecas de Roma, de Milão, e de Florença. Foi a Italia toda saqueada de suas rique-

zas literarias para se ajuntarem todas em hum museo de París: mas esta reunião de preciosidades, que enobrecião a Italia seu berço, e seu mais amado domicilio nasceo do mais sordido espirito de avareza. Não as estimão como os sábios, roubão-nas como cobiçosos, e ladrões. Depois de tantos furtos acabárão as artes em França, não digo só as que dependem de engenho, mas as que tinhão perfeição no trabalho mechanico das mãos. Quando produzirão os Francezes hum poeta como Boileau? Isto he pedir muito. Quando darão os Francezes huma maravilha em typografia como he a edição das obras deste poeta da razão feita em 1747 em cinco volumes em 8.º? Nunca

SOLILOQUIO LIX.

Os homens são vãos por natureza, e parece na verdade innata esta tendencia para a vaidade, e para entonação: querem ser ou ao menos parecer alguma coisa, querem existir de hum modo vantajoso no entendimento dos seus similhantes, e sendo esta manía tão universal, que abrange todas as classes ainda as mais miseraveis, e obscuras acommette, e tyranniza mais particularmente os literatos. Tem justificado de tal maneira o amor da gloria, e da celebridade do nome, que os mesmos que escrevem contra a fama, pertendem com estas estranhas invectivas eternizar seu nome, e sua memoria. Os literatos huma vez que se persuadão que tem na cabeça mais nomes, mais factos, mais datas, que os outros homens, já se julgão habeis para occupar os primeiros lugares no gover-

no da República, e de dar leis ao mundo. Julgão-se com ufania huns entes de huma ordem superior, olhão com desdem para as outras creaturinhas, e exigem huma contínua homenagem, hum profundo respeito, e huma aturada veneração dos outros homens. Erigem-se em mestres do genero humano; o insaciavel prurido, ou comichão de se destingpir, lhe metteo em cabeça a formação de certas associações, chamadas academias, onde não todos, mas alguns erão admittidos com ceremonial enfadonho, e soberbo, e da exclusão dos mais fazião hum povo á parte, que considerava o resto dos dados ás letras como ineptos, ou ao menos muito aquèm da grande perfeição, que era preciso para ser admittido na confraria. Mas destas confrarias pouco fructo se tirava, porque ainda que se ajuntassem depois as memorias, isto he, o que cada hum em particular compunha a seu arbitrio, vinha isto a ser hum corpo informe, sem plano, sem systema seguido, crescião os volumes, e não crescia a obra. He im-

mensa a collecção das memorias da academia das inscripções, e bellas letras, porém em tantos volumes não ha duas dissertações que se pareção, ou que se empreguem na mesma materia. He coisa bem digna de notar-se, que as obras originaes, e completas, os tratados elementares, os grandes corpos de historia, os diversos systemas de filosofia, nunca sahírão das academias. Newton não era academico, nem Spinosa, nem Lock, nem Bayle. Ha grandes dissertações na collecção das memorias da academia das sciencia, nas transacções filosoficas, mas não ha hum tratado filosofico, systematico, e methodico. Ha idéas novas, mas não ha huma obra. Ora estas academias em França, e Inglaterra, erão sem dúvida coisa séria, porém as da Italia, além do Instituto de Bolonha, tudo mais era coisa pueril, e ridicula: bastão para se conhecer esta verdade os seus titulos, e denominações. Em Florença houve huma famosa academia, chamada a da codea, e os seus alumnos chamárão-se enfarinhados. Hou-

ro a academia dos humoristas, dos apatistas, dos eteréos de Padua, dos furiosos, dos innominados. E em Portugal! Oh! caterva vergonhosa! A dos occultos: a dos anonymos, porém nas obras punhão o seu nome, e dizião « Manoel André, academico anonymo: a dos sigulares. E que quererá dizer tudo isto. » Quer dizer juntarem-se huns poucos de homens em casa de outro homem, até em dia de entrudo como nas academias de Fr. Simão, ler o presidente huma coisa chamada oração, se ha assumpto livre dizer cada hum o que lhe lembra, se ha assumpto obrigado como na academia dos singulares havia sempre; hum dos mais graves programmas era, e foi este « Cloris, lendo á lua huma carta de Fabio, passando huma nuvem lhe tapou a luz, e ella desesperada, rasgou o papelinho. » Outro programma « A cutilada que deo o conde da Torre no pescoço do toiro, que o decepou, e ainda a ponta da espada se foi metter no chão. » Para isto se juntavão duas duzias de homens, cada hum

lia o que fez, e no fim tudo se entregava ao secretario.

Em França tambem havia destas, e a academia dos jogos floraes, instuida pela formosa Clemencia Isaura, não ficava devendo nada em ridicularia ás de Italia, e ás de Portugal, que não vio coisa séria neste genero, se não quando se instituio a da historia Portugueza, cujos estatutos acreditão sobre maneira o marquez de Alegrete, Manoel Telles da Silva, e a das sciencias de Lisboa. Na da historia Portugueza faltou hum genio redactor de excellentes memorias, para prevalecer em tudo a força do destino, que não quer que tenhamos hum corpo completo de historia da nação escripta filosoficamente. Em fim veio a maldita, e destruidora revolução, deo com tudo de pernas ao ar. Ouvio-se de Norte a Sul o baque estrepitoso da quéda de todas as academias, e vírão-se lambendo os ares as altas labaredas da grande conflagração das quarenta poltronas do Louvre, e de milhões de panegyricos de S. Luiz, e do cardeal de Richelieu; ou-

-vio-se o estoiro do sello, e dos cunhos das medalhas consagradas á immortalidade, distribuidas aos 23 das letras do alfabeto para a composição do diccionario, em que os das letras X e Z ficão sempre de melhor partido, e gloria igual. Que espanto, e que peso de melancolia para hum homem que fosse das 26 academias que havia em França, além da correspondencia com as estrangeiras! Apparecer despojado repentinamente de 26 aureolas de que andava cercado, escoltado, e coroado pelas vastas praças de Paris! Dias afortunados erão aquelles para os literatos Francezes! Lembrava-se hum de escrever huma carta á tal, ou tal academia, e no correio seguinte já recebia o diploma da recepção. Se viajava pela brilhante Italia, ou pezada Allemanha, hiá no centro brilhante da grande, e incontestavel nomeada visitar o presidente, ou o secretario de alguma academia, nessa mesma noite, e ainda antes do chá, era proclamado membro da dita academia, e convidado (o que em nenhum caso podia fazer mal) convida-

do para hum jantar solemne: sentado á mesa entre os corifêos da sabedoria, já saboreava a immortalidade, promettida, e afiançada, pelos collegas, tão vãos como o recebido candidato. A brilhante, e inexaurivel literatura os entertinha satisfeitos entre mútuas, e reciprocas lisonjas até depois da meia noite. Este montão de gloria se dissipou de repente. Todas as coroas de hera, e de louro se murchárão. Vierão os crueis revolucionarios, desastrados dissipadores de tudo o que era bom, e de volta com os pergaminhos da antiga nobreza, tambem levárão, e tambem queimárão os pergaminhos academicos, e todas as cartas dos secretarios, que attestavão as brilhantes recepções entre os sempre discordantes quarenta, e fizérão em cinzas aquellas respostas aos cumprimentos dos entrantes, que os recommendavão, aos favores, ás homenagens aos respeitos da posteridade, letras improtestaveis em o negocio, e transacções de sapiencia, tudo foi reduzido a cinzas, tudo foi convertido em nada. O frenesi vandali-

co revolucionario deo cabo de todo o apparato das peças immortaes, que levárão o premio, ou por intriga, ou parcialidade. Isto era coisa insofrivel, e insuportavel á vaidade dos literatos. Sempre depois das mais pesadas desgraças começão de apparecer alguns visos de consolação. Entre os estragos, e sangue do atroz dominio do mestre de Buonaparte, Robespierre, começou a annunciar-se de toda a parte a resurreição das academias, ainda que debaixo de outros titulos, e dominações, porém nomes verdadeiramente soberbos! Oh que alegria para os literatos! Estes cometas, crinitos, ou cabelludos da gloria scientifica, que senão esperavão lumbrigar mais depois de se haverem somido invisiveis no espaço revolucionario, outra vez começão de surgir no ponto visivel da sua excentrica elipse. Renascêrão as coroas, e vírão os sábios, quanto era duro, repugnante, e medonho apparecerem nús, e crús aos olhos da posteridade, com hum nome despojado dos titulos academicos. Não se podérão conter, e eis hu-

ma chusma, huma récua de academias com os pomposos titulos, e brilhantes alcunhas de Athenas, Printaneos, Lycêos, huns centraes, e outros circumferenciaes. Já ha membros do Instituto, e já os lugares são brigados, e disputados com hum rancor mais profano que os dos dois irmãos de Thebas, e os dos quarenta da academia. Mas aos novos lycêos, aos novos bosques de Academo, aos platanos de Frontonia, ás novas salas de Platão falta huma coisa, que não faltou nem á defunta academia Franceza, nem á sociedade real de Londres, falta hum cozinheiro (axioma incontestavel) sem cosinheiro, não ha estabilidade em todos os corpos literarios, este he o verdadeiro ponto de apoio, e à base sólida. No printaneo, no atheneo das artes, no lyceo central não ha cozinheiro, não ha mordomo, nem thesoureiro tão opulento como Buffon era da academia das sciencias. Sem hum jantar de recepção, sem huma esplendida ceia de sessão ordinaria, que prazer, que gloria ha em ser academico?

SOLILOQUIO LX.

Hum dos maiores erros, ou maiores defeitos das theorias de moral, com que se pertende conter, ensinar, e dirigir os homens no estado social, he a falta que nelles se encontra de conhecimentos da constituição fysica dos mesmos homens: este conhecimento he a base constitutiva de toda a sciencia, que diz respeito ao mortal. Sem se saber que coisa seja fysicamente este bichinho, que se chama homem pelo que pertence ao seu corpo, debalde se lhe intenta dirigir o espirito, e sugeitar a vontade ao jugo da lei, e aos dictames da razão, e da virtude. Primeiro se deve conhecer o homem fysico, depois o homem moral. Lock, e Condillac nos terião dado huma melhor analyse do entendimento humano, e descobririão melhor a origem, e a formação de nossas idéas, se hum pouco mais houvessem penetrado o abysmo deste ser fysico,

que se chama corpo organico. Os homens que cultivárão a filosofia racional com maior vantagem, fôrão os que possuírão maiores conhecimentos de fisiologia. Taes fôrão Pythagoras, Democrito, Hyppocrates, e Aristoteles entre os antigos. Estes padres conscritos da filosofia, procurárão conhecer o homem em seus diversos estados, e buscárão no estudo das leis da economia animal, e em todos os objectos, que pódem influir sobre ella, e modificá-la, as noções necessarias para estender, dilatar, e aperfeiçoar as faculdades humanas. Entre os modernos o Inglez Bacon, sentio primeiro que ninguem a necessidade do estudo de fysica animal, e cuidou devéras em tudo o que póde influir poderosamente na constituição fysica, e moral, do homem. Descartes, que sem dúvida deo hum grande impurrão no entendimento humano para o conhecimento da verdade, fez o mesmo, buscou as molas do pensamento, e a origem das paixões na organização fysica. Lock que deo alguns annos ao estudo, e ao officio da

medicina, diz que encontrou o principio de nossas idéas em nossas sensações, e Bonnet Suisso infatigavel em escrever, e que não foi sempre muito feliz na applicação, que fez de seus conhecimentos anatomicos ás operações do entendimento, ao menos fez vêr a ligação necessaria, que se acha entre a disposição fysica de nossos orgãos, e o nosso modo de sentir, e de raciocinar. Em fim mestre Helvecio, que da taboada das finanças deo em filosofo, e o célebre preceptor do duque de Parma andarião melhor pelos caminhos, que intentárão abrir, se tivessem maior, e mais profundo conhecimento da economia animal.

A sensibilidade fysica he o ultimo termo a que se chega no estudo dos fenomenos fysicos da vida, e he o ultimo resultado, ou o principio mais geral que nos dá a analyse das faculdades intellectuaes, ou operações da alma. A sensibilidade nos faz conhecer os objectos externos, e nossa propria existencia, mas estas impressões pódem ser modificadas pela organização primitiva dos individuos, pelas

circumstancias da idade, e do sexo, pelo clima, pelo regimen, e tambem pela natureza, e ordem dos trabalhos, e dos habitos. Prova-se contra Condillac, e contra os outros analyzadores do entendimento humano, que nossas idéas, e determinações moraes, não tem por principio unico as sensações externas: tambem as impressões internas, que a acção dos orgãos nos faz sentir, contribue para sua formação. He coisa sabida, e por mim experimentada, que as doenças, e mais que tudo febre aturada, invertem, e prevertem a ordem habitual das idéas, e dos sentimentos; excitão appetites extraordinarios, e extravagantes; e nossa alma se acha entregue a idéas risonhas, ou sombrias; a sentimentos agradaveis, ou funestos, segundo o estado interior da machina. Huma das maiores alterações, que podemos experimentar em nosso modo de sentir he a que produz algumas vezes, a mais fatal, e medonha de todas as doenças, que he a dentada de cão damnado, e na frase do Esculapio a hidrofobia. Tem-se

visto infelizes mordidos de cães damnados, imitar os passos, a voz, e manifestar as inclinações destes animaes. Huma serie de provas incontestaveis desta eterna correspondencia da disposição fysica de orgãos com nossas idéas, e afeições, he o quadro das idéas, dos sexos, e dos temperamentos, que parecem estabelecer huma multidão de existencias diversas, successivas, ou permanentes, onde a ordem fysica, e ordem moral se achão ligadas com huma cadeia indestructivel. Quando attendemos para os atributos, que caracterizão a constituição das crianças, delles vemos dimanar necessariamente a actividade tumultuosa, e a mobilidade, que faz desta idade tenra a pelle de todas as impressões que a vem assaltar. Esta actividade, e mobilidade, se affrouxão á medida que os orgãos tomão consistencia, e dão lugar a movimentos mais tardos sim, porém mais firmes, e seguros. Huma duplicada gradação de mudanças fysicas, e moraes conduzem o homem da adolescencia á juventude, onde a plenitude da vi-

da se manifesta pela força, e actividade dos orgãos, pela vivacidade do movimento dos humores, e por huma vehemencia em todas as acções, que acompanha sempre o sentimento profundo do poder. He muito curto, e rápido o intervallo que se acha entre este estado brilhante, e o estado do affrouxamento da carreira dos homens; e huma sensivel diminuição de energia nos orgãos começão de lembrar ao homem a próximidade do cimiterio; esta degradação cresce a olho, o principio do movimento se enfraqueceo tanto, quanto os instrumentos se tornão menos capazes de obedecer á sua impulsão; as operações do espirito, são mais vagarosas, e exitantes: o caracter se torna cada vez mais tímido, desconfiado, e inimigo de emprezas arriscadas, e perigosas. Se éste fôra o estado contínuo da vida, quantas desordens, e desgraças se pouparião! Huma necessidade fatal obriga o velho a reflectir continuamente sobre si mesmo, e o egoismo destes tediosos tartarugas he obra immediata da natureza. O ve-

lho não encontrou mais que resistencias, e a difficuldade de existir, lhe fez appetecivel este repouso eterno, que a natureza communica a todos os entes como huma noite socegada depois de hum dia de contínua fadiga, e agitação. Em a analyse destes diversos estados, e situações do homem se descobre huma nova fonte de idéas, e de sentimentos, que não devião escapar nem aos methafysicos, nem aos moralistas. A theoria particular dos temperamentos tambem devião entrar em razão de conta, e sem ella não se poderá jámais conseguir o conhecimento do homem moral. Os antigos, e os modernos admittírão quatro temperamentos mas estes combinão-se, modificão-se, misturão-se, de infinitas maneiras em hum mesmo sugeito, nesta mistura tambem se deve buscar hum grande motivo das suas affeições moraes. Além dos quatro, parece-me, que segundo o pensamento dos mais atilados fisiologistas se devem determinar mais dois. Hum provem da acção predominante do systema nervoso, e outro deriva-se da

predominante do systema muscular. Destes differentes fundos de organização nascem habitos, e effeitos moraes que varião como as causas fysicas, que o determinão.

SOLILOQUIO LXI.

Diz hum proloquio Portuguez, que duas vezes somos crianças, eu digo, que considerando-nos a certos respeitos, sempre somos crianças. Não ha tempo em todo o circulo da nossa existencia, em que não gostemos de ouvir hum conto. Na corte, na aldêa nos botequins domicilio da peste, e da ociosidade, em nossas casas, no campo, no mar, em se ajuntando homens, huns contão, e outros escutão. Até os monarcas, e os grandes da terra costumão ter seus caturras, a quem com muito interesse, e paciencia ouvem seu conto. Isto não se observa unicamente nos palacios, descobre-se, e com muito prazer até nas tabernas. Eu páro

muitas vezes para vêr, e gozar hum similhante espectaculo. Vejo á roda de huma encebada banca hum respeitavel senado. Hum bebado faz de presidente, está com o copo na mão empunhado como hum sceptro do imperio da alegria. Luzem-lhe os olhos, e brilhão-lhe as faces como as de hum Bretão. Que faz elle? Embebeda-se, porém conta. Os outros o escutão, com hum bom palmo de bocca aberta, e quanto mais destemperos, mentiras, e absurdos elle amontoa, mais cresce, e se augmenta a alegria, e o extase dos senadores. Corrão-se para desconto de peccados os mais afamados, e envernizados cafés de Lisboa, nelles assim como ha huma mesa reservada para os notaveis ociosos, tambem ha hum contador mór, que se arroga o privilegio exclusivo de fallar, e de ser escutado. Este oraculo contador faz a paz, e a guerra, promulga as leis que lhe parece, traça planos de campanhas, determina em hum mappa velho, que elle nem conhece, nem entende, as posições que devem occupar os exercitos, e

depois das batalhas faz as promoções necessarias, este homem raro, e universal tem pescado com sua rombissima penetração os segredos de todos os gabinetes; ainda não passou hum bill pela camera baixa, já elle o publíca, ou approva, ou regeita na loja de bebidas. Seus ouvintes estafados desertão da mesa algumas vezes, porque os ouvidos cansão; e eu já presenciei mais, que foi huma lethargia universal, derramada pelo auditorio, e o oraculo tão embebido em si que não advertia, que os mais dormião, e elle contava. Tu desaforado...., tu tivestes habilidade de derramar esta dóse de opio. Mas he tal a magia de hum conto, ainda que seja tão ridiculo como os deste enterrador, que se hum auditorio désabelha, e se vai, outro torna, e o contador infatigavel sempre tem ouvintes. Pois nas platéas dos theatros! Oh! rua dos Condes, em ti se encontrão os mais sabidos, e acrisolados contadores! Olhem para aquelle causidico, rabula, e embrulhador, bacharel rémora, o eternizador de pleitos,

que conta na platéa, e jura em casa, que está doente. Este homem sabe de antemão o reportorio da semana, sabe a peça nova que ha de ir a terra, a que ha de soffrer trinta e nove recitas, conhece o amante de cada actriz, boas rezes, na verdade, e boas vasilhas! Sabe a intriga de cada actor, fulmina contra os abusos do theatro, e diz, que no seu tempo não ia a coisa tanto de fóz em fóra. Lembra-se do Pedrinho, e do Sylvestre; vio pela primeira vez José da Cunha, feito carcoma na esposa Persiana: conta mil historias dos actores do seu tempo, e se o deixão, canta huma aria da Zamperini, e engrola dois gorgeios do Egiciel. Todo o mundo circumstante o deixa fallar, e sabendo-se que nascêra muito para cá do terremoto, não lhe vão á mão, quando diz, que víra representar Alexandre na India, e a companhia de cavallos, que ia dando cabo do palco, e proscenio da ribeira das náos; enche os intervallos de duas peças, não deixa ouvir a synfonia, e vai contando por diante, e acha sempre escutadores.

Mas isto são quadros vulgares, e corriqueiros, ha coisa ainda mais fina, e mais dilicada. D .... tuneja 39 annos, mas conserva ainda grandes meios de agradar. Esta sábia traductora de novellas, conhece pelas suas profundas, e aturadas leituras da princeza de Clèves, ou de outro qualquer romance, que se chame Sofia, Adelaide, Matilde, (porque nenhum se póde chamar Joaquina, Antonia, ou Sebastiana) que os prazeres que nascem do engenho, e da amabilidade são mais duraveis, que os que procedem da belleza, e dos encantos da namoração. D.... ainda tem, senão adoradores, ao menos admiradores. Todas as noites ha grossa companhia em sua casa; conversa-se (coisa rara no dia de hoje, porque apenas dão trindades não ha mais que banquinha, véla, naipes, silencio, e ladroeira.) Quasi sempre são os mesmos sugeitos da sessão. As historias, os contos de toda a casta chovem de todos os lados para variar a conversação, e fazella mais picante, e animada. Mas não são anecdotas triviaes, contos cor-

riqueiros. Tudo o que se diz he apurado no centro do gosto.. Em casa da senhora D. . . . existe a arte de contar bem. Que talentos são precisos ao contador desta brilhante companhia! He preciso primeiro que tudo, que elle faça sentir, e conhecer a importancia, e a escolha da historia que vai a contar, depois he precisa grande arte de a trazer a proposito, para isto em casa da tal . . . he precisa huma intelligencia secreta, hum tacto, ou hum sentimento fino, que muito raras vezes se encontra. He preciso que elle saiba triunfar de todos os obstaculos: se pedio attenção ao respeitavel auditorio, desgraçado delle se a deixa escapar, e a tal attenção desapparece desde o instante em que começa a cansar-se. Se lhe não mistura certas aluzões, cuja applicação seja facil, e gostosa aos pios ouvintes tudo esfria, e a sua prelenga deixa de ser interessante. Entre estas prelengas ha humas que vivem mais expostas a desgraças, são aquellas historias que acabão em hum termo, frase, ou expressão donde lhe

vem toda a graça, e todo o preço. Se o recitador chega a esta palavra, de que todos estão pendentes, e a pronuncia sem efficacia, e sem effeito, o que quasi sempre vejo acontecer, a assembléa dos notaveis ociosos fica paralytica, e gelada, e o contador embaraçado, e corrido, e deve assentar no seu coração de nunca mais abrir bico em dias de sua vida. De ordinario estes contantes querem desde o principio da narração produzir hum grande effeito, dão-lhe com todo o chumbo nos primeiros encontros, e por isto se esquecem de ir graduando a relação, e preparar progressivamente o grande dito de que pende a boa dita do seu conto. Quasi sempre a pouca habilidade do historiador faz adivinhar desde o principio qual seja o feicho, e por isto se perde, desapparece a historia, e o contador tambem. Muita estima se fazia n'outro tempo desta apurada arte de contar bem no meio de huma sociedade, era hum talento apreciado, buscado, remunerado. Agora já lá vai isto. Eu não sei o que se tem substituido a

este atticismo, tão louvado entre nós antigamente. Na maior parte das companhias nada se escuta já. O talento he aborrecido, porque poucos se dão ás artes, aos conhecimentos; a engraçada agudeza desterrou-se, ou ha a melancolica taciturnidade do jogo, ou a maledicencia descarada com que se retalha a reputação alheia, ou a manía politica do buonapartismo, que observem os homens, e nunca se encontrárão quatro juntos a conversar, que se não moão com o frenetico despota da Europa. Antes desta fatal época havia outro alimento para a existencia social dos homens, e entre nós os Portuguezes principalmente, inclinados fômos sempre a nos rir das aventuras dos nossos, e quasi não havia acção, em que não buscassemos rir. Apertados de fome, e cercados de Moiros em Tangere, e em Diu, rião, e contavão distantes dois passos da morte. Agora mesmo tyrannizados, roubados, e despidos pelos Francezes ainda ha quem no meio de occultas sociedades conte com extrema graça, e se ria da enfiada de parvoices, de

sandices que elles commettem, fazem, dizem, imprimem, e decretão; parece que o primeiro mal que os Portuguezes temem he o tédio, e o enjôo da vida. Mas eu vou já muito longe com a minha comprida arenga, calo-me, porque não digão os praguentos, que tratando da arte que alguns tem de enjoar quem os ouve, quando contão, eu dou o preceito, e mais o exemplo.

SOLILOQUIO LXII.

Para haver ladrões no mundo, não houve mister que Buonaparte abrisse huma tão brilhante, e tão bem disciplinada escóla; em todos os seculos houve professores eminentissimos, e he profissão tão bem estabelecida, que se reduzio como os outros conhecimentos humanos a huma arte methodica, com principios, axiomas, theoremas, e todo o mais apparato, e travessão do rigor das demonstrações mathematicas. Em Portuguez te-

mos hum bom tratado desta importante sciencia, e alli estão lançadas as regras da theoria sublime; *livro* util pelo que descobre, livro pernicioso pelo que póde ensinar, que tem o desconto, que eu tenho notado em alguns pouco expertos, e prudentes missionarios, que pintão tão ao natural a maneira de commetter hum crime, e descobrem tão claramente os estratagemas da malicia, que a innocencia tem perigado, pondo em pratica as noções, que percebêra. Assim a arte de furtar, que se attribue a Antonio Vieira.

Sem dúvida he infinito o numero dos ladrões, cuja maldade as mais das vezes nem he intelligivel, nem calculavel. Hum dos maiores paradoxos de Jaques, he dizer, que os ladrões não discorrem mal a respeito de seus interesses apropriando-se a fazenda alheia, na alternativa de escolherem, ou este officio, ou na resignação de viverem na miseria, e no trabalho. He verdade que correm risco de verem a sua pompa funebre em vida, e de ouvirem os devotos

irmãos da misericordia pedirem para os suffragios da alma deste seu irmão; mas este risco he sómente para os desgraçados, que estão reduzidos a roubar segundo a definição legal deste delito, mas ha tantos meios de roubar, que se definem mais civilmente e que são impunidos, e quasi applaudidos, e respeitados, que dão lugar a roubar muito, e a passarem os ladrões por homens honrados. Estes no pensamento de Jaques, e de seu melancolico antecessor o duque de La Rochefoucauld, cuidão bem nos seus interesses, se se considérão as vantagens só da vida presente. He verdade que ha infinitas maneiras de roubar, que as leis só punem huma só; e se os processos feitos aos que se apossão da fazenda alheia se fizessem por Deos, e não pelos homens, e apparecessem na frente de todos aquelles que roubão, ou que individamente retem a fazenda alheia, ou por occasião de herança, de demanda, ou de negocio, achar-se-hião poucos, ou quasi nenhuns, que não possuissem do alheio quanto bastasse para os fa-

zer caminhar pomposamente escoltados até o caés do Tojó. Com tudo isto, nunca passará a verdade, o calculo de Jaques, ou escandaloso paradoxo, de que cuida nos seus verdadeiros interesses, quem funda sua fortuna em extorquir, e usurpar de qualquer maneira que seja a fazenda alheia, e que cuida nestes interesses menos aquelle que se determina a viver com os proprios meios, com a propria industria, e com as mãos puras, e limpas de toda a contaminação rapinante.

Que vantagem he para o homem honrado, em primeiro lugar não temer coisa alguma, viver com huma reputação sem mácula, e poder mostrar por toda a parte hum palmo de cára descoberta, e serena, podendo todos em seu aspecto ler, e considerar os não equivocos signaes, o testemunho interior da consciencia, e huma segura confiança! Como he possivel que a hum homem verdadeiramente puro, e honrado, ainda que pobre, faltem verdadeiros amigos, vivendo este homem em hum paiz,

que não seja a França? Como he possivel que lhe falte hum emprego, que lhe sirva de esteio ao menos a huma parca existencia! E ainda que seja mesquinha, curta e laboriosa sua fortuna, como são sólidas as bases sobre que se funda, e estabelece, esta mesma fortuna prospera, e cresce, e muitas vezes se costuma transmittir muito avantajada a seus successores.

Vejão-se pelo contrario os velhacos, os rapinantes, os aguias-francezas, e esses milhafres de toda a gerarchia, que empolgão os arpeos, com retorcidas garras sem ceremonia nenhuma á direita, e á esquerda, e enchem até arrebentar, o papo de fazenda mal adquirida, de que maneira poderão inspirar confiança, ou confidencia; como poderão grangear a estima pública; como poderão conseguir, e conservar amigos! Como poderão formar pertenções á consideração, e á honra! Como poderão viver tranquillos, e contentes, e gozar em paz da fortuna tão mal adquirida? Vivem desprezados, e malditos no co-

ração de todos; são abandonados, e deixados, se a roda lhes desanda, e dão algum tombo para a desgraça. Se fosse possivel aos homens nascer, e viver duas vezes neste mundo; viver de huma vez a vida do homem velhaco, e immoral, ainda que afortunado, e depois viver outra vez a vida do homem recto, e justo, ainda que desgraçado, não se póde duvidar, que no fim de huma, e de outra carreira, decidindo-se o homem com conhecimento de causa, acharia sempre preferivel, ainda pela unica razão de viver melhor neste mundo, a vida do homem justo. São tão enganadores, e mal seguros, e sempre turbidos os prazeres do malvado; ainda que na superficie estrondosos, e brilhantes; e he tão estranha, e incompativel a sua vida com as boas affeições naturaes que são o mais doce, e necessario tempero de todos os prazeres; e he tão cercada de inquietações, e de temores, tão ameaçada de accidentes funestos, que sempre está em vesperas de ruina, e de desamparo. E de outra parte a vida do ho-

mem de bem he tão placida, e serena; tão socegada, e tranquilla ainda no centro das privações, e da miseria; e adoça-se tanto com a estima, com a amizade, com a piedade, e benevolencia; e estas consolações sentimentaes tem em si tanto sabor, e tanta ternura, e tudo isto he tão aformoseado de hum prospecto de coisas melhores que o enfeita, e o perfuma com todas as flores da esperança, que se póde concluir sem receio de errar, que daquella mesma maneira, que o que acaba de viver, deseja ter vivido a vida do justo, assim tambem, quem começasse a viver com conhecimento de causa escolheria viver igualmente a vida do justo, e não se deixaria deslumbrar do enganoso prazer, e do falso brilhante da vida immoral; isto he seria mais prudente, mais acautelado na escolha dos meios para conseguir o fim dos seus verdadeiros interesses. Desta maneira fica destruido o paradoxo de Jaques, que posto o queira demonstrar, prescindindo da futura existencia do homem; ainda considerado o mesmo homem

de têlhas abaixo, sempre o seu verdadeiro interesse he a virtude, e só ella o póde encaminhar, e conduzir á verdadeira felicidade, ainda aquella, que se limita ao tempo, e não considera a nossa futura, e infallivel situação.

SOLILOQUIO LXIII.

Berrou ha annos a fama, e as gazetas tambem berrárão com o nome da celebre improvisadora Florentina, chamada Corila Olympica. Qualquer talento em huma mulher moça, e de bons bigodes sempre avultou muito, ainda que fosse pequeno, e trivial; e depois que ellas se resolvêrão a deixar a agulha, e o fuso para que fôrão creadas, e a metter-se na repartição das letras, empenhou-se a fama, e a lisonja em as levantar até ás estrellas. Começou este aranzel em França, e nesta nação hoje convertida em bandos de salteadores, vemos longo catalogo de matronassas illustres pe-

la literatura, e entre ellas muitas iscadas da manía dos versos. La Suze Deshoulieres, Ville-Dieu, tem seu lugar distincto, Chatelet filosofou á sua vontade, e mereceo o nome de madama Newtona, e nestes dias Stael, sahio-se com hum tratado de literatura, que se he seu a leva sem dúvida á immortalidade. Na Italia não tem havido poucas, nem pécas; o célebre Spalanzani ouvião lições de fysica, e historia natural da mais célebre Laura Bassi; mas nenhuma destas conseguio tanta nomeada como a Corila Olympica, que feita huma carcassa de 72 annos ainda improvisava, cantando com humas rugas, e hum tom de Sybila Cumêa. Cuidão muitos, que este talento de recitar de repente longas tiradas de versos, huns coxos, outros alcorcovados, sobre hum assumpto dado, e imprevisto, pertence exclusivamente aos Italianos, que nascem, vivem, morrem cantando, e gesticulando sempre. Ora dando por certa esta opinião, parece que este fenomeno procede de duas causas. A primeira he a faculdade de se dar

a si mesmo hum degráo de exaltação, capaz de excitar na alma huma multidão de idéas com huma rapidez tal, qual não póde ser percebida por hum homem, que tenha a imaginação fria, e tranquilla: a segunda causa he huma lingua abundante, e flexivel, de cujas fórmulas particulares a alma de antemão se haja apossado por hum longo, e aturado estudo. Este talento se tem universalizado prodigiosamente na Italia, assim como tudo canta, quasi tudo improvisa; e he prodigioso o numero de improvisadores, que depois do renascimento das letras tem apparecido nesta, hoje tão desditosa porção do globo. O mais célebre de todos foi o que appareceo em scena depois do anno de 1761, chamado Bernardino Perfetti. Este cantador de versos recebeo no Capitolio a coroa de loiro, que o governo Romano costuma de tempos a tempos conceder aos grandes filhos das Musas. Petrarca apanhou esta grinalda, que conservou sempre na cabeça por cima do capello de conego. O Tasso a mereceo, e

se lhe detreminou, porém para não sahir do circulo da desventura, em que existio, morreo na vespera do dia destinado para esta pomposa ceremonia. Nenhum improvisador antes de Perfetti tinha conseguido esta honrinha. Eu li já com muita attenção as obras de Perfetti em dois volumes em 8.°, onde vem todos os seus improvisos sobre os themas dados, huns extrahidos da biblia, outros da historia Grega, e Romana, o que me fez crer, que ou havia quem escrevesse quando elle improvisava, ou era dotado de memoria tão pegadiça, e tenaz, que nada lhe esquecia do que extemporaneamente recitava, ou erão trabalhados depois, e de seu vagar sobre os mesmos themas, ou assumptos dados. Com effeito se prescindirmos do merecimento da improvisão elles não erão capazes de o levar, nem ao loiro, nem á immortalidade, se os comparo com outros, que feitos de espaço existem em Italia se não de todo esquecidos, ao menos pouco estimados, como são as maravilhosas odes de Filicaia, as de Guido, e as de

Lomêne, e assim destribue o actual povo Romano aos versicantantes aquelles premios de folhas de louro, que o antigo povo Romano destribuia a seus heróes conquistadores no dia de seu triumfo!

La Signora Corila era nativa de Pistoia, mas vivêo quasi sempre em Florença, e nesta cidade era visitada até dos lords pequenos, que sahem da famosa Londres a correr a Italia, ainda se não sabe para que. Quando esta extraordinaria virtuosa cantava os seus extemporaneos versos o Violini Nardi a acompanhava, e eu ainda não vi improvisante, que não pertendâ, ao menos guitarra de companhia, em cujos sons os compássos de espera durão muitas vezes mais que a República Franceza, huma, e indivisivel, porque em fim as coisas não vão a matar, e com hum trote muito violento seccar-se-ia a musa sem remedio. A grande nomeada, que Corila grangeou em quasi todas as cidades de Italia, penetrou até ás marges do Danubio, que desejóu ouvir este cisne femea, e com effeito Francisco I.º a

convidou, e a recebeo em Vienna com grande destinção, e tornou de lá cheia de comprimentos, de saudes, e de joias. A Catharina II.ª imperatriz dos Russos, tambem lhe veio o appetite de ouvir Corila, e lhe mandou escrever, pedindo-lhe fosse de passeio até Petersbourg, mas a boa da mulher costumada a viver na atmosfera suave de Florença, e entre os perfumes de seus continuados jardins, temendo os rigores do polo, e o aspecto medonho dos ursos da Livonia, não acceitou os offerecimentos tão capazes de fazerem cossegas ainda ao maior desprezador da gloria mundana: porém o que ella desprezou entre as nebulosas serrações de Newa, alcançou nas risonhas margens do Tibre. Em Roma obteve a maior, e mais sobida gloria, a que póde aspirar a ambição poetica, foi recebida na academia dos Arcades, e nesta crisma recebeo o nome de Olympica, e depois de haver improvisado sobre diversos assumptos, na presença de doze examinadores, nomeados pela sociedade por hum Senatus-Consulto do Parnaso,

foi julgada digna do loiro. Com effeito recebeo no capitolio esta insignia no conceito dos vates mais appreciavel, e no meu tambem, que todas as aguias da legião, chamada de honra por antifrase, como é tal monte da Canção de Luiz de Camões; porém nunca vem a este mundo hum gosto completo; a mulher com a coroa de loiro na cabeça, e descomposta com huma tempestade de epigrammas, disse mal á sua vida; a mesma bataria tinha soffrido o seu antecessor Bernardino Perfetti; escandalosa injustiça na verdade; porém quem poderá marcar limites á inveja, e malignidade humana! O mesmo Petrarcha dois seculos e meio antes, se queixa dos mesmos procedimentos na horrivel perseguição, que lhe suscitou o loiro recebido.

Eu não decido sobre o merecimento dos improvisadores Italianos, porém se elles são similhantes a hum .... que veio aqui para merecer huma pensão do estado, creio que são mui pouca coisa, porque este nosso poeta de ordenado he igual a zero;

o tal talento destituido da magia do canto, dos sons da viola que o acompanha, he coisa nenhuma, e quem tiver ouvidos de ouvir conhecerá, que os taes improvisadores vendem gato por lebre, mastigão o que pódem, comem aqui hum verso, mastigão acolá huma rima, e vão por onde elles querem, quasi sempre dez legoas distantes do assumpto. Este espectaculo não he novo, nem estranho para nós os Portuguezes, em todas as provincias temos improvisadores, que se tivessem cultura, como tem verdadeiro genio, seria pouco o loiro que nascesse por essas azinhagas. Tenho observado verdadeiros duelos poeticos permanecendo os campiões na estacada noites, e dias inteiros, com huma affluencia, e estro verdadeiro. Alguns tem apparecido que ajuntão a este vulgar talento entre os Portuguezes o estudo, e a cultura, sobre hum mote desenrolão huma procissão de decimas, que no calor da recitação parecem alguma coisa, e he este officio tão antigo em Portugal, que daqui vem o proloquio « trovas de re-

pente. » Por presentimento da razão, nunca estas composições tiverão o nome de poezia, chamárão-se tróvas, e trovistas os seus authores, gente conhecida em oiteiros, noivados, salas de dança, sociedades de annos, eleições abbadessáes, etc. Destes genios, faceis, impetuosos, e promptos nada tem sahido, que permaneça; as obras de pulso que temos se devem a engenhos tardos, repousados, e frios na composição. Doze annos levou a Stacio a Thebaida; trinta a Sannazaro o poema de *Partu Virginis*; quinze a Syphilitica Fracastor. Milton paria quarenta versos de noite, e pela manhã á força de emendar, e de polir ficavão reduzidos a dez. O Tasso trabalhou na Jerusalem desde os 22 annos de idade até aos 42, e apezar disto, o vulgo applaude mais a hum oiterista pela maravilha que lhe causa vêr repentinamente huma difficuldade vencida, a qual o habito torna tão facil, que lhe foge por isso mesmo o merecimento, e converte-se em profissão ridicula o que parecia hum dom extraordinario da natureza. Na cor

te polidissima de Leão X.º appareceo hum destes trovistas, que pela continuada tormenta de rimas, que espalhava foi chamado o archipoeta, e quando o pontifice lhe deo esta honrosa nomenclatura, disse elle improvisamente:

Archipoeta facit versus pro mille poetis,

Leão X.º acabou o distico com o seguinte:

Et pro mille aliis archipoeta bibit.

De ordinario este subitaneo furor de Apollo, anda acompanhado como outro não tão subitaneo furor de Baccho.

Outro fonomeno de engenho desejava eu observar na República das letras, que vem a ser hum homem, que consumado em estudos, e com a alma tão innundada do caudoloso rio da erudição, tão possuidor de sua maternal linguagem, de imaginação tão fertil, e em cujo espirito se succedessem tão rapidamente as idéas

humas ás outras, que sem nenhuma preparação prévia sobre qualquer assumpto dado de moral, e na esfera da religião sobre qualquer misterio, improvisasse hum discurso regular, conforme as mais escrupulosas leis da arte de persuadir, que durasse huma hora, e acabado este discurso, com algum intervallo não para meditar, mas para repousar, começar sobre outro assumpto dado novo discurso, que parecesse meditado, escripto, decorado de longo tempo. Esta maravilha nunca appareceo em França, e se vio huma só vez em Italia em hum só discurso desta natureza improvisado por capucho de barbas, chamado Serafim de Vicença. Derão-lhe hum texto ao subir do pulpito, e era este: *Pulcritudo ejus filiæ regis ab intus* » discorreo maravilhosamente sobre a perfeição interior do espirito: mas não se tornou a metter n'outra, sahindo-se tão bem deste primeiro ensaio. Ora este fenomeno não visto até agora, existe vivo, são, e robusto em hum canto de Portugal, tão esquecido, ou tão pouco notado co-

mo se estivesse morto. Habituou-se de tal maneira a discorrer improvisamente, que já não póde de outra maneira discorrer em público. Constituido em acção começa o discurso, e escaldando-se-lhe progressivamente a fantesia, vão succedendo-se em ordem idéas sempre novas; a proposição, ou proposições estabelecidas, são demonstradas com todo o rigor mathematico sem secura, mas com toda a pompa, e fertilidade da eloquencia, este homem pára de cançado e não de exaurido, e acommodada que seja esta fervura, e tornando o entendimento a equilibrar-se não se lembra nem de huma só palavra que pronunciasse, e fica por grande espaço em tal inacção, que se assimilha á verdadeira estupidez; eu não sei apontar qual seja a razão desta extraordinaria maravilha.

SOLILOQUIO LXIV.

Sempre fixárão poderosamente a minha attenção no perdido tempo de minhas teimosas leituras, as descripções, e as memorias sobre o Egypto, paiz o mais célebre do mundo, e que a cobiça, e rapina Franceza não quiz deixar intacto, ainda que lhe custou tão cára a curiosidade. O author das memorías sobre a America, e Americanos, he tambem author das memorias sobre os Egypcios, e Chins, entre os quaes descobre huma perfeita similhança. O consul Maillet, que depois com a anagrama de Tilliamet, escreveo mil destemperos sobre cosmologia, nos annos em que existio no Cairo compôz a sua descripção do Egypto, que tem hum indisputavel merecimento. Wolney tambem nos impurrou depois das ruinas de Palmyra, as suas visões sobre o Egypto, e Syria. Bruck de mistura com as viagens aquella tão esturrada parte de

Africa, que se chamá o imperio dos Abexins tambem nos dá grandes informações do alto, e baixo Egypto; e finalmente Savary fez a coisa de maneira, que acabou de resolver os Francezes a tentarem aquella conquista, cuidando, que achavão alli as minas de Catapreta, e as do Serrofrio, mas ácharão só pedras humas em cima das outras, o terreno disputado palmo a palmo, e á entrada e sahida as bombardas Inglezas, que lhes fizerão dar ao diabo a cardada. Os Romanos já tinhão começado a basculhar este encantado paiz; ouro, prata, livros, tudo dalli conduzírão, e não farta a sua magestosa cobiça, creio que não ha hum obelisco, huma pyramide, huma agulha nas praças de Roma, que do Egypto não fosse conduzida. Sempre dei em vão com a cabeça pelas paredes para atinar com o modo com que os Romanos dalli acarretárão a columna de Trajano como quem traz hum pão emprestado debaixo do braço, Os nossos modernos Archimedes com todos os seus conhecimentos em mechanica, com

todas as suas roldanas, e cabrias, não farião dar hum passo a esta desmedida almanjarra, que a mestrança Romana poz a pino á custa de milhões de quatrini. Não deixárão no Egypto bocado de porfido que não trouxessem para a Italia, com muitas saudades das pyramides, que não podérão desalojar do lugar que occupão, e levão geito de occupar ainda por alguns milhares de seculos. As ruinas do Egypto ainda existentes são bem capazes de mortificar o orgulho Europeo, e não ha que se lhe opponha mais que as estatuas de ferro coado, que Fernão Mendes vio em Pekin. Thebas de cem portas no circuito de suas muralhas, Menphis, e suas pyramides, Alexandria, e seu farol forão successivamente as capitaes do Egypto, e estas tres épocas trouxérão comsigo huma mudança muito sensivel nas artes desta nação verdadeiramente acabada. Custar-lhe-ha agora a abrir hum poço áquelles mesmos Egypcios, que construírão o lago Mœris com maior ambito, que tem Portugal! Os Thebanos pelos [illegible]

tos immortaes, que ainda se observão, e que nem o tempo á força de amontoar arêas, nem os Arabes mutiladores podérão ainda destruir, tivérão huma architectura unica no seu genero. Nobre simplicidade, cazada com huma fortaleza em que o tempo debalde intenta metter dente. Eis-aqui o que distigue os edificios de Thebas, tudo o que ainda resta he de grandeza colossal, e com effeito considerando bem as enormes máquinas, que ainda se conservão a pino, póde dizer-se, que esta cidade famosa fôra edificada, e habitada por gigantes.

A colonia Ethiopica que veio estabelecer-se no que se chama alto Egypto, luctou por muito tempo contra as formidaveis enxurradas do Nilo, e com huma arte superior áquella com que os Batavos forão ganhando terreno contra os ataques do Oceano, o obrigárão a reconhecer margens, e a correr mais direitinho, e mais manço para o mar. Não obstante esta operação, elles conhecerão a necessidade de edificarem com segurança, e for-

taleza em hum terreno sempre ameaçado pelo inquieto Nilo, que não diz agua vai, que se entona, e incha extemporaneamente. A esta causa devemos attribuir os movimentos maravilhosos da Thebaida, e a invenção daquellas máquinas engenhosas, e que tanto confundem a soberba de nossos pigmeos architectos, com que os Egypcios levantavão, e transportavão aquellas maças enormes que até o dia de hoje se conservão de pé. O célebre author das memorias sobre os Egypcios, e Chins, encontra grande analogia entre estes póvos pelas suas obras, e Fernão Mendes diz, que vira pontes de huma pedra só, por cima das quaes passava em linha de batalha hum esquadrão de cavallaria, e tudo o que diz Fernão Mendes he a mesma verdade nua, e crua. Ora he preciso advertir, que as pedreiras de que os Egypcios tirárão o granito precioso, de que construírão seus edificios erão mui proximas aos lugares em que edificavão; eis-aqui huma das razões, que facilitou a sua magnificencia, e grandeza. Parece-me que deve exis-

tir hum motivo desta soberba pompa, que se admira ainda em os restos dos edificios Egypcios: este povo habitava hum paiz, onde se observão os mais extraordinarios fenomenos da natureza, e são verdadeiramente admiraveis as elevações, ou enchetes do Nilo, a observação destes fenomenos dá huma especie de elevação ás idéas, coisa que eu em mim sinto, e observo á vista de huma furiosa tormenta no mar; esta he a razão, por que tudo quanto fizerão os Egypcios he grande, grave, e emblematico.

Com tudo ainda que tivessem estas gigantescas obras em architectura; a pintura, e escultura entre os Thebanos não chegou áquelle gráo de perfeição, a que se elevárão estas duas artes entre os Gregos, e os Romanos. Nas pinturas Egypcias, que os cavadores antiquarios, (gente que dará a camiza do corpo por hum calhão affeiçoado que tenha tres mil annos) tem descoberto, não se observa nem vida, nem expressão, as proporções, não são exactas nas figuras humanas, os braços e as mãos são tão

compridos como os d'elrei D. Manoel, os membros mal modelados, grosseiros e redondos. As feições do rosto nunca são bem expressas, toda a fysionomia Egypcia he perfeitamente similhante á Chineza, ha grande analogia entre estas duas nações. Eu vi em casa do duque deLafões hum busto apanhado em huma escavação no Egypto, que parecia o retrato de hum automato, e este defeito se descobre em todas as estatuas encontradas naquelle paiz. Nas figuras dos animaes que são innumeraveis nos gereoglificos todas as extremidades são principiadas, mas não perfeitas, nem acabadas. O que resta da pintura tem muita vivacidade, e hum excellente colorido como os quadros Chinezes, mas não ha graça, nem verdade nas aptitudes, e naquillo a que os Italianos chamão panegiamento, e poucas, ou nenhumas idéas do claro obscuro, ignorão que coisa seja a destribuição das sombras. Os objectos que datão os primeiros tempos da fundação de Thebas, cheirão ao gosto de todos os povos novamente forma-

dos, todos tem o mesmo estilo, e a mesma negligencia.

Em Menphis, outra porção do Egypto, mais se aperfeiçoárão as artes da pintura, e da escultura, porém a architectura (segundo os monumentos existentes) perdeo o gosto puro, e a magestade da architectura Thebana: as grutas sepulchraes, que ainda se encontrão nos arredores desta vasta cidade, e por todas as visinhanças das pyramides, não tem a belleza, nem o apuro das que se encontrão junto ás ruinas de Thebas. Alexandria, terceiro emporio do Egypto, foi fundada por hum conquistador, que era amigo, e apaixonado dos fastos, da magnificencia, e desde sua fundação, até a sua ruina, foi sempre o centro das artes, que chegárão ao mais subido gráo de perfeição. Em suas obras se admirou ordem, coisa que era até alli desconhecida no Egypto. Os Ptólomeos trouxérão da Grecia, sua patria, o puro gosto da elegancia, e ligeireza, o que se começou a observar em as novas construcções de Alexandria, e que ainda hoje se descobrem

entre os miseraveis restos, que existem. Nas obras de escultura, assim como nas de architectura, não appareceo mais aquelle ar sombrio, e triste, que caracterizavão as obras das duas primeiras capitaes; mas este floreado dos edificios Alexandrinos, prejudicou muito á sua solidez, e duração. As pyramides não tem huma beliscadura, e os palacios, os templos, e as estatuas de Alexandria estão feitos em pedaços, e alguma coisa, que os novos hospedes Francezes lá encontrarião ainda em pé, não he para se comparar com os maravilhosos restos da grandeza, e magnificencia Thebana.

As artes de imitação vem sempre depois da sciencia; a maior perfeição dos edificios, e monumentos de Roma veio depois de estabelecidas, e cultivadas as sciencias no seculo de Augusto. Assim no Egypto, primeiro este paiz foi berço das sciencias, que fosse o domicilio, e morada das artes. Segundo os monumentos existentes da historia antiga, a introducção, e a perfeição das sciencias no Egypto at-

tribue-se a Hermés, e as mesmas historias fazem menção de tres Hermés não menos. O primeiro foi hum homem adventicio, e estrangeiro, este trouxe para o Egypto as sciencias de outro povo mais illuminado. Todas as nações datão o seu começo de hum estrangeiro que as conquistou, ou doutrinou. He provavel que o segundo Hermés fosse hum Egypcio dotado de genio superior, que aproveitando-se das noções dadas pelo primeiro, acrescentasse com as suas á somma dos conhecimentos scientificos. Com hum similhante genio se costumão levantar, e engrandecer os povos, e chegar ao cumulo da prosperidade. Mas não sei porque fatalidade muito vulgar, depois dos homens grandes, começão de apparecer os grandes charlatães; nós o vimos presentemente em França, depois dos estrondosos sábios, apparecêrão os impostores. O terceiro Hermés foi deste caracter, ou desta abotoadura; ao menos a este charlatão se attribuem todas aquellas instituições, que fizerão do Egypto inteiro hum enigma

inexplicavel. Este, archicharlatão estabeleceo a linguagem gereoglifica, que cobrio as paredes, e as columnatas dos templos de emblemas misteriosos conhecidos, e entendidos pelos sacerdotes, e inintelligiveis ao povo grosso, e miudo. Os symbolos da sabedoria, se tornárão tambem em symbolos da superstição. A multidão das figuras, ou garatujas enigmaticas, produzião a multidão dos Numes, e vio-se o Egypto prostrado diante de todos os animaes, e até nos quintaes, e nas hortas lhe nascião divindades, hum alho, e huma cebola, diz Juvenal, testemunha de vista, erão para os Egypcios santos de muita devoção, e ião fazer romarias a huma abobora menina, e a huma beringella. Este mesmo legislador, instituio os misterios, e aquellas representações de impostura, que os sacerdotes Egypcios fazião em segredo no fundo escuro de vastos subterraneos inaccessiveis aos profanos, imagens vivas da canalha dos pedreiros livres. No meio destas sombras, e deste silencio se revelavão aos iniciados todos

os gereoglificos, e os dogmas mais occultos da religião, da fysica natural, da legislação, da astronomia, e a tudo isto se ajuntava o contrapeso das fabulas antigas. O Neophito instruido com todo este misterioso apparato, era considerado como hum homem superior aos outros, e os sacerdotes dando-lhe huma palmada na anca, quando o despedião, lhe dizião « Desde este instante tu ficas conhecido das potencias celestiaes, descobrirão-se-te as leis do universo, teus pés pizão o tartaro, os astros responderão á tua voz, e as estações submissas a teu imperio tornárão, e se succederão com hum passaporte teu, os elementos todós ficão desde hoje ás tuas ordens como teus creados. »

Notavel Egypto! Deste procedimento ainda se conserva huma sombra na China, os sábios tem huma linguagem privativa, e peculiar, que he incognita ao povo. Tudo alli são cortesias, ceremonias, symbolos, e garatujas nas suas escripturas. Os Egypcios quizerão até eternizar os seus defuntos. Tem-se visto mumias

conservadas ha quatro mil annos, e os cadaveres tem durado tanto como as pyramides.

SOLILOQUIO LXV.

Depois das cinco pedradas, que Antonio Vieira apresentou na cabeça do gigante mundo, que assim chamou elle a infeliz Roma, começárão os Romanos a ter alguma consideração por este homem, que sem dúvida tinha imaginação fertil, engenho agudo, e não pouca labia. Os créditos, e authoridade da companhia o introduzírão até na sociedade de Christina, rainha de Suecia, mulher dada ás letras, apreciadora dos sábios, e mui dotada da virtude da paciencia em os ouvir, e aturar, coisa sobre maneira ardua. Seu palacio era huma academia, a boa rainha entre questões litgrarias abafava a saudade do abdicado sceptro, abdicação, que nunca deixou de pro-

duzir arrependimento, esta mesma extraordinaria mulher, que em Stockholmo ouvia todas as madrugadas a Descartes, não se dedignava de escutar em Roma todas as noites os padres da companhia, e os virtuosos de musica: entre as questões agitadas, e que davão lugar a bons, e máos discursos, se levantou huma lebre de grande acatadura, e o que pareceo objecto só capaz de fazer luxuriar os engenhos, era huma das mais serias questões de moral: convem a saber, se os homens, e suas acções merecião riso, ou merecião lagrimas? Isto he qual dos dois mestraços Gregos tinha mais razão Heraclito em chorar, ou Democrito em rir? Destinárão dois campiões para entrar em campo, armados de todas as subtis armas do engenho, e recahio a escolha sobre os jesuitas Jeronymo Cataneo, e Antonio Vieira: o Portuguez fanfarrão deo a escolher a seu competidor a parte que lhe fizesse mais conta, o Italiano escolheo bem, e o Portuguez houve de sustentar huma sem razão, ou hum paradoxo; he com effeito engenhoso

seu discurso, e o homem era capaz de sustentar o prò, e contra. Os nossos discretos sempre applaudírão muito as razões de Vieira, e com effeito ha alli agudezas dignas das antigas grades de freiras, ainda que fossem de Odivelas, presedidas pela incomparavel Feliciana de Milão, ou a da Rosa, animada por Violante do Ceo (doces tempos, e dias aprazíveis para Portugal, a que succedêrão os dias vandalicos de Buonaparte, e seus confrades!) Mas tornando ao brinco de engenho, eu digo, que se tratou hum grande problema em moral, e que asneára bastante o jesuita Portuguez.

Quando os Gregos começárão a tratar da mais util, e verdadeira filosofia, que he a moral de que houvè depois tantas escólas na mesma Grecia, que produzírão homens tão grandes como Socrates, Epicuro Antisthenes, Diogenes, Cratés, e em Roma o mais sublime dos filosofos antigos, e modernos Seneca; apparecêrão dois filosofos de barbas, hum nasceo em Epheso, e se chamava Heracli-

to; outro nasceo em Abdera, cidade da Thracia, e se chamava Democrito, cujos livros se existissem, veriamos quam pouco se tem adiantado os mais afamados modernos sabichões. Estes dois pregoeiros da sabedoria, empenhavão-se em emendar os homens, e em os fazer melhores (tempo perdido, tenho visto que são incorregiveis, quando se lhe querem sarar os podres com remedios humanos, e cá de telhas abaixo!) Ambos os filosofos se persuadírão, e com bem razão, que para este fim os discursos são menos efficazes que os exemplos, e que as acções: o primeiro, que era Heraclito achava os homens tão fracos, e tão miseraveis, e elle era de coração tão mavioso, e assucarado, tão terno, e adamado, que quando considerava a sorte, e condição dos homens, chorava como huma criança. Eis-aqui a quem achou razão Antonio Vieira, e a quem pertendeo defender. O outro considerando todas as acções dos homens, seus negocios, seus projectos, e acontecimentos como outras tantas loucuras não acabava de dar garga-

lhadas: (que faria se elle com o genio de advinhador, que tinha visse agora em Lisboa os apaixonados de Buonaparte!) Ora eis-aqui duas estradas, ou dois meios bem oppostos para chegar ao mesmo fim. Qual delles era o preferivel? He melhor rir, ou he melhor chorar sobre os destemperos humanos? Eu sempre direi a quem mo quizer escutar, que he muito melhor rir, e rir deveras. Quem bem pezar as parvoices humanas, quem bem ponderar a grande dóse de demencia, que nos coube por carta de partilhas de nosso primeiro pai; conhecerá que o homem nunca poderá ser tão bem desprezado por sua indita vaidade como merece. O riso, e o motejo são os mais vivos signaes de desprezo, que podemos dar. As lagrimas, e a comiseração suppõe algum preço, e valia na coisa que se chora, e de que nos compadecemos: pelo contrario as coisas de que fazemos escarneo, e de que nos rimos são para nós de bem fraco preço, ou as julgamos bem fraca fazenda. He preciso como Democrito considerar os homens

por este lado, porque na verdade em todas as acções humanas, ha mais vaidade, que reaes desventuras, e erradamente chamamos infelicidade, ao que he ou malicia, ou toliçe. Somos mais tolos que máos, e menos miseraveis, que vis. Isto na verdade parece duro, ainda que na opinião da minha melancolia, sempre direi considerando agora as parvoices que os Francezes commettem entre nós que cada Portuguez deve ser como o Jupiter de Juvenal, que considerando os homens, *ridet, et odit.* Ora pois, ainda que eu seja mais inclinado ao partido de Democrito, e que o defenderia em campo fechado, ou aberto, sempre direi, que nem Democrito, nem Heraclito tinhão razão, porque se o homem he desprezivel por sua vaidade, se elle he louco por natureza, se aos maiores engenhos (quando se trata de coisas humanas) sempre está misturada huma grande porção de loucura, o homem não merece lagrimas, nem merece riso, porque elle he o que he. Pelo contrario se o seu fundo, ou capital he bom, e se elle abusa muitas

vezes de sua razão, e de suas luzes, he preciso, e razoavel, que nos condoamos de seus erros, e miserias sem desatar nos berreiros, ou choros de Heraclito, porque he preciso sentir o bem que elle perde por huma conducta, que elle poderia reformar. Tal era o termo que devia seguir hum terceiro campião, que se juntasse aos dois combatentes jesuitas. Quando ponderei a futilidade das razões de ambos, lembrou-me dizer:

Formica, et Musca contendebat acriter.

Com effeito apesar da antithese destes dois filosofos riso e pranto, ambos elles fôrão estimaveis sugeitos, e no meu conceito o mais sábio de todos os Gregos foi Democrito, n'outro lugar apparecerá esta grande verdade. Hum, e outro filosofo, quizerão fazer conhecer aos homens seus erros, e defeitos, e ambos elles annunciárão grandes maximas em moral: a mais notavel de Heraclito foi dizer, que a maior virtude do homem he o proprio

vencimento, e que a suprema sabedoria consiste em ser verdadeiro em suas acções, e em seus discursos. Democrito com a sua cara de riso, proferio oraculos em moral, que deixão de queixo cahido os mais authorizados epitéctos, que se lhe seguírão. Disse que a sabedoria, que vem a dar no mesmo que a tranquillidade da alma, era coisa de si tão preciosa, e estimavel, que quem a chega verdadeiramente a possuir, nada teme, de nada se admira, e goza de tudo, porque quando o homem social sabe compôr seus costumes, regular e ordenar bem suas acções, moderar e reprimir seus desejos, póde sem dúvida contar com aquella felicidade, que he compativel com esta mesquinha mortal existencia. Este grande principio encerra em si tudo quanto o mestre Socrates depois ensinou, e que lemos escriptos com tanta pompa em os dialogos de Platão. Mas que se tira de querer ensinar, emendar, e aperfeiçoar os homens? Tirão-se boas esmolas, as que tirou Democrito, que o declarárão doido, e digno

de tres Anticyras, e dérão com elle amarrado em casa de Hyppocrates para o acabar de matar. E que succedeo a Socrates? Por querer tirar a máscara, e descobrir a impostura aos sophistas, canalha inextinguivel, que debaixo das flores da vã eloquencia corrompião a alma, e coração dos mancebos, pagou com a vida os serviços que intentou fazer á juventude, e á humanidade inteira. Metão-se lá a reformadores do genero humano! Não ha mais remedio que deixar os homens, nem escarnece-los, nem chora-los, lá se avenhão.

SOLILOQUIO LXVI.

Ainda que eu me haja muitas vezes encolerizado contra as sciencias; ainda que atribua a estas sciencias grande parte dos males que a humanidade tem soffrido e soffre, porque os homens abusão até do que póde ser mais util, mais respeitavel, e mais sagrado, e convertem em seu damno o que lhe podia causar assignalado proveito, ainda que eu veja, que as sciencias tem servido a alguns do mesmo, que o vinho serve a muitos, que podendo contribuir para a nutrição os embebeda, e lhes faz perder o pouco bestunto que tem; com tudo não deixo de lhes conhecer grandes vantagens. Podemos tambem tirar das sciencias proveito como das viboras, e do rosalgar se tirão alguns medicamentos. As sciencias humanas, de que sempre fallo,

são huma especie de divertimento para os engenhos, que com ellas se sabem divertir. Considera-las debaixo de outro aspecto, he querer perder a tranquillidade do animo, que he o maior bem da vida humana. Ora considerando-as como divertimento, feliz daquelle que se vir iscado do desejo, gosto, ou manía de as possuir. Muito juizo tenho achado aos homens authores, que dérão a seus trabalhos literarios, e lidas a tarefas scientificas o nome de « Recreações! » Já vi livros, que se dizião « As minhas recreações dramaticas, as minhas recreações filologicas, a minha recreação filosofica » e causou-me espanto vêr que o judeo Ozanam deo ao maior quebra cabeça dos mortaes que são as profundas sciencias exactas, o titulo de « minhas recreações mathematicas. » Quando se tomão por divertimento, e recreação não ha outro melhor, porque de todos he o mais facil, e o de menos despeza; sempre dei por mais bem empregado hum crusado novo em hum livro, que em hum bilhete de opera: a leitura do livro

por máo que fosse me occupava mais tempo da noite que a desenxabida burleta de S. Carlos. Este divertimento scientifico (que he divertimento para quem he) assim como envolve menos despeza, he o que acarréta após si menos pezares, e o que faz correr mais docemente os dias de nossa vida, dias pesados, e longos para todos aquelles, que não contão a occupação do espirito em o numero dos prazeres. Os prazeres não se pódem gozar sem companhia, e não he hum prado rizonho, viçoso, e ameno, se não tivermos junto a nós a quem digamos « que agradavel campina, ou que bella relva para huma merenda » como disse hum monge daquelles a quem tão injusta, como falsamente se attribuem tantas parvoices. O estudo se acha na solidão mais absoluta. Seneca entre os rochedos da malvada Corcega, achava paz, e companhia deliciosa no estudo, e contemplação da natureza. O estupido, e imbecil Claudio me póde privar das delicias, e do espectaculo de Roma, mas não me póde privar, dizia elle,

do pomposo, e insigne espectaculo da noite, quando limpa de nuvens me appresenta á vista o vasto espaço semeado de milhões de sóes. O grande Bolyngbrocke para divertir os pezares, que lhe devia causar sua justa exclusão do ministerio, tomou por divertimento, diz elle a Pope, seu amigo (o que póde o amor do divertimento literario, que até faz que hum secretario de estado em desgraça tenha amigos!) que tomára por divertimento, desenvolver as mais intrincadas questões metafysicas! Immortalizou-se por seus escriptos, aquelle que sem este divertimento ficaria com hum nome obscuro, no catalogo ainda mais obscuro, dos ministros desgraçados. Ainda se pódem tirar outras vantagens do estudo como divertimento, se o homem dado a elle conforme a posição de seu estado adquirir verdadeiros conhecimentos para descernir o bem, para conhecer o util, procurando não ficar ignorante sobre o mais necessario, que he a moral, depois do seu divertido trabalho em revolver, e estudar os livros. Porque não fal-

larei eu de mim, fallando comigo! Ha certa modestia hyppocrita, que he huma rematada loucura! O estudo da sabedoria, e o conhecimento da verdade, e mais util filosofia, que he a moral, me constitue livre, quando me mostra os meus verdadeiros deveres, faz que eu viva a meu commodo, ensinando-me a dar o verdadeiro preço ás riquezas, ella me levanta acima do alcance da fortuna, descobrindo-me a frivolidade das honras mundanas; as segura a tranquillidade de meus dias, inspirando-me o amor do retiro; ella occupa em minha alma o lugar dos prazeres vasios de felicidade; suffoca em meu coração o desejo das quimeras da vaidade, que se não pódem tocar sem que se lhe dissipe o prestigio. Mas qual he hoje em dia o folgo vivo em quem o divertimento das sciencias produza estes effeitos? A maldita revolução Franceza, e todos os seus derivados, desordenárão, deslocárão tudo, e derão com tudo de pernas ao ar. Huma geral, a universal ignorancia, será por muito tempo o resultado deste in-

fernal abalo, que o furor de hum punhado de mentecaptos deo ao mundo inteiro. A geração actual vai continuando a existir desprovida já dos primeiros conhecimentos, e he incapaz de estudar outra coisa, que não seja o armazem da mentira, e estupidez, que se chama a gazetta, e os mancebos, que os pais algum dia conservávão nas aulas, se alguma vez se esquecem da mania militar, he para se darem ao importante estudo da vistosa walsa em huma sala de coices. Estancárão-se as fontes do saber, e a razão que se costumava desenvolver pelo estudo da boa filosofia ficará sempre na infancia, ignorando os meios de remover os erros, e de conhecer a verdade, tornará o imperio do vandalismo, e a ferocidade barbara será a partilha dos que chegarem daqui a vinte annos, se alguma causa poderosa não aquietar o abalo, e convulsão em que anda o mundo por amor de Buonaparte.

Todas estas desgraças nascêrão do abuso das sciencias, porque se não considerárão como hum divertimen-

to, ou occupação pacifica, e o amor das innovações em moral levado até o excesso de atheismo, arruinárão a desgraçada França, e o imperio da barbaridade existente, nasce da nimia soberba scientifica. Tomára que os Francezes me dissessem onde estão, onde párão agora aquelles filosofos impostores, illustres reformadores do mundo, os grandes defensores da humanidade ultrajada? He esta a felicidade, que elles promettérão, e he esta a perfeição a que elles dizião, querião conduzir os homens? Insensatos, e complices dos tyrannos, se abastárão com elles do sangue, e das lagrimas de tantos miseraveis, arrastrando-se a traz de Buonaparte, e dos algozes, que o rodêão lambem até o pó em que este malvado deixa estampadas as plantas de seus pés, maldita seja a sua infernal doutrina, e toda a sua sciencia. Os conventiculos filosoficos servírão unicamente de utilidade ao crime, a virtude encontrou nelles seu verdadeiro algoz. Sim Ente Supremo, se o meu espirito podéra ser tão fraco, ou tão perverso,

que formasse dúvida sobre tua existencia, todas estas dúvidas se dissiparião como o fumo, depois que vi, que estes malvados filosofos a combatem. E nós os Portuguezes arruinados destes ladrões, discipulos estimados de taes mestres, vemos a nossa Patria oppressa do peso dos mais crueis infortunios, porém no meio destes males a minha alma se levanta com a idéa da divindade, reanima-se meu animo, a luta que sustento com tantos scelerados, não he para mim trabalhosa, porque a soffro na presença de hum Deos, que he vingador.

SOLILOQUIO LXVII.

O homem isolado, e solitario, que rompeo todos os laços, que o união ao mundo, e que fugindo delle se põe em certa distancia para o contemplar, e vêr livre do reboliço, e motim que o aturdia, e lhe fazia dar volta no miolo, está em estado de manifestar em liberdade todos os seus sentimentos, e idéas, sem aquelle constrangimento que he inseparavel das sociedades do mesmo mundo; nelle não se póde dizer a verdade nua, e crua, e manifestar segredos, que põe a calva á mostra aos homens refalsados, contrafeitos, lisongeiros, e mentirosos, he hum attentado horrivel. Mas eu só, eu fallando comigo mesmo muito á minha vontade, e satisfação, por que não direi eu a verdade? Sempre me embalárão, que a sciencia de viver no mundo, era hu-

ma sciencia indespensavel a todo o homem de educação, e que sem esta sciencia, que tem principios, axiomas, corolarios, não se podia viver com os outros homens. Aos doutores nesta faculdade, chamão homens do mundo. E que coisa será o homem do mundo? O homem do mundo, nem por isso foi sempre o melhor homem do mundo. E depois que se occupárão tanto os filosofos em reformar os costumes, e melhorar os homens, este caracter, que ao principio era só artificioso, se tornou verdadeiramente detestavel, e para confusão eterna dos fanfarrões filosofos, e reformadores, se está vendo, que o mundo quanto mais envelhece, tanto mais peiora, e se corrompe. Nos tempos de minha avó, o homem do mundo, que sabia viver, e queria conviver com os outros, não era obrigado mais que a lisongear, e podia fazer tudo isto com huma certa discrição, que lhe não era decorosa. Bastava que soubesse persuadir as mulheres, que erão bellas, e moças, coisa na verdade bem facil de persuadir ainda aos mais ve-

lhos dragões, e tediosas, e repugnantes tartarugas, para isso não era preciso ter a eloquencia de Lucio Crasso, e de Marco Tullio, bastava que soubesse dizer bem do novo candidato, que alguma admitta, e que não dissesse nem bem, nem mal daquelle a quem tivesse dado a sua demissão, podia estar seguro com estas qualidades, de que era hum heróe para com as mulheres, quero dizer, hum daquelles heróes que nada significão, e que servem para passar o tempo.

Mas para viver com os homens, houve mister sempre alguma coisa mais difficultosa; porém sabia-se o homem bem, tendo huma pequena dóse de arte, e de experiencia do mundo. Se era convidado para algum jantar, bastava que louvasse o cosinheiro e se se bebia huma zurrapa, dizer cheio de satisfação, ainda que fizesse estranhas caretas, quando acabasse de beber, que era melhor, que Madeira secca, ou Carcavellos legitimo. E se o dono da casa mettido a engraçado, dizia alguma parvoíce,

mais fria que huma noite da Laponia, bastava que soubesse applaudir, tapando a bocca com o lenço para mostrar, que estoirava de riso! Estes grandes caractéres são copiados literalmente de Theofrasto, que vivia trezentos annos antes da era vulgar. Vejão a que folhas isto vai; e que dourados tempos erão estes! Com tudo isto não se póde duvidar que os homens fossem sempre os mesmos, e em todas as partes do mundo, onde quer que tenhão chegado a hum certo gráo de cultura, e he hum erro considerar os homens como ligeiros, e inconstantes: mudão assim he, de penteados, de chapéos, de pantalonas, e de casacas, mas são constantemente os mesmos impostores, aduladores, e velhacos que sempre forão.

Com tudo depois de estabelecida, e arreigada a nova filosofia, e que a imperiosa, e pestifera França com suas modas, tem embutido aos homens seus pervertidos sentimentos, he preciso que o homem do mundo, e que tem a desgraça de querer vi-

ver com os outros, e frequentar as companhias, cujo officio he jogar, e fallar em Buonaparte, carregue muito a dóse de complacencia, da lisonja, da mentira, e até do desaforo, e se prepare para fazer maiores, e mais custosos sacrificios á decencia, e á moral. Se se falla de mulheres, se são moças, e bellas, já se sabe qual he o terceiro epitheto que se lhe deve ajuntar. Se algum não muito corrompido, se lembra de dizer na sociedade, que Luzia he cortez, e brilhante nas suas maneiras, mas que nem por isso deixa de ser virtuosa, e mor rigerada, e que Antonia he visitada, mas que nem por isso deixa de ser fiel ao marido, este homem he escarnecido, insultado, e mostrado com o dedo como hum imbecil; e se se obstina em defendr a honra, e reputação das mulheres contra alguma brigada de ociosos entulhadores de botequins do Rocio, ridiculos parlamentes, onde se decide da sorte da Europa, este homem, que ainda mostra conservar alguns restos de boa educação, que seus pais lhe dérão antes

da entrada das novellas Francezas neste reino, ouve logo citar hum longo rol de anecdotas em contrario, que tem sido religiosamente recolhidas, e classificadas pelos mais solemnes arbitros das conversações, e mais dignos da fé, que existem nas sociedades do aladroado voltarete, e incapazes, como he constante de produzirem huma proposição, que não traga em si impresso o respeitavel sinete da verdade. Por pouco que se escandeção na disputa, corre risco o pobre homem de ser desafiado para sustentar a deshonra, e descredito, como se desafiavão nos abençoados tempos da antiga cavallaria para sustentar a honra, e o crédito das mulheres.

Se se falla da religião entre meninos enlabusados com dois dedos de Helvecio, e Wolney, ou passeadores dois annos pelas margens do Mondego he preciso dizer que he huma impostura, e applaudir por força os apóstolos do atheismo; sua eloquencia he tão varonil, e tão vigorosa, e seus costumes são aliás tão puros, tão exemplares, e tão acreditados;

seu coração, e suas mãos são tão puras, e illibadas, que he preciso mostrar-se logo persuadido, e convencido, e ceder muito de pressa á grande força de suas razões. O homem do mundo, que quer viver bem com todos, não deve contradizer seus oraculos, e se se atreve a faze-lo, ou esgueirar-se da contestação, segundo os dictames da antiga prudencia, he considerado como hum homem de espirito debil, sem energia, e sem luzes, digno de viver entre velhos zoticos, e entre mulheres da antiga tarifa. A companhia escolhida do presente seculo, faz-se para espiritos fortes, e superiores, que chegárão á força de leitura de bons romances Francezes, e de profundo estudo das contradicções de Jaques, a livrar-se de toda a inquietação, e a roubar indestinctamente sem temor, e sem remorsos, e só lhes resta chegarem a realizar hum projecto perfeitamente analogo ao roubo, que vem a ser, promover hum pouco de anarchia, para se livrarem de certos pequenos inconvenientes, que ainda restão, como

por exemplo, as galés, e mais a forca.

Se nestas escolhidas companhias do seculo se falla dos governos, porque chegámos a tempos de se vêr tres illuminados publicistas, e economistas politicos em tres homens, que se ajuntem a conversar (já se sabe, que qualidade, ou que especie de governo se applauda, se promova, se preconize, que he o dos salteadores, que há quasi nove mezes nos vão deixando sem camisa no corpo.) Em summa, quemquer faz profissão de ser complacente, e de viver bem na sociedade, he preciso que faça a corte aos vicios mais communs, e dominantes, e que vá seguindo seus progressos até onde elles possão chegar. Huma pouca de liberdade em pensar, e depois em fallar, e depois huma pouca de liberdade em obrar, são coisas, que no dia de hoje vão ajojadas sempre, e para ser verdadeiro homem do mundo he preciso ser hum solemne velhaco, e se isto ainda he pouco, he preciso ser hum legitimo Francez. A differença, a imi-

tação das maneiras Francezas, que he o mesmo, que a depravação geral são coisas que se buscão em o homem illuminado, e capaz de admirar o grande Napoleão. Que symptomas de decadencia, e de ruina, tinha eu observado em Portugal ha huns annos a esta parte, quando devisava este tom em que os Portuguezes se comprazião tanto de permanecer! A que ponto chegárão estes illuminados, que se julgavão só dignos de figurar no mundo, de serem alma, e a vida das sociedades! Que atrazamento na moral, no estudo sério do homem, no conhecimento dos verdadeiros interesses da vida civil, e das obrigações reciprocas, que devião ligar os homens! Sem ser muito Gonçalo Annes Bandarra, eu pronostiquei o estado de aviltamento e de escravidão em que existimos, os males que pesão sobre nós, e as desventuras de que estamos sendo testemunhas! Eis-aqui o que me obriga a fallar só, a enter-ter-me de objectos indifferentes, e a passar em revista a pequenhez, a incerteza, e inutilidade das sciencias

humanas, as manías dos homẽns, as diversas ramificações do napolianismo, e a miseria destas chamadas luzes, que o infernal Jaques intentou espalhar.

FIM DO TOMO TERCEIRO.